



# sumário

## APRESENTAÇÃO

*Dossiê: Por uma Nódoa no Brim*

MULHERES EM REVISTA - A CONTRIBUIÇÃO FEMININA  
NAS REVISTAS DO CML E DA AML (1921-2021).....19  
*Elizabeth Madureira Siqueira (IHGMT/AML)*

POR ABORDAGENS MENOS CONSENSUAIS: UM EXERCÍCIO  
CARTOGRÁFICO POR OUTROS MAPAS E POSSIBILIDADES  
NARRATIVAS NO JORNALISMO CULTURAL DE MT.....73  
*Lawrenberg Advíncula da Silva (UNEMAT)*

A REVISTA LITERÁRIA PIXÉ NO PANORAMA DE  
PERIÓDICOS MATO-GROSSENSES.....95  
*Igor Paulo Rodrigues Pereira (UNEMAT)*  
*Helvio Moraes (UNEMAT)*

PERCEPÇÕES DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS E DE  
HERCULÉ FLORENCE SOBRE OS HABITANTES DE MATO  
GROSSO.....131  
*Déborah Pimenta Martins (UFMT)*  
*Renilson Rosa Ribeiro (UFMT)*

OS SUBSTITUTOS E O DISCURSO MILITAR SOBRE A SELVA  
AMAZÔNIA.....157

*Adriane R. Menegaz Veronese (UNEMAT)*

*Edson Flávio Santos (UNEMAT)*

O IMPACTO DAS LITERATURAS DE MARGENS  
CENSURADAS, A PARTIR DA ÓTICA DA IMPRENSA  
BRASILEIRA.....171

*Francisco Welison Fontenele de Abreu (UNEMAT)*

JOÃO DO RIO ENTRE O RÉS DO CHÃO E O ALTO DA  
MONTANHA.....193

*Fátima do Nascimento Varela (SEDUC/UNEMAT)*

OS ACASOS DO COTIDIANO: A MEMÓRIA NA CRÔNICA  
DA CIDADE, DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO/ LES  
CHANCES DU QUOTIDIEN : \_MÉMOIRE\_ DANS LA  
CHRONIQUE DE LA VILLE, DE IGNÁCIO DE LOYOLA  
BRANDÃO.....211

*Adriano Carvalho Viana (SESP/UNEMAT)*

*Walnice Vilalva (UNEMAT)*

*Rita de Cássia Oliveira (UFMA)*

NAS LINHAS DA NOTÍCIA: O DESPERTAR DE UMA  
ESCRITORA ENCANTADA - A CONTRIBUIÇÃO  
TRANSGRESSORA DE MARINA COLASANTI NA IMPRENSA  
DO JORNAL DO BRASIL (1962-73).....227

*Sara Freitas Maia Silva (UNEMAT)*

*Madalena Aparecida Machado (UNEMAT)*

*Nandara Maciel Leite Tinerel (UNEMAT)*

LITERATURA, HOMOSSEXUALIDADES E IMPRENSA NO  
JORNAL “LAMPPIÃO DA ESQUINA”.....251

*Carlos André de Alcântara da Silva (UNEMAT)*

*Samuel Lima da Silva (UNEMAT)*

ENTREVISTAS

A EDIÇÃO DE REVISTAS E SITES LITERÁRIOS MATO-  
GROSSENSES – ENTREVISTA COM LORENZO FALCÃO,  
EDUARDO MAHON E WULDSON MARCELO.....273

*Helvio Moraes (UNEMAT)*

DO IMPRESSO AO DIGITAL: ENTREVISTA COM DIVANIZE  
CARBONIERI.....287

*Vinícius Pereira (UFMT)*

*Matheus Antunes (UFMT)*

*Lívia Bertges (IFMT)*

## PALESTRAS

LITERATURA E IMPRENSA EM MATO GROSSO/  
LITERATURE AND PRESS IN MATO GROSSO.....317

*Eduardo Mahon (IHGMT/ AML)*

ALGUNS PERIÓDICOS DO MODERNISMO EM MATO  
GROSSO (1949-1952)/ SOME PERIODICS OF MODERNISM  
IN MATO GROSSO (1949-1952).....333

*Cristina Campos (IHGMT/ AML)*

## VARIAÇÕES

DUNGA RODRIGUES: AMÉLIA QUE ERA MULHER DE  
VERDADE.....347

*Elizabete Nascimento (SEDUC)*

LITERATURA E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DO IMPACTO  
DA REPRESENTAÇÃO HOMOERÓTICA NO CONTO  
“TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADOS A DAVID”, DE  
JOÃO SILVÉRIO TREVISAN.....369

*Vagner Batista Weis (UNEMAT)*

*Edinaldo Flauzino de Matos (UNIR)*

O TEATRO EM CUIABÁ – DO COLONIAL À NECESSIDADE DE  
PESQUISAS DECOLONIAIS.....393

*Flavio José Ferreira*

*Agnaldo Rodrigues da Silva*



Com as profundas transformações tecnológicas, de radicais e irreversíveis modificações na tecnologia da informação e comunicação, com uma variedade de recursos como dispositivos, aplicativos, redes de comunicação, o periódico absorve as mudanças das novas tecnologias, aderindo ao universo digital, reinventando-se e mantendo-se, seguramente, como um dos suportes de comunicação que atende às demandas de informação da atualidade.

Neste dossiê, *Por uma Nódoa no Brim*, perfila-se processo histórico e ideológico em que se aponta a importância do periódico como uma tecnologia da comunicação, conformando um processo de identidade e formato, rigorosamente, comprometidos com a difusão da informação, da democratização do conhecimento e da leitura; consolidando, portanto, o periódico como um aliado da ciência, das artes, dos artistas, escritores e da sociedade em geral.

É claro que o Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL/UNEMAT e o NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO/NDIHR/UFMT\_ não perderiam a chance de propor este debate; ao mesmo tempo em que celebram uma parceria histórica entre as duas instituições públicas brasileiras

(UNEMAT e UFMT). *Por uma Nódoa no Brim* poderia parecer um título criado por cinquentões nostálgicos e saudosistas dos anos 90 do século XX. Talvez seja, mas a maior e direta referência é ao *Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim*, cujas editoras assinam a organização deste dossiê que carrega no nome os belos versos de Bandeira. Aqui, sim, os cinquentões são mais que saudosistas, reverenciam a poesia e ao poeta Manuel Bandeira.

*Por uma Nódoa no Brim* é um dossiê, proposto por editores de periódicos, promovendo a reflexão sobre os estudos de periódicos, desde a historiografia da participação das mulheres nos periódicos até os novos rumos da literatura na imprensa digital. Os textos, artigos, palestras e entrevistas, demonstram que, da relação entre literatura e imprensa, se estabelece a defesa do direito à leitura, ao conhecimento na promoção e democratização do acesso à Literatura.

Abrimos este dossiê com Elizabeth Madureira Siqueira. A pesquisadora que assumiu o projeto de sistematização e organização do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, organizando o levantamento do conjunto de publicações em Mato Grosso. Neste artigo, MULHERES EM REVISTA - A CONTRIBUIÇÃO FEMININA NAS REVISTAS DO CML E DA AML (1921-2021), Elizabeth Madureira atravessa um século para refletir sobre a presença da mulher e a escrita nas Revistas do Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras.

POR ABORDAGENS MENOS CONSENSUAIS: UM EXERCÍCIO CARTOGRÁFICO POR OUTROS MAPAS E POSSIBILIDADES NARRATIVAS NO JORNALISMO CULTURAL DE MT, Lawrenberg Advíncula da Silva

aborda o papel do jornalismo e da literatura na perpetuação de memórias culturais que podem reforçar estruturas de opressão e exclusão, especialmente no contexto brasileiro e em Mato Grosso. O texto sugere que o jornalismo cultural, por vezes, reproduz uma visão elitista e distorcida da cultura popular, tratando-a de forma exótica ou ridicularizada, em vez de se imergir sensorialmente nessas realidades. Inspirando-se em autores como Boaventura de Souza Santos, Omar Rincón e Michel de Certeau, o ensaio propõe que a produção de memória cultural deve adotar práticas mais abertas, rejeitando categorizações rígidas.

A *REVISTA LITERÁRIA PIXÉ NO PANORAMA DE PERIÓDICOS MATO-GROSSENSES*, artigo dos pesquisadores Igor Paulo Rodrigues Pereira e Helvio Moraes, discute a relevância do periódico eletrônico, com sede na capital do Estado de Mato Grosso, com edições publicadas de março de 2019 a maio de 2023. Os autores salientam que, por ser uma revista independente, *Pixé* conseguiu divulgar a produção artístico-literária contemporânea com obras coletivas, abordando inclusive o desenvolvimento da literatura e da imprensa brasileira.

Em *PERCEPÇÕES DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS E DE HERCULE FLORENCE SOBRE OS HABITANTES DE MATO GROSSO*, Déborah Pimenta Martins e Renilson Rosa Ribeiro exploram como os viajantes estrangeiros Hercule Florence e Lévi-Strauss vivenciam situações similares ao encontrarem-se com os indígenas e transitarem pela cidade de Cuiabá. Logo, eles observam os costumes da região, registram e lançam seus olhares detalhando cada situação, episódio, espaço, formato físico, gosto e impressão. Ambos os viajantes descreveram a fundação de Cuiabá de

maneira similar, mas Florence apresentou uma versão mais fantasiosa.

Em OS SUBSTITUTOS E O DISCURSO MILITAR SOBRE A SELVA AMAZÔNIA, Adriane R. Menegaz Veronese e Edson Flávio Santos analisam o romance *Os Substitutos* (2023), de Bernardo Carvalho, explorando a interseção entre literatura, imprensa e vida social. A pesquisa, fundamentada em uma revisão bibliográfica, foca na reprodução do discurso colonialista presente no enredo do romance e em sua conexão com a campanha de divulgação do projeto de urbanização e ocupação da Amazônia, promovida pela imprensa entre 1964 e 1985, em revistas e jornais.

O IMPACTO DAS LITERATURAS DE MARGENS CENSURADAS, A PARTIR DA ÓTICA DA IMPRENSA BRASILEIRA, de Francisco Welison Fontenele de Abreu, investiga a relação entre literatura e imprensa, tendo por base a forma como revistas e jornais noticiam a censura a determinadas obras literárias. Deste modo, o autor comenta sobre o conceito de literaturas de margens e esclarece como se dá a censura a obras literárias na contemporaneidade.

JOÃO DO RIO ENTRE O RÉS DO CHÃO E O ALTO DA MONTANHA, da pesquisadora Fátima do Nascimento Varela, realiza um estudo do gênero crônica, travando um percurso analítico sobre a gênese da crônica e suas transformações com o passar do tempo e a sua relação com a vida e a obra de João do Rio, um dos maiores cronistas do fim do século XIX e início do século XX.

OS ACASOS DO COTIDIANO: A MEMÓRIA NA CRÔNICA DA CIDADE, DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO, os autores se dedicam à operação interpretativa e da representação literária da linguagem na crônica,

abordando a categoria da memória que desempenha um processo preponderante na narrativa, a partir do escritor Ignácio de Loyola Brandão (1936- atual).

No artigo *NAS LINHAS DA NOTÍCIA: O DESPERTAR DE UMA ESCRITORA ENCANTADA – A CONTRIBUIÇÃO TRANSGRESSORA DE MARINA COLASANTI NA IMPRENSA DO JORNAL DO BRASIL* (1962-73), Sara Freitas Maia Silva, Madalena Aparecida Machado e Nandara Maciel Leite Tinerel, investigam a produção jornalística no início da carreira de Colasanti, com destaque para os elementos de transgressão nos textos que produz para o *Jornal do Brasil*, principalmente as crônicas.

*LITERATURA, HOMOSSEXUALIDADES E IMPRENSA NO JORNAL LAMPIÃO DA ESQUINA*, de autoria de Carlos André de Alcântara da Silva e Samuel Lima da Silva, explora o periódico lançado em abril de 1978 até o ano de 1981, dirigido ao público gay, representando um marco para o ativismo dos direitos da comunidade LGBTQIAP+ no país.

Abrimos a seção de entrevistas com *A EDIÇÃO DE REVISTAS E SITES LITERÁRIOS MATO-GROSSENSES – ENTREVISTA COM LORENZO FALCÃO, EDUARDO MAHON E WULDSON MARCELO*. Em comemoração aos dez anos do suplemento literário *Nódoa no Brim*, os editores de três dos mais atuantes sites e revistas literárias de Mato Grosso são entrevistados por Helvio Moraes. Os editores falam da importância e da criação desses espaços, seus desafios para a difusão da leitura, na promoção da cultura literária, as experiências oriundas deste trabalho e suas expectativas para a cena literária mato-grossense.

*DO IMPRESSO AO DIGITAL: ENTREVISTA COM*

DIVANIZE CARBONIERI, a professora, poeta e contista Divanize Carbonieri é entrevistada por Vinícius Pereira, coordenador do *Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense – ALDMT*, Matheus Antunes e Lívia Bertges, colaboradores do *ALDMT*. A entrevistada fala sobre sua relação com os espaços digitais e com as recentes inovações tecnológicas, como o controverso uso da inteligência artificial na produção artística. Fala também sobre sua produção na cena literária contemporânea, especialmente aquela realizada em meio digital.

Na seção *palestras* proferidas no PPGEL, trazemos dois pesquisadores e escritores que falam da importância do periódico em Mato Grosso, como um caminho para a profusão da literatura. LITERATURA E IMPRENSA EM MATO GROSSO é a palestra proferida por Eduardo Mahon, no evento “Das relações Literatura e Imprensa”, promovido a partir da disciplina Literatura, imprensa e vida social, sob a coordenação de Walnice Vilalva, ocorrido em 2020, na Universidade do Estado de Mato Grosso. A segunda palestra, ALGUNS PERIÓDICOS DO MODERNISMO EM MATO GROSSO (1949-1952) é o tema da reflexão proposta por Cristina Campos também no evento “Das relações Literatura e Imprensa”, promovido a partir da disciplina Literatura, imprensa e vida social, sob a coordenação de Walnice Vilalva, ocorrido em 2020, na Universidade do Estado de Mato Grosso.

Na seção *Varia*, Elizabete Nascimento, no artigo DUNGA RODRIGUES: AMÉLIA QUE ERA MULHER DE VERDADE, apresenta ao leitor um esboço da figura feminina na produção historiográfica e literária de Dunga Rodrigues, com foco na luta pela emancipação da mulher em diversos setores da sociedade.

Segundo Elizabete Nascimento, Dunga, sabedora das diferenças socioeconômicas que distanciavam as mulheres, não destacava apenas os feitos intelectuais das mulheres, mas sua atuação nos espaços que ocupavam na sociedade, sejam eles mais ou menos elitizados.

O artigo LITERATURA E SOCIEDADE: UMA ANÁLISE DO IMPACTO DA REPRESENTAÇÃO HOMOERÓTICA NO CONTO *TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADOS A DAVID*, DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN, escrito por Vagner Batista Weis e Edinaldo Flauzino de Matos. Os autores destacam a importância da representação homoerótica na literatura, ressaltando a relação entre a sociedade e a criação literária a partir de Antonio Candido.

Finalizando esta edição, Agnaldo Rodrigues da Silva e Flavio José Ferreira realizam uma abordagem decolonial e uma epistemologia fronteiriça sobre o teatro cuiabano, analisando a diversidade sociocultural e linguística do teatro produzido na região, cujas raízes estão relacionadas à sua utilização como instrumento de dominação colonial, no século XVIII.

Os organizadores desejam uma ótima leitura!



# MULHERES EM REVISTA - A CON- TRIBUIÇÃO FEMI- NINA NAS REVIS- TAS DO CML E DA AML (1921-2021)

## *MUJERES EM RE- VISIÓN - EL APOR- TE FEMENINO A LAS REVISTAS CML Y AML (1921- 2021)*

Elizabeth Madureira Siqueira<sup>1</sup>

**Resumo:** Objetiva-se com o presente artigo evidenciar e discutir a produção feminina no interior das Revistas do Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras, entre 1921 e 2021, assim como compreender o periódico enquanto mecanismo de recuperação da memória institucional.

**Palavras-chave:** Revistas do Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras. Produção intelectual feminina. Memória institucional. Mato Grosso-MT.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, mestre em História. Curadora da Casa Barão de Melgaço. Membro do IHGMT e da AML.

**Resumen:** El objetivo de este artículo es destacar y discutir la producción femenina dentro de las Revistas do Centro y la Academia Mato-Grossense de Letras, entre 1921 y 2021, además de entender a la revista como un mecanismo de restauración de la memoria institucional.

**Palabras clave:** Revistas del Centro e Academia Mato-Grossense de Letras. Producción intelectual femenina. Memoria institucional. Mato Grosso-MT.

O ano de 2021 marcou o Centenário da Academia Mato-Grossense de Letras (1921-2021), criada enquanto Centro Mato-grossense de Letras, em 1921, e transformada mais tarde em Academia Mato-Grossense de Letras. Objetiva-se apresentar o conjunto de artigos literários femininos publicados no interior do periódico das duas instituições, quantificando esta produção e buscando estabelecer reflexões que apontem para a constituição da identidade institucional.

Hoje, as mulheres no interior da Academia Mato-Grossense de Letras somam **18**, sendo 13 vivas e 5 falecidas, num conjunto 40 membros, sendo **22** do sexo masculino, hoje vivos. Não que se tenha postergado o ingresso de literatas, pois já em 1921, o Centro Mato-Grossense de Letras admitiu Ana Luiza da Silva Prado, mais tarde Prado Bastos (Cadeira 27), em seus quadros, enquanto Tesoureira da primeira Diretoria.

Importante evidenciar as duas Acadêmicas que se dedicam ao estudo da literatura feminina, **Yasmin Jamil Nadaf** e **Marli Wolker**, autoras de inúmeros livros e artigos pertinentes ao tema.

O **primeiro artigo** da escrita feminina estampado na Revista do antigo Centro Matogrossense de Letras - CML foi publicado no ano de **1929**, de autoria de **Maria do Carmo de Mello Rego Curupira: Lenda Cuiabana** e inserido na seção *Páginas Esquecidas*. Já naquele ano, os escritos desta autora eram considerados raros e por isso mereceram publicação.

## Dados Biográficos

Maria do Carmo de Mello Rego nasceu na Estância de Lencho, Departamento de Cerro Largo, Uruguai, provavelmente em 1840, segundo informações de Toniazzo<sup>2</sup>. Veio para Mato Grosso, em 1887, acompanhando seu esposo, Raphael de Mello Rego, nomeado Presidente da Província. Tratava-se de uma intelectual independente e não integrante do Centro Matogrossense de Letras. Portanto, os pares daquele sodalício que antecedeu a Academia Mato-Grossense de Letras, privilegiaram *Curupira: Lenda Cuiabana* enfeitada no livro *Lembranças de Mato Grosso*, optando por publica-la no periódico institucional.

Por dois anos (16/11/1887 a 16/02/1889) o casal Mello Rego residiu em Cuiabá e ali tiveram contato, especialmente Maria do Carmo, com diversos indígenas, dentre eles os Bororo, nação da qual ela adotou um filho, a que chamou *Guido*. Foi ele para o Rio de Janeiro, quando o casal deixou Cuiabá, e na capital do Império contraiu grave doença, vindo a falecer. Em sua memória, Maria do Carmo de Mello Rego escreveu *Guido*, obra de grande repercussão à época.<sup>3</sup>

Maria do Carmo deu a lume também *Lembranças de Mato Grosso*<sup>4</sup>, reeditado pela Fundação Júlio Campos (1993), narrando suas impressões sobre a viagem pelo Rio da Prata até Cuiabá, além de retratar cenas do cotidiano da província, no final do século XIX. Sempre atenta aos costumes indígenas, escreveu sobre a índia *Rosa Bororo* (1895)<sup>5</sup>, capturada por uma bandeira punitiva no século XIX. Também publicou *Artefatos Indígenas de Mato Grosso*<sup>6</sup> (1889), editado pela Imprensa Nacional e Arquivo

2 TONIAZZO, Carmen Lúcia. *Lembranças de Mato Grosso sob um olhar feminino: um estudo filológico*. dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), UFMT, 2011.

3 Ibidem.

4 Publicado originalmente no Rio de Janeiro: Leuzinger, 1897.

5 *Revista Brasileira*. Tomo II, Rio de Janeiro, 1895,

6 *Arquivos do Museu Nacional-RH*, v. X, 1899.

do Museu Nacional, trazendo grande contribuição à etnologia indígena dos Nambiquara e Paresi.

O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, considerando a raridade do conjunto de seus escritos, reuniu, numa única publicação<sup>7</sup> *Artefatos Indígenas de Mato Grosso, Guido e Lembranças de Mato Grosso*, uma contribuição relevante para se conhecer a escrita de Maria do Carmo de Mello Rego.

### **Breves comentários do Artigo**

O artigo *Curupira: Lenda Cuiabana*, publicado na Revista do CML do ano de 1929 (15), inicia comentando sobre a exploração aurífera em Cuiabá nos seus primórdios e a depredação dos terrenos em função da ganância dos mineiros. Casas, logradouros públicos e seu entorno sentiram o efeito dessa ação: “*Parece que não houve palmo de terra que não tivesse sido esquadrinhado, pedra que ficasse sobre pedra*”.<sup>8</sup>

A imediação da Igreja do Rosário, em Cuiabá, foi o ponto focal: “*Onde, porém, o espírito positivamente se sente acabrunhado, é quando, às horas melancólicas da tarde, pousam os olhos nas escavações que circundam a Igreja do Rosario, cujo altar-mór, segundo a tradição antiga, se ergue sobre preciosíssima jazida de ouro*”.<sup>9</sup>

Deste cenário de escombros surgiram lendas e imagens no imaginário popular, a exemplo do *Curupira* e da *alavanca de ouro*. Em sua descrição, Maria do Carmo simboliza o árduo e incessante trabalho dos negros escravizados, a mando de seus senhores, à procura da alavanca de ouro, instrumento facilitador da extração aurífera. A lenda incluiu uma figura

---

7 *Publicações Avulsas*, n. 44. Cuiabá: IHGMT, 2002.

8 Revista do Centro Matogrossense de Letras 1929 (15), p. 73.

9 *Ibidem*.

chave, o *Curupira*, representado por uma índia velha: “[...] de pele toda enrugada, olhos esbugalhados e lábios crestados de secura, a ponto de não poder fallar. Vendo-o, estendeu-lhe a mão, apontando depois para um riacho que por perto corria”.<sup>10</sup>

A índia se afogava no riacho quando foi socorrida pelo negro. Em agradecimento, ela lhe indicou como conseguir mais abundante ouro: “Quando algum dia sentires, ao cantar a anhumã, cair sobre a tua cabeça um pedaço de metal da tua côr, corre, sóbe, galga o fosso em que trabalhas, e lembra-te do bem que me fizestes agora”.<sup>11</sup> Com isso, a produção de ouro daquele escravo aumentou substancialmente, não precisando fazer tanto esforço durante a labuta. No outro dia se realizou a previsão da índia, quando ao meio-dia cantou a anhumã, e o negro, ao galgar o fosso, foi surpreendido com o desmoronamento súbito da terra, soterrando todos os trabalhadores, a exceção do preto Antônio, salvador do curupira.

Maria do Carmo finaliza o artigo dizendo que: “Muitos annos depois, nova empresa tentou a exploração daquele ponto mas chegou só às ossadas dos míseros africanos. E junto delas foi encontrada uma moeda de cobre com as quinãs portuguesas, do valor de dois vinténs, que a curupira atirara quando o calor mais excitava a sede. Nunca, porém, mortal algum mais viu a alavanca de ouro, que entretanto ali existe, segundo a crença de muita gente, e como sempre afirmava o escravo que, por ter dado água à curupira, escapara da sua vingança”.<sup>12</sup>

Nessa medida, esta lenda da alavanca de ouro marcou o olhar de Maria do Carmo de Mello Rego que, mesmo pertencendo ao segmento das elites, interessou-se pelo saber popular. Esta lenda se tornou recorrente no imaginário cuiabano.

---

10 Idem, p. 74.

11 Idem, p. 75.

12 Idem, p. 76.

O **segundo artigo** feminino é de autoria de **Maria de Arruda Müller** e foi publicado na Revista do CML em 1931, dois anos após o primeiro. Trata-se do primeiro escrito por Acadêmica, enfeixando seu discurso de posse e o da sua recepção, proferido por Philogônio de Paula Corrêa.

### **Maria de Arruda Müller**



Foto: Maria de Arruda Müller - foto: Divulgação/TVCA

***Maria Ponce de Arruda***, mais tarde incorporando o sobrenome do marido, ***Müller***, foi professora, cronista, poeta e pesquisadora. Nasceu em Cuiabá-MT, aos 9 de dezembro de 1898, descendendo de João Pedro de Arruda e Adelina Ponce de Arruda. Seus estudos iniciais foram obtidos no seio da família, que cultivava o hábito da leitura, o que fez com que a menina Maria fosse alfabetizada aos 5 anos de idade.

Diplomada professora pela Escola Normal Pedro Celestino, onde já demonstrava pendor pela carreira do magistério, veio a lecionar em diversos estabelecimentos de ensino da capital e, temporariamente, no Grupo Escolar de Poconé, onde seu esposo, Júlio S. Müller, foi diretor.

Integrou o grupo feminino que fundou e manteve por meio século o *Grêmio Literário “Júlia Lopes”*, instituição responsável pela publicação da Revista *A Violeta*, que circulou durante a primeira metade do século XX. Foi no interior do Grêmio que ela, ao lado de outras companheiras, deu início a um forte movimento, ainda nos primeiros anos da década de 1930, em prol do voto feminino a ser consignado na Constituição de 1934, ocasião em que conclamou as mulheres mato-grossenses a se inscrever como eleitoras.

Fundou o Abrigo dos Velhos e das Crianças de Cuiabá e teve uma importante atuação junto ao Conselho Estadual da Legião Brasileira de Assistência (MT), fundando também a Sociedade de Proteção à Maternidade e Infância de Cuiabá.

Quando Cuiabá completou 200 anos, em abril de 1919, casou-se com Júlio Strübing Müller, estadista nomeado Interventor de Mato Grosso durante o Estado Novo (1937-1945).

Um dos reconhecimentos regionais ocorreu no ano de 1992, quando o Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso, na gestão do Des. Odiles Freitas Souza, prestou homenagem a Maria de Arruda Müller, uma das primeiras mulheres a obter o título de eleitor,

Outra manifestação de caráter mais ampliado ocorreu em 2002, quando o então Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, entregou-lhe, em mãos, a comenda da *Ordem Nacional do Mérito Educativo*, na residência da homenageada. Com isso, a Acadêmica Maria de Arruda Müller se tornou, aos 103 anos de idade, a *Professora do Brasil*. Esse evento teve uma repercussão nacional e diversos jornalistas do Sudeste estiveram em Cuiabá para entrevistá-la.

Maria de Arruda Müller foi associada honorária do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e efetiva da

Academia Mato-Grossense de Letras. Integrou também inúmeras Instituições internacionais.

Faleceu em Cuiabá-MT no dia 4 de dezembro de 2003, aos 105 anos incompletos, fazendo-se presente e viva na história e na cultura mato-grossense.<sup>13</sup>

### **Comentários: o discurso de posse**

Em seu discurso de posse no CML, Maria de Arruda de Arruda Müller salientou o valor das mulheres e sua capacidade de reivindicar o status de cidadã: *“Trabalhar neste cenaculo, onde pontificam as mais formosas intelligencias do meu Estado; saber d’aqui se abrangem mais amplos horizontes, vislumbrando mais ricos panoramas, fruir mais energia e mais denodo para entrar no plano que nos traça hoje a universal cruzada feminina reivindicadora dos direitos da mulher, de que a fundação do Gremio “Júlia Lopes”, em Cuiabá, há quinze anos passados, fora uma como clarinada avançada no recesso longinquo e ignorado da terra brasileira!”*<sup>14</sup>

Para demonstrar a produção feminina na Revista *A Violeta*, exaltou o seu papel enquanto veículo de circulação da escrita das mulheres em Mato Grosso: *“Esse grêmio literário com a sua revista, sustentados pela perseverança heroica de suas beneméritas cuiabanas, D. Bernardina Rich e Maria Dimpina Lobo Duarte, ainda ahi se acham para attestar o espirito conservador da mulher conterrânea, guardando como num gazophiláceo, preciosas e rutilas alfaias do seu caráter e da sua intelligência!”*<sup>15</sup>

No **discurso de recepção** a Maria Müller, o sócio

---

13 Site da Academia de Letras do Mato Grosso, 2021.

14 Discurso de Posse na AML. Revista do Centro Mato-grossense de Letras, 1931(19-20).

15 Ibidem.

fundador do Centro Mato-grossense de Letras, Philogônio de Paula Corrêa, não deixou de destacar a presença feminina no interior do Centro Mato-grossense de Letras, relembrando a primeira Acadêmica Ana Luiza Prado Bastos: *“Mais uma vez o Centro Mato-grossense de Letras para uma nova recepção, solenidade esta revestida de especial brilho, por se tratar de preencher a vaga aberta na Cadeira 15, com uma representante do sexo feminino. Por ocasião da fundação do nosso Centro, fora objeto de discussão se se devia ou não dar ingresso à Mulher na Companhia. A inclusão do nome de D. Ana Luiza Prado entre os fundadores, resolveu a duvida”*<sup>16</sup>.

Philogônio, ao comentar a vanguarda atitude do Centro de Letras, não deixou de criticar a Academia Brasileira de Letras por vedar, até aquele momento, o ingresso de mulheres em seus quadros: *“Com esse gesto, vamos na vanguarda da nossa associação modelo, a Academia Brasileira de Letras que, escrava na interpretação do art. 2º dos seus estatutos condenou a candidatura de D. Amélia de Freitas Bevilacqua para a vaga de Alfredo Pujol, havendo já posto de parte, por ocasião de formação, os nomes de D. Júlia Lopes de Almeida, para fundadora, e de D. Carolina Michaelis, para correspondente em Portugal, por não serem do sexo masculino”*<sup>17</sup>.

Depois de enaltecer as qualidades de Maria Ponce de Arruda Müller enquanto mãe, esposa e professora, foi na produção intelectual de *A Violeta* que Philogônio encontrou base sólida para sua admissão, privilegiando e recortando trechos dos artigos em que ela ressaltava o segmento feminino em prol do progresso de Mato Grosso, do voto feminino e da igualdade de direitos entre os sexos, além de defender ferrenhamente Cuiabá enquanto a eterna Capital de Mato Grosso.

---

16 Ibidem.

17 Ibidem.

Desde sua posse, em 1931, foram estampados **15 artigos** de autoria de Maria de Arruda Müller na Revista do Centro e da AML: *Discurso de Posse*. Revista do Centro Mato-grossense de Letras 1931(19-20), *Um Quadro* (1932(21-22)), *Sonata ao Luar*, 1932(21-22), *Restauração*, 1932(21-22), *Melancolia*, 1933(1-2), *Cuiabá*, 1934(3/4), *Deus te Abençoe* (POESIA) 1935(5/6), *Nosso Lar* (POESIA) 1935(5/6), *Fundação de Cuiabá* (Conferência pronunciada a 8 de abril no Instituto Nacional de Música) 1938(11-12), *Discurso em Homenagem a Couto de Magalhães*. 1938(11-12), *Inteligência e Caridade* 1941-1942(17-/20), *A Rádio e a Cultura*. 1944-1945 (23-26), *Cadeira nº 7*. 1996 *Ante à Queimada*. 1991-1992, *Conformismo. Parte I. Poesia*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras n. 98, 2019

Vale lembrar que, de 1931 até 1985, ou seja, durante 54 anos, a maioria das mulheres que tiveram seus artigos publicados na Revista não pertenceram ao Centro ou à Academia Mato-Grossense de Letras, o que nos leva a indagar o porquê disso, pois o Centro admitiu a primeira mulher em 1921, por ocasião de sua criação.

A **terceira** mulher a escrever na Revista foi **Maria da Glória de Almeida Novis**, conhecida como *Glorinha Novis*. Não pertenceu aos quadros acadêmicos, mas sua poética *Recordação* foi incorporada na Revista da Academia Mato-grossense de Letras de 1933.

## Dados Biográficos

*Glorinha Novis*, segundo seu primo João Alberto Novis Gomes Monteiro, “[...]nasceu em Cuiabá em 15 de setembro de 1915 e faleceu no Rio de Janeiro em 16 de dezembro de 1950. Formou-se professora pela antiga Escola Normal Pedro Celestino.

*Escreveu sua lírica amorosa basicamente em sonetos, externando um lirismo melancólico, carregado de ressentimento pela desventura amorosa. A poetisa publicou seus versos na década de 1930 nos periódicos do Estado, dentre os quais a Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, a Revista do Grêmio Literário Álvares de Azevedo e A Violeta*<sup>18</sup>.

Aos dois anos de idade perdeu a mãe, tendo sido criada pela avó materna, Rosa Alves de Almeida, que após 10 anos, veio também a falecer, o que obrigou Glorinha a regressar à casa paterna, passando a conviver com a madrastra.

Curtiu um amor não correspondido, com um jovem alemão, porém acabou se casando com Albano Dias, comerciante português, inspetor das Casas Pernambucanas e, depois, abriu comércio próprio.

Maria da Glória teve um casal de filhos: Lilian e Guilherme, porém, foi acometida de câncer de ovário, logo após o nascimento de Guilherme, vindo a falecer no dia 16 de dezembro de 1950, no Rio de Janeiro.

Para compreender melhor sua escrita, recheada de tristeza, vale lembrar que, aos episódios de perda, se somou a decepção por um amor não correspondido.<sup>19</sup>

Escreveu 3 artigos na Revista da AML: *Recordação*, 1933; *Dor*, 1938(11-12) e *Poema da Minha Terra*, 1939(13-14).

A **quarta** mulher a ver seus escritos estampados na Revista da AML foi **Ana Luíza Prado Bastos**, a primeira acadêmica a integrar os quadros do Centro Mato-grossense de Letras, uma vez admitida em 1922. Só registrou sua primeira colaboração no periódico no ano de 1935, com *Carinhos Maternos*.

---

18 MONTEIRO, João Alberto Novis Gomes. Diário de Cuiabá – DO Cultura; *Minha Tia Glorinha*. Cuiabá, 31/05/1995.

19 Ibidem.

A Revista de 1935 se revestiu de grande reconhecimento às Mulheres, abrindo com uma sessão especial intitulada *Elevação da Mulher*, iniciada com o artigo de D. Aquino *Cristianismo e Feminismo*, discurso pronunciado por ocasião da formatura das Normalistas da Escola Normal D. Bosco, de Campo Grande. Este foi o primeiro convite formal aceito por mulheres literatas já Acadêmicas, e também aquelas que não chegaram a pertencer aos quadros da instituição, o que se deu nos anos seguintes.

### Dados Biográficos

#### Ana Luiza Prado Bastos



Foto acervo Casa Barão de Melgaço

Foi Ana Luiza Prado Bastos a primeira ocupante da Cadeira 6, por ocasião da fundação do Centro Mato-grossense de Letras, retornando à Academia Mato-Grossense de Letras na Cadeira 27. Nasceu em Cuiabá-MT, em 24 de agosto de 1898. Era filha de Egídio da Silva Prado e Regina Leverger Corrêa Prado.

No interior da Revista da AML, viu publicado *Carinhos*

*Maternos* 1935(5/6), *Discurso de Posse* 1947 (29-30) e *Carta Acadêmica*, em 1954-1955 (43-46)

Com a prerrogativa de ter sido a primeira mulher a ocupar a Cadeira n. 6, do Centro Mato-grossense de Letras, à época patrocinada por Francisco Catarino, integrou também sua primeira Diretoria, como Tesoureira.

Em seu discurso de posse, proferido anos mais tarde, ela relembrou o momento inaugural do Centro Mato-grossense de Letras e seu pioneirismo na admissão da mulher em seus quadros, destacando em seguida sua transformação em Academia Mato-Grossense de Letras. A proposta de admissão de Ana Luiza no CML foi feita inicialmente na segunda reunião preparatória, de 5 de junho de 1921, pelo sócio fundador Estevão de Mendonça, alegando as seguintes alegações: “[...][ Anna Luiza Prado, nascida nesta capital, maior, professora pública. [...] tem igualmente colaborado na imprensa e é sem dúvida um dos mais belos espíritos da geração feminina actual, no nosso meio, e honrará o quadro dos sócios effectivos do Centro de Letras”.<sup>20</sup>

Em 1923, se mudou para o então Sul de Mato Grosso, radicando-se inicialmente em Três Lagoas. Após seu casamento com o literato e jornalista Clodomiro de Oliveira Bastos, transferiu residência para Campo Grande<sup>21</sup>. Pelos Estatutos originais, foi ela transposta para a categoria de associada correspondente. Possivelmente, a forma como se passou, de sócia efetiva, para correspondente, cindiu-se exclusivamente ao cumprimento dos Estatutos do Centro Mato-grossense de Letras, datado de 7 de agosto de 1921.

---

20 Revista do Centro Mato-grossense de Letras, n. 1, Atas., 1922, p. 57.

21 RIBEIRO, Lélia Rita Euterpe de Figueiredo. Uma viagem ao universo sul-mato-grossense: Anna Luiza Prado Bastos. Revista do IHGMT, Ano LXVIII, Tomo CXLIV – 1996, p. 41-44

Na sessão de 24 de dezembro de 1923, Ana Luiza se despediu do Centro Mato-grossense de Letras, o que determinou sua transposição para associada correspondente. Por isso não pronunciou discurso de posse na Cadeira 6, naquela ocasião, mas somente mais tarde, em 1947, quando retornou aos quadros efetivos da AML, ocupando a Cadeira n. 27, patrocinada por José de Mesquita Sênior, o que ocorreu com a reforma dos Estatutos no ano de 1940.

Em tópico especial de seu discurso, a que denominou de À guisa de justificação, aclarou o porquê ter proferido seu pronunciamento de posse somente em 1947, ou seja, 26 anos depois de seu ingresso no Centro Mato-grossense de Letras:

A muitos parecerá estranho que somente agora me apresente neste augusto sodalício para cumprir as determinações dos Estatutos da Academia, qual o pronunciamento do discurso de posse, estudando a vida e obra do patrono da cadeira, se o meu nome já figura, embora imerecidamente, mais uma vez repito, sem falsa modéstia, entre os sócios efetivos desta agremiação literária desde os primórdios de sua fundação.

Permiti-me, senhores, à cadeia dos anos volvidos.

Conduzida pela mão bondosa do nosso venerando confrade Estevão de Mendonça, a quem me ligo por laços de parentesco espiritual, tive a grata satisfação de encontrar, por parte de antigos professores meus, a melhor acolhida, o que sobremaneira me desvaneceu, para colaborar convosco na construção desta casa que é hoje, o centro de gravitação da intelectualidade mato-grossense.

Entretanto, mercê de Deus, não me bafejou a aura pecaminosa da vaidade, nem vã jactância pairou de leve no meu espírito ainda em formação, antes, o meu assentimento repousou no único mérito que julguei possuir, se assim se pode chamar o exato cumprimento do dever pelo devotamento à árdua profissão

que abraçara.

Figurei, assim, qual frágil gramínea à sombra dos robustos jequitibás da flora intelectual mato-grossense, haurindo com eles, no mesmo solo, o húmus vivificante à espiritualidade patrícia. E sob esse influxo benéfico, como a candeia bruxuleante, ao lado dos custosos candelabros de cristal, na magnificência dos templos, ilumina também o trono Onisciente e Onipotente, venho, desde então, desvendando aos pequeninos da nossa terra o caminho que conduzirá à veneração dos pôsteres.

Penso haver esclarecido a inclusão do meu nome entre os luminares desta Academia, falando mais alto o coração que o cérebro.

Contingências da vida levaram-me a transferir residência para fora da capital, passando então à categoria de sócia correspondente.

Ampliando a Academia seu quadro social, com a criação de outras poltronas, novamente pulsam corações amigos, indo buscar-me, na obscuridade literária em que tenho vivido, tão afeita somente ao cultivo das flores vivas da minha escola, para ocupar a cadeira de José de Mesquita Sênior.

Indizível, senhores confrades, foi a grande satisfação que experimentei, pela lhanura desse vosso gesto, cuja lembrança há de perdurar por toda minha vida e o conforto que me proporcionastes, no momento em que meu espírito se chocava de encontro a uma injustiça sofrida, a maior talvez e praza a Deus, a última que sobre meus ombros pese, é também intraduzível.

Dou, assim, satisfação pública e cabal da minha ousadia, apresentando-me novamente entre vós. Compartilhando das festas jubilares deste dia e entoando convosco o epicínio aos numes tutelares desta casa.<sup>22</sup>

O Acadêmico que a recepcionou em 1947 foi o então Presidente da AML José de Mesquita, filho do Patrono, que discorreu sobre os talentos de Ana Luiza finalizou dizendo: “Esta casa é sua – desde que a fundamos. Entrando, não se esqueça

---

22 BASTOS, Ana Luiza Prado. Discurso de posse na Cadeira 27. Revista da AML, 1947.

que, companheira da primeira hora, contávamos com esta visita, sempre esperada e que nos chega em hora jubilosa e alvissareira, para, juntos, festejarmos a sua posse [...]”<sup>23</sup>

Era ela chamada pelos amigos e familiares de “*Professora Galega*”. Ubaldo Monteiro da Silva<sup>24</sup> destacou os últimos tempos de vida da Professora Galega: “*Na velhice fora a senhora austera, respeitada, de belos predicados, frutos da rígida educação de berço, a que a sociedade-elite de Cuiabá de outrora, se sujeitava*”.

Em Campo Grande fundou a Escola Barão de Melgaço, em homenagem ao seu bisavô materno, Augusto Leverger. Ali trabalhou como diretora e professora durante 30 anos. Na avaliação de Lélia Rita Euterpe de Figueiredo Ribeiro, “Esta escola foi um dos estabelecimentos de ensino particular de grande relevância para a educação e instrução da criança campo-grandense. [...] coadjuvada por grandes mestras, entre as quais a Professora Lucina Prado de Albuquerque, sua irmã de sangue e de ideais, formando com esta parceria imbatível no ensino primário campo-grandense, além de tantas outras ilustres mestras, entre as quais citem-se Otília Corrêa da Costa, Joana do Couto Vieira Pontes, Dinah Ponce van den Boch, Moreninha Teixeira”.<sup>25</sup> Lecionou também na Escola Normal Joaquim Murтинho, até a década de 1950.

Ana Luiza colaborou, por anos, junto ao jornal de Campo Grande *Folha da Serra*, onde assinava como *Delorme Vaz*.

Nos últimos anos de sua vida no Rio de Janeiro, para onde se mudou, escreveu uma poesia para seu bisavô, Augusto Leverger, o Barão de Melgaço, convivendo com a melhor safra de

---

23 Ibidem, p. 130.

24 *Discurso de posse na AML*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1996

25 RIBEIRO, Lélia Rita Euterpe de Figueiredo. Op. Cit., p. 42.

mulheres que ajudaram a construir nossa identidade cultural, sendo seus trabalhos referências bibliográficas a quantos queiram saber sobre a vida literária dos tempos de sua afirmação em nosso cenário cultural<sup>26</sup>.

A **quinta** mulher a ter seus artigos estampados na Revista da AML foi **Maria Dimpina Lobo Duarte**. No interior da *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*, colaborou com os seguintes artigos, publicados entre os anos de 1935 e 1946: o primeiro deles foi *3 de Abril*, estampado na Revista 1935(5/6), Seguiram-se *Poema do Sino*. 1936(7-8), *Amor e os Poetas*, 1937(9-10), *Discurso do Apresentante do Grêmio Literário Júlia Lopes*. 1940(15/1 6), *Ama as Estrelas*. 1943(21-22), *Materialização*. 1943(21-22), *Sonho* 1943(21-22), *No Álbum de Antonieta*. 1944-1945 (23-26), *Norma*. 1944-1945 (23-26), *Carta para Minha Filha*, 1944-1945 (23-26), *Carta para Minha Filha*, 1954-1955 (43-46), *O Dr. José Gondim*. 1950-1951 (35-38), *Liza*. 1954-1955 (43-46), *Áureo Jubileu*. 1956 (47-48), *Discurso no Enterro, em Nome da Família Cuiabana*, pronunciado por ocasião do sepultamento de D. Francisco de Aquino Corrêa, 1956 (47-48). *Pássaro Dourado*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1957-1958 (49-52). *Rondon*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1957-1958 (49-52)

## Dados Biográficos

Maria Dimpina nasceu em Cuiabá, no dia 13 de maio de 1894, e faleceu a 10 de dezembro de 1966.

Foi uma das mais conhecidas e atuantes personalidades de Cuiabá, visto seu percurso precoce enquanto estudante, pois foi

---

<sup>26</sup> FERREIRA, João Carlos Vicente. *Discurso de Posse na AML*, Caderia 27.

a primeira mulher a frequentar regularmente o Liceu Cuiabano, numa época em que a instituição se destinava somente para o sexo masculino. Formada aos 16 anos, dedicou-se ao Magistério, lecionando na Escola Modelo Barão de Melgaço e fundou o Colégio São Luiz, onde foi proprietária, diretora e professora.

Casou-se aos 24 de setembro de 1922 com Firmo Pinto Duarte, filho legítimo de Joaquim Pinto Duarte, e de Eulália Ramos Duarte e tiveram cinco filhos: Francisco Benedito Lobo Duarte, nascido a 7 de maio de 1923, Joaquim Lobo Duarte, nascido a 7 de junho de 1924, Firmo Pinto Duarte Filho, nascido em Cáceres a 16 de janeiro de 1928, Amélia Regina, nascida a 29 de abril de 1929 e Maria Eulália Lobo, nascida a 7 de junho de 1931 (Alencar, Aduato Dias de. Genealogia Mato-grossense, v. 1).

Detentora de grande inteligência, prestou concurso público federal para postalista e foi aprovada em primeiro lugar, passando a trabalhar nos Correios de Cuiabá. Foi a primeira mulher a ocupar um cargo público federal em Mato Grosso.

Após o casamento, Maria Dimpina Lobo Duarte escreveu em diversos periódicos, especialmente na Revista *A Violeta*. Utilizava os pseudônimos “*Arinapi*” e “*Martha*”.

Por ocasião das comemorações do Centenário do seu nascimento, em 1994, Dunga Rodrigues fez questão de proferir algumas palavras sobre a homenageada, quando da colocação de seu retrato no Colégio Coração de Jesus, em Cuiabá. Disse ela: *Maria Dimpina foi uma incansável lutadora, um exemplo do valor, da firmeza, da dedicação às causas que ela abraçou desde muito jovem. Em todas as campanhas que o Grêmio participou, festas cívicas e beneficentes, como a oferta da bandeira brasileira ao Tiro de Guerra Batista das Neves, a campanha de auxílio à*

*Cruz Vermelha, quando da primeira Guerra Mundial, o plantio de árvores na praça denominada Largo do Ourique, no dia consagrado à árvore, na campanha pró-alistamento eleitoral feminino, que o Grêmio Júlia Lopes patrocinou, esteve ela sempre na vanguarda, preparando muitas eleitoras. [...] quando da minha gestão frente da Legião Brasileira de Assistência, criamos a Escola Doméstica, que de muito tempo fora uma das proposições do Grêmio Júlia Lopes, demos a incumbência a maria Dimpina, de organizar e dirigir a referida escola que, se foi de efêmera duração, devido à falta de apoio governamental, chegou, entretanto, a diplomar duas turmas de alunas, as quais demonstraram real aproveitamento. E finalizou: Foi ela, sem dúvida, o paradigma de um avançado modelo feminino que então, no longínquo Mato Grosso, abriu caminho para a emancipação cultural e material da mulher, época em que em todo o país escasseavam esses modelos.”<sup>27</sup>*

Maria Dimpina Lobo Duarte integrou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, lutando por suas causas, especialmente o direito da mulher ao voto e pela liberdade profissional.

Lutou pela construção de uma Estrada de Ferro para o norte de Mato Grosso e também por rodovias.

A Prefeitura Municipal de Cuiabá conferiu o seu nome a uma das escolas no bairro Coxipó da Ponte e a uma rua no bairro Boa Esperança, no ano de 1959, após três anos da sua morte. Recentemente, no dia 07/06/2021, a mesma Prefeitura inaugurou a reforma da Escola Cívico-Militar Maria Dimpina Lobo Duarte.

Seu nome integra também o Núcleo de Estudos Afro-

---

<sup>27</sup> RODRIGUES, Dunga. *Discurso pronunciado por ocasião do centenário de Maria Dimpina Lobo Duarte*. Acervo Dunga Rodrigues, PI 274, p. 110-124.

brasileiro, Indígena e de Fronteira (NUMDI) *Maria Dimpina Lobo Duarte*, do Instituto Federal de Educação de Mato Grosso (IFMT), visto ser ela considerada negra.

A **Sexta** mulher a ter seus escritos publicados na Revista foi **Benilde Borba de Moura**. No interior da Revista da Academia Mato-Grossense de Letras ela foi articulista constante. Escreveu, entre 1936 e 1958, os seguintes artigos: *Poema do Sino* 1936(7-8), *Um Poeta* 1937(9-10), *Discurso do Apresentante do Grêmio Literário Júlia Lopes* 1940(15/l 6), *Ama as Estrelas*, 1943(21-22), *Sonho*, 1943(21-22), *Materialização*, 1943(21-22), *Norma*, 1944-1945, (23-26), *O Dr. José Gondim*, 1950-1951 (35-38), *No Álbum de Antonieta*, 1944-1945 (23-26), *Liza*, 1954-1955 (43-46), *Áureo Jubileu*, 1956 (47-48), *Rondon*, 1957-1958 (49-52), *Pássaro Dourado*, 1957-1958 (49-52)

## Dados Biográficos

Nascida em João Pessoa, na Paraíba, aos 12 de outubro de 1914. Foi para Mato Grosso no ano de 1927, residindo em Cuiabá. Ali cursou a Escola Normal Pedro Celestino e lecionou no Grupo Escolar Barão de Melgaço, também conhecido como Escola Modelo. Nesta instituição lecionou desenho, disciplina também reproduzida na Escola Industrial de Mato Grosso (Hoje Instituto Federal de Educação). Publicou prosa curta e poesia em vários jornais mato-grossenses, como *O Estado de Mato Grosso*, *A Cruz*, *Tribuna Liberal* e *Folha Matogrossense*. Sua produção foi assinada com as iniciais de seu nome B.B., B.B.M., e também com seu nome completo<sup>28</sup>. Na literatura, ficou reconhecida pelas suas Trovas, estilo de sua predileção.

28 Para melhor compreensão dos seus e de outros artigos editados em *A Violeta*, consultar NADAF, Yasmin Jamil, *Sob o signo de uma flor*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

A **nona** mulher a publicar na Revista da AML foi **Antídia Coutinho**. Nasceu em Araguaiana/MT (25/06/1904), formando-se no atual ensino médio, no ano de 1922. Foi funcionária pública dos ‘Correios e Telégrafos’. Vereadora eleita em 1947 (hoje município de Araguaiana). Destacou-se na luta política pelos direitos das mulheres, propagando vozes por todo o Estado. Foi destaque na literatura mato-grossense (Grêmio Literário ‘Júlia Lopes’, Revista *A Violeta*), com ações por toda a sociedade cuiabana. Foi delegada da Legião Feminina em MT.

Na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras publicou um único artigo, *Hora crepuscular*, no ano de 1937(9-10).Faleceu aos 16/02/1978.<sup>29</sup>

A **sétima** mulher a ver seus escritos publicados na Revista da AML foi **Guilhermina de Figueiredo**.

Nasceu em Cuiabá-MT, no dia 5 de junho de 1911. Descendeu de Francisca Izabel de Figueiredo (Dona Feitiço) e João Lourenço de Figueiredo.

Guilhermina iniciou os estudos na Escola Modelo Barão de Melgaço, em Cuiabá, onde concluiu o primeiro grau. Prosseguiu os estudos junto ao Colégio Estadual de Mato Grosso, atual Liceu Cuiabano “Maria de Arruda Müller”, onde se formou Normalista, o que a habilitou a seguir a carreira de professora.

Em 1937, iniciou a carreira do magistério regendo a cadeira de Língua Portuguesa, na Escola Normal Pedro Celestino, e, em 1943, tomou posse, na mesma cadeira, agora no Liceu Cuiabano. Em 1946, assumiu a mesma disciplina na Escola Técnica de Comércio, onde se efetivou.

Em 1947, foi eleita a primeira vice-presidente da associação

---

29 Ver em <https://www.portalrosachoque.com.br/noticias/7749/seis-historias-que-inspiram-e-tambem-em-Nadaf,-Yasmin-Jamil.-Op.-Cit>

cultural Grêmio “Júlia Lopes”, tendo como presidente Maria de Lourdes de Oliveira e presidente de honra “Maria de Arruda Müller”. Foi a primeira oradora e membro do conselho da associação<sup>30</sup>.

Escreveu na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras: *Discurso da Oradora do Grêmio Júlia Lopes*. 1941-1942(17-/20), *Discurso em Homenagem a Joaquim Nabuco*. 1948-1949 (31-34), *Oração em Nome do Grêmio Júlia Lopes*, 1956 (47-48), *Oração Paraninfal*. 1943(21-22), *Oração Paraninfal*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1954-1955 (43-46)

A **oitava** mulher a ter seus escritos publicados na Revista foi **Maria Santos Costa**, mais tarde Maria Úrsula Santos Costa Gehre, nascida em Cuiabá, aos 12 de janeiro de 1918.

Atuou como professora e funcionária pública. Seus poemas foram publicados no jornal *O Estado de Mato Grosso* e na revista *A Violeta*. Sua poesia apresenta intenso lirismo amoroso que emana em liberdade formal e pleno domínio da linguagem<sup>31</sup>.

Além de publicar sua lírica assinada pelo próprio nome, usou também as iniciais e os pseudônimos de *Marília* e *Mascote*. Segundo Nadaf, “Foi bibliotecária e secretário no Departamento de Estatística do IBGE, em Mato Grosso, e posteriormente secreta assistente do jornalista e escritos Archimedes Pereira Lima, na época diretor da Imprensa Oficial e do jornal *O Estado de Mato Grosso*”. Maria Santos Costa teve importante atuação no interior do Grêmio Literário Júlia Lopes, tendo deixado inúmeros escritos na revista *A Violeta*.<sup>32</sup>

Contraiu núpcias com Eitel Gehre e passou a residir em Brasília, onde deu continuidade à sua produção literária. Nadaf

---

30 BARRETO, Neila Maria Souza. *Professora Guilhermina de Figueiredo*. In: <https://www.midianews.com.br/opiniaio/professora-guilhermina-de-figueiredo/408059>

31 NADAF, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

32 Ibidem.

afirma ainda que, em meio à conjunto da sua poética, escreveu *Recordações da Infância*, obra inédita no formato de prosa<sup>33</sup>.

No interior da Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, sua poética está estampada no número 13/14 (1939) e na Revista 21-22 (1943): *Fico as vezes Pensando o Porquê*, de 1939, *Meu Vestidinho Xadrez* e *Contradição* (1943). *Contradição*. 1943(21-22)

Na Revista da Academia Mato-Grossense de Letras, do ano de 1947, pela primeira vez, surgiu no periódico institucional uma seção intitulada *Páginas Femininas*. Foi a partir daí que outras mulheres de diversas nacionalidades e residentes em diversas partes do país passaram a escrever na Revista.

A **décima** mulher a publicar na Revista foi **Colombina**, pseudônimo de **Yde Scholenbach Blumenschein**. Estudou na Alemanha durante a infância. Aprendeu piano e canto. Começou a escrever aos 13 anos. Seus primeiros poemas foram publicados no jornal santista *A Tribuna*, além de revistas, como *O Malho*, *Fon-Fon* e *Careta*. Assinava com os pseudônimos de *Colombina* e *Paula Brasil*.

Casou-se com Hanery Blumenschein e com ele teve dois filhos. Separou-se do marido, o que causou escândalo na época. Mãe de Sudra Vana, também poetisa.

Fundou em 1932 a Casa do Poeta *Lampião de Gás*, ponto de encontro de escritores e literatos e que inicialmente funcionava em sua própria residência. Em 1948, o grupo passou a ter sede própria. Editou o jornal mensal *O Fanal*, publicação da *Casa do Poeta Lampião de Gás*.

Era chamada de *Cigarra do Planalto* e *Poetisa do Amor*. Em sua homenagem, uma rua no bairro do Butantã, em São

---

<sup>33</sup> Ibidem.

Paulo é nominada Rua Poetisa Colombina.

Foi patrona da cadeira número 37 da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Publicou *Vislumbres*. São Paulo: [s.n.], 1908; *Versos em lá menor*. São Paulo: São Paulo Editora Ltda, 1930; *Lampião de gás*. São Paulo: Tip. Cupolo, 1937; *Sândalo*. São Paulo: [s.n.], 1941; *Uma cigarra cantou para você*. São Paulo: [s.n.], 1946; *Distância: poemas de amor e de renúncia*. São Paulo: [s.n.], 1947; *Gratidão*. São Paulo: Editora Cupolo Ltda, 1954; *Para você, meu amor*. São Paulo: Cupolo, 1955; *Cantares de bem-querer*. São Paulo: Cupolo, 1956; *Manto de arlequim*. São Paulo: Cupolo, 1956; *Inverno em flor*. São Paulo: Cupolo, 1959; *Cantigas de luar*. São Paulo: Gráfica Canton, 1960; *Rapsódia rubra*. Salvador: SENAI, 1961.<sup>[3]</sup>

A **décima primeira** a publicar na Revista foi **Sudra Vana**, que adotava o pseudônimo de **Elsa Elisabeth Blumenschein Cannone**. Nasceu em São Paulo, em 1913, e faleceu em 1954. Era filha da célebre poetisa Colombina (Yde Scholenbach Blumenschein). Em 1931, publicou seu primeiro livro: *Jornada Sentimental*. Na Revista da AML estampou “*Versos de Muito Amor*”, publicado 1954-1955 (43-46),

A **décima segunda** mulher a escrever na Revista da AML foi **Sudra Vivaldina Queiroz Martins**, nascida na Fazenda Campo Lindo em Cataguases, Minas Gerais. Foram seus pais: José de Queiroz Pereira e Luiza Henriques Queiroz Pereira. Professora. Seu primeiro livro foi “*Arco-Íris*” foi editado no Rio de Janeiro. Na Revista da AML publicou um único artigo: *Versos de Muito Amor*, no ano de 1954-1955.

A partir de 1985, ou seja, 64 anos após a admissão da primeira, Ana Luiza Prado Bastos, e 52 anos após o ingresso

de Maria de Arruda Müller, verifica-se o ingresso de mais duas acadêmicas, Vendra Iolanda Randazzo e Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues).

A **décima terceira** mulher a escrever na Revista foi **Vera Iolanda Randazzo**, ocasião em que foi publicado seu *Discurso de Posse*

### **Vera Iolanda Randazzo**



Foto acervo Casa Barão de Melgaço

Vera Iolanda Randazzo, nascida em Caxias do Sul-RS, aos 21 de setembro de 1927, veio para Mato Grosso a partir de 1955, radicando-se em Cuiabá, adotado como sua segunda terra natal e onde prestou relevantes serviços.

Dirigiu o atual Arquivo Público do Estado, organismo idealizado pelo Acadêmico Lenine de Campos Póvoas, que era Secretário de Administração do Estado, tendo sido sua primeira Diretora.

*Publicou* diversos artigos nos jornais: *O Estado de Mato Grosso*, *A Tribuna Liberal*, *O Social Democrata*, *Diário de Cuiabá*, *Correio da Imprensa*, *Revistas do IHGMT* e da *AML*.

Escreveu os seguintes livros: *Pagmejera, Pagmejera!*; *As cartas do grande chefe à sua esposa*; *Quando morreu Pascoal Moreira Cabral?*; e diversos Catálogos de documentos históricos.

A Academia Mato-Grossense de Letras, em parceria com a UNEMAT, publicou uma coleção *Obras Raras da Literatura Mato-Grossense*, em 2008, sob a coordenação do Acadêmico Sebastião Carlos Gomes de Carvalho e Walnice Vilalva, dedicando o volume 6 para estampar a parte da produção de Randazzo. Em reconhecimento ao seu trabalho e produção intelectual, foi **sócia da Sociedade Amigos de Rondon, da Academia Paulistana de História, membro da Ordem dos Bandeirantes de São Paulo**.

Ingressou no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso aos 19 de junho de 1976, tendo escolhido como patronesse Maria do Carmo de Mello Rego, e na Academia Mato-Grossense de Letras aos 10 de março de 1982, empossada na Cadeira n. 19.

Vera Randazzo publicou diversos artigos na Revista da AML desde 1985 até 2016, a saber, *Discurso de Posse*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1985; *O Centenário de José de Mesquita*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1991-1992 (1); *Cadeira nº 19*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1996; *Pagmejera, Pagmejera!* Parte III – Prosa – Crônicas e Contos. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 2016(2); *Manelantônio*. Crônica. Parte I. Crônica. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 98, 2019; *Pagmejera, pagmejera!* Parte I. Crônica. Revista da Academia

Mato-Grossense de Letras 98, 2019.

A **décima quarta** mulher a escrever na Revista foi a Acadêmica **Dunga Rodrigues**.

**Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues)**



Foto acervo Família Rodrigues. Casa Barão de Melgaço

Nasceu em Cuiabá-MT, aos 15 de julho de 1908, descendendo de Firmo José Rodrigues e Maria Rita Deschamps Rodrigues.

Quanto à sua formação, seus estudos iniciais foram realizados em Cuiabá, no tradicional Asilo Santa Rita, com a Professora Francesa Irmã Marie Vicent, então diplomada pelo Conservatório de Paris. Seus estudos foram seguidos com a intervenção dos professores Francisco Mendes, Emílio Heine, Irmã Alzira Bastos e a Polonesa Professora Helena Müller, dentre outras autoridades que lecionavam no Estado. Posteriormente, obteve a regularização de seus estudos, em

1972, no Conservatório Musical de Mato Grosso, onde recebeu avaliações da Profa. Dalva Lúcia Silva Duarte, obtendo o Curso Técnico de Piano e, em seguida, diplomou-se pelo Conservatório Brasileiro de Música (RJ), com certificado registrado junto ao Instituto Villa Lobos. Diplomou-se contadora pela Escola Técnica de Comércio de Cuiabá. Lecionou piano durante muitos anos junto ao Conservatório Mato-grossense de Música e no Conservatório Musical de Mato Grosso<sup>34</sup>

Quanto aos estudos regulares, estudou na Escola Modelo Barão de Melgaço, sendo que o ensino médio foi concluído no Liceu Cuiabano. Quanto à sua atuação como musicista, além da graduação, obteve especialização em Música Brasileira através da Universidade Federal de Mato Grosso, foi pianista e compositora musical. Uma de suas composições, ainda inédita, foi *Espaço Sideral*, composta em homenagem à grande amiga Maria de Arruda Müller, quando esta completava seu centenário de vida. Dunga se apresentou ao piano, acompanhada da cantora Roma, espetáculo realizado na Casa Barão de Melgaço.

Estudou linguística, por um período de cinco anos consecutivos, sob a orientação do Professor Antônio Cesário de Figueiredo Neto. Sua diversificada formação trouxe-lhe a oportunidade de lecionar Língua Francesa e Fundamentos Sociais de Educação na Escola Normal Pedro Celestino, no Liceu Cuiabano, no Ginásio Brasil e na Escola Técnica Federal de Mato Grosso. De igual forma, foi professora junto ao SESC, SENAC, SESI, Clube Feminino e Clube Dom Bosco.<sup>35</sup>

Grande parte de sua pesquisa foi desenvolvida na UFMT, junto ao **Núcleo de Documentação e Informação Histórica**

---

34 Para melhor informação, consulte CAMPOS, Amini Haddad, *Cadeira 39*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 2021.

35 Ibidem.

**Regional da Universidade Federal de Mato Grosso,** enquanto Agente Didático.

Como pianista, lecionou em diversas instituições musicais, sendo elas: Centro Artístico e Musical de Cuiabá, Conservatório Mato-Grossense de Música, Conservatório Musical de Mato Grosso, Conservatório Musical Dunga Rodrigues, onde era admirada pelo preciosismo de sua dedicação à música.

Pelos seus diversificados dons e extensa produção literária, foi admitida na Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 39), tomando posse a 19 de setembro de 1984, tendo anteriormente pertencido também ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, ao Centro de Música Brasileira do Estado de São Paulo e integrado a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, além de ter sido associada ao Grêmio Literário **Júlia Lopes**.<sup>36</sup>

Publicou as seguintes obras: *Antônio Simarinho: vida e composições*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1978. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 2); *Colcha de Retalhos*. Cuiabá: Defanti, 2000; *Cuiabá: Roteiro de Lendas*. Cuiabá: FUFMT, 1985. (Coleção Memória Social da Cuiabania); *Dr. Antonio Pedro de Figueiredo: vida e composições*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1978. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 3); *José Mamede da Silva Rondon: vida e composições*. Cuiabá: FUFMAT/NDIHR, 1978. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 4); *Lendas de Mato Grosso*. Cuiabá: Ed. da Autora, 1977; *Marphysa: romance de costumes (ou o cotidiano de Cuiabá nos tempos do Candimba, das touradas do Campo d'Ourique e das Esmolas do Senhor Divino*. Cuiabá: FUFMAT/NDIHR, 1981. (Coleção Memória Social da Cuiabania, 1); *Movimento musical em Cuiabá*. Cuiabá:

---

<sup>36</sup> Ibidem.

Ed. da Autora, 2000; *Os Vizinhos*. Cuiabá: Secretaria de Educação e Cultura, 1977; *Reminiscência de Cuiabá*. Goiânia: 5 de Março, 1969; *Roteiro musical da cuiabania: a arte em Cuiabá*. Cuiabá: FUFMT/NDIHR, 1978. (Coleção Memória Social da Cuiabania, Caderno 1); *Uma aventura em Mato Grosso*. Cuiabá: Prefeitura Municipal de Cuiabá, 1984; *Ruínas*. In: A Chrysallida, 1927<sup>a</sup>; *Vida*. In: A Chrysallida, 1927<sup>b</sup>; *Ouvindo-te*. In: A Chrysallida, 1927<sup>c</sup>; *Os malefícios do progresso*. In: A Chrysallida, 1927<sup>d</sup>; *A felicidade*. In: A Chrysallida, 1927<sup>e</sup>; *Cousas que se vão*. In: A Chrysallida, 1927<sup>f</sup>; e *Tormentas*. In: A Chrysallida, 1927<sup>g</sup>.<sup>37</sup>

Amini Hadad Campos nos informa sobre um interessante documentário sobre Dunga.<sup>38</sup>

Dunga Rodrigues faleceu na cidade litorânea de Santos-SP, no dia 8 de janeiro de 2001. Seu corpo foi cremado e as cinzas trazidas para Cuiabá e depositadas no Cemitério do Porto de Cuiabá, ao lado de seu pai, Firmo José Rodrigues.

Na ocasião da missa das cinzas, a Casa Barão de Melgaço solicitou a doação de seu acervo para o Arquivo institucional, o que aceito pela família. Hoje, a biblioteca, papéis, fotografias, móveis e objetos que pertenceram à família Rodrigues (Firmo e Dunga) já se encontram organizados, catalogados e digitalizados.<sup>39</sup>

Foram publicados os seguintes artigos de Dunga Rodrigues na Revista da AML: *Discurso de Posse*, 1985, *Cadeira nº 39*. 1996, *Mulheres de Fibra*. Parte III – Prosa – Crônicas e Contos. 2016(2), *Aspectos da Vida Cuiabana*. Parte I. Crônica. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 98, 2019.

---

<sup>37</sup> Ibidem. Para consulta às obras de Dunga acesse *familiascasabarao*, Família Rodrigues, Dunga.

<sup>38</sup> Consultar em: <https://www.youtube.com/watch?v=62hlEDvfygg&t=10s>. Acesso em 15 de julho de 2021.

<sup>39</sup> Para ter acesso à documentação de Dunga, acesse *familiascasabarao*, Família Rodrigues, Dunga.

## **Nilza Queiroz Freire**



Foto acervo Casa Barão de Melgaço

### **Dados Biográficos**

Filha de Tarcílio Fernandes de Queiroz e Ana Pinto de Queiroz, nasceu em Cuiabá-MT, no dia 1º de julho de 1932.

Iniciou os estudos primários na Escola Modelo Barão de Melgaço, capacitando-se para os Exame de Admissão na Escola Particular da Profª Amélia de Arruda Alves (Profª Amelinha), em 1944. O ginásial foi cursado junto ao Colégio Estadual de Mato-Grosso e o médio na Escola Técnica de Comércio.

Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde ocupou por muitos anos os cargos de Secretária e de Tesoureira.

## Atuação Profissional

Atuou profissionalmente junto à firma comercial Mattos & Nunes, entre 1949/1955; ao SESP: Serviço Especial de Saúde Pública – Ministério da Saúde – 1955/1978; escritório de Engenharia, Comércio e Indústria Ltda. – Encomind – 1981/1982.

Na Universidade Federal de Mato Grosso, atuou, de 1982, até aposentar-se no cargo de Contadora, junto à Gerência de Contabilidade da Coordenação Financeira; Chefe da Prestação de Contas; Chefe da Secretaria da Reitoria, entre os anos de 1988 e 1992.

## Publicações

Publicou muitos artigos em periódicos de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul, e em livro *Plano de Contas*, monografia apresentada no Curso de Especialização em Contabilidade/UFMT, 1983/4; *A Escola que Vivi*, documentário a respeito da escola pública, oferecido ao Governo do Estado de Mato Grosso; *Micro Empresas como Modelo*, trabalho oferecido à Funcep; *Crônicas da Cidade Verde* e, em co-edição com Ivan Echeverria e Aecim Tocantins, *Professora Alina: uma educadora além do seu tempo*.

No interior da Revista da AML, Nilza Queiroz Freire colaborou com os seguintes artigos: *Cadeira nº 14. AML e seu Lema*. 2012, *Discurso pronunciado por ocasião da abertura da sessão de posse da Acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Cadeira 2, pela Presidente da AML*. 2015 (1), *Crendice*. Parte III – Prosa – Crônicas e Contos. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 2016(2), *Oração Fúnebre*. Sessão

Magna da Saudade em homenagem a Acadêmica Vera Iolanda Randazzo em 22 de março de 2019. 98, 2019, *Professor Benedito Pedro Dorileo*. Homenagem dos Acadêmicos à Benedito Pedro Dorileo. n. 99, 2020

## **Do Olhar Exógeno para o Endógeno**

De 1921 até 1984, o Centro, depois Academia Mato-Grossense de Letras, insistia em incorporar em seu periódico majoritariamente artigos produzidos por literatas para além de seus quadros. Foi neste último ano, com a admissão de Vera Iolanda Randazzo (1982) e Maria Benedita Deschamps Rodrigues (Dunga Rodrigues, 1984), que o olhar mudou de foco, do exógeno para o endógeno, pois a identidade institucional deveria, necessariamente, ter como pano de fundo a produção Acadêmica. Por isso necessário se tornava mover o olhar, de fora, para dentro da instituição.

Nessa medida, 1984 constitui um marco na produção literária feminina da Academia Mato-Grossense de Letras que, nos anos sucessivos, irá desenvolver um intenso trabalho visando a recuperação da sua identidade. Para isso, alguns passos identitários foram dados, a saber:

### **Revistas Comemorativas**

#### **1996 (Revista Comemorativa do Jubileu de Diamante da AML)**

A Revista do Jubileu de Diamante foi um importante marco no esboço da identidade institucional. Tudo começou quando foi apresentado um projeto para elaborá-la, recuperando parte

substantiva da trajetória institucional. O projeto foi aprovado e a AML entrou em contato com os ocupantes das Cadeiras solicitando que escrevessem sobre ela. Boa parte aderiu, porém, algumas, por vagas, foram escritas pela equipe.

O projeto foi levado à UFMT que se comprometeu a imprimir este periódico tão relevante para a instituição e que marcava o Jubileu de Diamante, ou seja, os 75 anos da Academia Mato-Grossense de Letras.

O periódico passou a incorporar quase que somente artigos de Acadêmicos, a exceção do Prefácio, de autoria da então Reitora Luzia Guimarães. Colaboraram nesta Revista as seguintes Acadêmicas: **Elizabeth Madureira Siqueira**. *Os Onze Primeiros, dos 75 anos da Academia Mato-grossense de Letras: a Criação, Constituição e Vida Intelectual do Centro Mato-grossense de Letras (1921-1932)*.; **Elizabeth Madureira Siqueira**. *Cadeiras 1, 3, 4, 6, 24, 28, 29, 36 e 37*; **Maria de Arruda Müller**. *Cadeira nº 7*; **Nilza Queiroz Freire**. *Cadeira nº 14*. Revista da Academia Mato-Grossense de Letras 1996

**Vera Randazzo**. *Cadeira nº 19*; **Yasmin Jamil Nadaf**. *Cadeira nº 38*; **Dunga Rodrigues**. *Cadeira nº 39*.

## Revista comemorativa dos 90 anos

**Em 2012**, uma nova revista exclusivamente institucional, visto que comemorativa do **nonagésimo ano de existência da Instituição**, à época presidida pela primeira mulher Presidente da AML, **Nilza Queiroz Freire**. Dela participaram inúmeros Acadêmicos e o seu dossiê privilegiou as comemorações dos 90 anos da AML. Apenas 4 Acadêmicas escreveram neste periódico: **Nilza Queiroz Freire**. *A Academia Mato-Grossense de Letras e seu Lema*, 2012; **Amini Haddad Campos**. *Pesadelos D'Alma*,

2012; **Elizabeth Madureira Siqueira**. *Universo Cultural de Mato Grosso no Século XIX*, 2012; e **Yasmin Jamil Nadaf**. *Raimundo Maranhão Ayres: Um Intelectual Coletivo em Meio ao Sertão de Mato Grosso*, 2012.

## **Recuperando os Discursos Acadêmicos rumo à memória institucional**

As duas Revistas de 2015, sob a presidência do Acadêmico **Eduardo Mahon**, marcaram mais um reforço rumo à reconstrução da memória institucional, visto ter publicado os discursos de abertura de sessão, os de recepção e os de posse que ainda não haviam sido publicados.

O olhar, nessa medida, voltava-se para o interior da Instituição e de seus membros. A escrita feminina se fez presente:

**Cadeira 2** - *Sessão solene de posse da Acadêmica **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**: abertura da sessão pela Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, **Nilza Queiroz Freire**; discurso de recepção, pelo Acadêmico **Benedito Pedro Dorileo**; discurso de posse da Acadêmica **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**.*

**Cadeira 4** - *Sessão solene de posse da **Lucinda Nogueira Persona**: abertura da sessão pela Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, **Eduardo Mahon**; discurso de recepção, pela Acadêmica **Yasmin Jamil Nadaf**; discurso de posse da Acadêmica **Lucinda Nogueira Persona***

**Cadeira 7** - *Sessão solene de posse do Acadêmico **Yvens Cuiabano Scaff**: discurso de recepção, pela Acadêmica **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**; discurso de posse do Acadêmico **Yvens Cuiabano Scaff***

**Cadeira 18** - *Sessão solene de posse da Acadêmica*

**Marta Helena Cocco:** discurso de recepção, pelo Acadêmico Eduardo Mahon; discurso de posse da Acadêmica **Marta Helena Cocco**, que foi recepcionada pelo Acadêmico Eduardo Mahon.

## **Ainda recuperando os Discursos**

Na **Revista de 2016/1**, foi dado prosseguimento na publicação dos discursos pronunciados pela então Presidente **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, a saber:

*Discurso proferido pela Acadêmica **Marília Beatriz de Figueiredo Leite** por ocasião de sua posse na Presidência da AML*

*Discurso proferido pela Presidente **Marília Beatriz de Figueiredo Leite** por ocasião das comemorações do Centenário de nascimento de Rubens de Mendonça - Face Satírica: Entre Brincar e Educar*

*Discurso proferido pela Presidente **Marília Beatriz de Figueiredo Leite** por ocasião do encerramento das comemorações do Centenário de nascimento de Rubens de Mendonça*

*Discurso pronunciado pela Presidente **Marília Beatriz de Figueiredo Leite** por ocasião da abertura das festividades comemorativas do centenário do nascimento de Gervásio Leite*

*Discurso proferido pela Presidente da AML **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, por ocasião da inauguração do Espaço Justiça, Cultura e Arte Gervásio Leite, junto ao Tribunal de Justiça do Estado de Mato Grosso.*

*Discurso pronunciado pela Presidente da AML, **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, por ocasião do lançamento da Trilogia Banquete de Palavras, de Autoria do Acadêmico João Antonio Neto*

*Discurso de agradecimento ao Presidente Eduardo Mahon e à Diretoria 2013-2015, proferido pela Acadêmica e Vice-Presidente, **Elizabeth Madureira Siqueira***

Na segunda parte da **Revista 2016/1** tiveram prosseguimento os discursos de abertura, recepção e posse dos Acadêmicos, deles participando as seguintes Acadêmicas:

**Cadeira 6** - *Discurso de Recepção ao Acadêmico Lourembergue Alves, por **Elizabeth Madureira Siqueira**. Discurso de Posse do Acadêmico Lourembergue Alves*

**Cadeira 15** - *Discurso de abertura da sessão de posse da Acadêmica **Olga Maria Castrillon Mendes**, pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon. Discurso de Recepção à Acadêmica Olga Castrillon Mendes, pelo Acadêmico Moisés Mendes Martins Júnior*

*Discurso de Posse da Acadêmica **Olga Castrillon Mendes**.*

**Cadeira 16** - *Discurso de Abertura da sessão de posse da Acadêmica **Maria Cristina de Aguiar Campos**, pelo Presidente Eduardo Mahon. Discurso de Recepção à Acadêmica Maria Cristina de Aguiar Campos, pela Acadêmica **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**. Discurso de Posse da Acadêmica **Maria Cristina de Aguiar Campos***

**Cadeira 31** - *Discurso de Recepção à Acadêmica **Luciene Carvalho**, pelo Presidente Eduardo Mahon. Discurso de Posse da Acadêmica **Luciene Carvalho**.*

**Cadeira 39** - *Discurso de Recepção à Acadêmica **Amini Haddad Campos**, pelo Acadêmico-Presidente Carlos Gomes de Carvalho. Discurso de Posse da Acadêmica **Amini Haddad Campos***

Encerrando a gestão 2013-2015, a Curadoria da Casa Barão se fez presente apresentando um *Relatório dos seus trabalhos*, por **Elizabeth Madureira Siqueira**

**Cadeira 29** - Sessão solene de posse da Acadêmica **Elizabeth Madureira Siqueira**: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, João Alberto Novis Gomes Monteiro; discurso de recepção, pelo Acadêmico Pedro Rocha Jucá; discurso de posse da Acadêmica **Elizabeth Madureira Siqueira**

**Cadeira 34** - Sessão solene de posse da Acadêmica **Sueli Batista**: abertura da sessão pelo Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon; discurso de recepção, pela Acadêmica **Elizabeth Madureira Siqueira**; discurso de posse da Acadêmica **Sueli Batista dos Santos**

**Cadeira 38** - Sessão solene de posse da Acadêmica **Yasmin Jamil Nadaf**: discurso de recepção, pelo Acadêmico João Antonio Neto; discurso de posse da Acadêmica **Yasmin Jamil Nadaf**.

### **Seleção literária: uma inovação**

A **Revista 2016/2**, comemorativa dos 95 anos da AML, apresentou uma inovação, incorporando uma seleção de poemas e crônicas dos Acadêmicos, tanto antecedentes, mas também dos que haviam sido empossados recentemente. Uma revista diferenciada e muito oportuna, reveladora da necessidade de se olhar a instituição por dentro. Foram recuperados os seguintes textos das Acadêmicas: **Maria de Arruda Müller**. *Sonata ao Luar*

**Sueli Batista dos Santos**. *Pássaro Passará e Chapada*

*Reluz*; **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**. *Espaço e Poesias sem título*; **Lucinda Nogueira Persona**. *Estrelas, Um pássaro, Público amor*; **Luciene Carvalho**. *Outros Tempos, Da condição de filha, Preguiça e Estigma de um gênero*; **Maria Cristina Campos**. *Chapada sem Guimarães, (Des)envolvimento e O intenso visto*; **Marta Cocco**. *Deduções, Bucolismo tropical e Previsão*; **Maria Benedita Deschmaps Rodrigues** (Dunga Rodrigues) *Mulheres de Fibra*; **Nilza Queiroz Freire**. *Crendice*; **Amini Haddad Campos**. *Pesadelos d'Alma?*; **Olga Maria Castrillon Mendes**. *O Monumento, O Poema, A Memória*; **Yasmin Jamil Nadaf**. *A Propósito de Machado de Assis na Literatura de Mato Grosso (Primeira metade do século XX) (crônica)*; **Vera Randazzo**. *Pagmejera, Pagmejera!* e **Elizabeth Madureira Siqueira**. *A Dança das Cadeiras Acadêmicas*.

## **Recuperando ainda mais a memória**

A **Revista 98 – 2019** aprofundou mais ainda o resgate da memória institucional. O próprio Editorial, *Veículo atualizado das ideias*, de autoria do Editor **Carlos Gomes de Carvalho**, já indicava do dossiê. Dividida em 4 partes, na primeira *Estudos*, incorporou o artigo de **Marta Helena Cocco** intitulado *Uma das faces do contemporâneo na poesia de Lucinda Persona: a sacralização e celebração do espaço-tempo*. Na parte dedicada às *Crônicas*, a participação feminina foi mais intensa, visto ter incorporado *Aspectos da Vida Cuiabana*, de autoria de **Dunga Rodrigues**, *Para o Futuro*, de autoria de **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, de **Vera Randazzo**, *Pagmejera, Pagmejera!* *Manelantônio*. Na parte da *Ficção*, não houve participação de mulheres. Na *Poesia* foram estampados os seguintes poemas:

**Lucinda Persona**. *Gênese, e Os restos mortais do cerrado*, seguido da poética de **Maria de Arruda Müller**, *Cuiabá, Conformismo e Melancolia*. **Sueli Batista dos Santos**. *A Lata*.

Na Parte II contribuíram na *Tribuna Acadêmica* a escrita de **Marília Beatriz de Figueiredo Leite**, com *Saudação ao Presidente* e **Nilza Queiroz Freire**, com *Oração Fúnebre*. Na Parte III não foram estampados escritos femininos.

## Uma Tripla Homenagem

Na **Revista 99, de 2020**, a memória institucional foi ainda mais aprofundada, visto que dedicada a uma Tripla homenagem: pelo transcurso do Centenário de vida do Acadêmico João Antonio Neto, e pela memória de dois Acadêmicos falecidos, Benedito Pedro Dorileo e Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Este foi mais um reforço na recuperação da memória Institucional, uma vez que se aprofundou no estudo e análise crítica da vida e obra das três personalidades.

Feitos os convites, dela participaram, além dos Acadêmicos atuais, os familiares das três famílias dos homenageados. Os colaboradores puderam escolher escrever sobre uma só personalidade, sobre duas e até mesmo escrever sobre os três homenageados.

Na primeira parte, dedicada ao centenário de vida do Acadêmico João Antonio Neto, colaboraram as seguintes Acadêmicas: **Sueli Batista dos Santos**, que se incumbiu da Apresentação geral da Revista: *Emoldurando Memórias*. Participou também sua filha, Regina Beatriz Guimarães Neto, com *João Antônio Neto: a coragem da ética - nosso pai e grande ser humano*. Em seguida escreveram as acadêmicas **Neila Maria Souza Barreto**, com *Centenário de João Antônio Neto*. **Marta Helena Cocco**, com *A consciência iluminada de João Antonio*

*Neto e Elizabeth Madureira Siqueira, com Dois momentos da literatura de Mato Grosso definidos por um sujeito partícipe e especial, João Antonio Neto.*

Na segunda parte, dedicada à memória do Acadêmico falecido Benedito Pedro Dorileo, escreveram as Acadêmicas **Nilza Queiroz Freire**, com *Professor Benedito Pedro Dorileo* e **Elizabeth Madureira Siqueira**, *Benedito Pedro Dorileo e sua estreita sintonia com a educação.*

A terceira e última parte, dedicada à memória da Acadêmica falecida Marília Beatriz de Figueiredo Leite, foi iniciada com o texto de sua irmã Moema Figueiredo Leite, com *Marília – U.Ie T.M.*, seguido dos artigos das Acadêmicas **Lucinda Nogueira Persona**, com *Marília Beatriz: traços de uma poética*, seguido da contribuição de **Olga Maria Castrillon Mendes**, com *Marília Beatriz em absoluta sinestesia*, do artigo de **Marta Helena Cocco**, *No entanto*, seguido de **Sueli Batista dos Santos**. *Legado, inspiração e saudades*, **Elizabeth Madureira Siqueira**. *Acróstico para Marília*, e **Lindinalva Rodrigues**. *Papai, como eu me saí?*

## **A Revista Centenária (1921-2021)**

A **Revista 100**, organizada em 2021 e editada em 2022, representou o coroamento dos esforços pretéritos, uma vez que todos os Acadêmicos foram convidados a escrever sobre sua Cadeira, incluindo o Patrono e todos os Ocupantes, seguida da Galeria dos Presidentes. Os 40 Acadêmicos aderiram à proposta, resultando num periódico que retratou a imagem contemporânea da instituição.

As Acadêmicas que escreveram neste periódico foram: **Sueli Batista dos Santos** em *Uma revista viva, à guisa de Apresentação*. No que concerne às Cadeiras Acadêmicas, **Marli**

**Wolker, Cadeira 2. Lucinda Nogueira Persona, Cadeira 4. Nilza Queiroz Freire, Cadeira 14. Olga Maria Castrillon Mendes, Cadeira 15. Maria Cristina de Aguiar Campos, Cadeira 16. Marta Helens Cocco, Cadeira 18. Neila Maria Souza Barreto, Cadeira 19. Elizabeth Madureira Siqueira, Cadeira 29. Luciene Carvalho, Cadeira 31. Sueli Batista dos Santos, Cadeira 34. Lindinalva Rodrigues, Cadeira 37. Yasmin Jamil Nadaf, Cadeira 38 e Amini Hadad Campos. Cadeira 39.**

**FOMOS AO TODO 18, HOJE SOMAMOS 13**

### **Acadêmicas FALECIDAS**



**ANA LUIZA PRADO BASTOS**

**Posse: 1921**

**Cadeira 27 – 1ª Ocupante**



**MARIA DE ARRUDA MÜLLER**

**Posse: 26/01/1931**

**Cadeira 7 – 2ª Ocupante**



**VERA IOLANDA RANDAZZO**

**Posse: 10/03/1982**

**Cadeira 19 – 2ª Ocupante**



**DUNGA RODRIGUES**  
**Posse: 19/09/1984**  
**Cadeira 39 - 2ª Ocupante**



**MARÍLIA BEATRIZ DE FIGUEIREDO LEITE**  
**Posse: 10/09/2013**  
**Cadeira 2 - 3ª Ocupante**

**Somos 13, mas valemos por muitas**



**NILZA QUEIROZ FREIRE**  
Posse 25/11/1993

**Primeira Presidente da AML**  
1ª Presidente da AML



**YASMIN JAMIL NADAF**  
Posse 27/10/1995



ELIZABETH MADUREIRA SIQUEIRA  
Posse 20/11/1995



LUCINDA NOGUEIRA PERSONA  
Posse 08/12/1997



AMINI HADDAD CAMPOS  
Posse 01/09/2006



MARTA HELENA COCCO  
Posse 31/10/2014



SUELI BATISTA DOS SANTOS  
Posse 18/11/2014  
Atual Presidente AML



MARIA CRISTINA DE AGUIAR CAMPOS  
Posse 02/05/2015



OLGA MARIA CASTRILLON-MENDES  
Posse 29/05/2015



LUCIENE CARVALHO  
Posse 13/08/2015



LINDINALVA RODRIGUES  
POSSE 12/11/2019



NEILA MARIA SOUZA BARRETO  
Posse 29/11/1919



MARLI WOLKER  
Posse 14/09/2021

## Respondendo à indagação inicial

A que se atribuiu a alteração, nas Revistas - do olhar Exógeno para o Endógeno? Analisando o conjunto do periódico do Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras, concebe-se que isso se deveu, basicamente, aos trabalhos de preservação da memória institucional<sup>40</sup>, seja no recolhimento, arranjo e digitalização dos acervos privados dos Acadêmicos falecidos, tornando-os acessíveis ao conjunto dos associados, mas também aos esforços na publicação de revistas comemorativas, a exemplo daquela dos 75 anos, a dos 90 e dos 95 anos e agora a dos 100 anos, o que obrigou um foco maior para o interior institucional. Não menos importantes foram as Revistas de 2015 e 2016, que estamparam os discursos de abertura, recepção e posse dos Acadêmicos e Presidentes, numa demonstração de reforço ao pertencimento.

Assim, as Revistas do Centro e da Academia Mato-Grossense de Letras, da mesma forma de outros periódicos, foram extremamente importantes para delinear a trajetória institucional em termos de publicação, esboçando a produção intelectual de seus membros e delineando a trajetória institucional ao longo de 100 anos.

---

40 Vd. Site *familiascasabarao*, site da AML.

**POR ABORDAGENS  
MENOS CONSENSUAIS:  
UM EXERCÍCIO  
CARTOGRÁFICO POR  
OUTROS MAPAS E  
POSSIBILIDADES  
NARRATIVAS NO  
JORNALISMO  
CULTURAL DE MT<sup>41</sup>**

*BY LESS CONSENSUAL  
APPROACHES:  
A CARTOGRAPHIC  
EXERCISE THROUGH  
OTHER MAPS  
AND NARRATIVE  
POSSIBILITIES IN  
CULTURAL JOURNALISM  
IN MT*

**Lawrenberg Advíncula da Silva (UNEMAT)<sup>42</sup>**

---

41 O ensaio foi desenvolvido para ser apresentado no I Ciclo de Palestras: Perspectivas no estudo em periódicos, desenvolvido pelo PPGEL/ UNEMAT, no ano de 2021. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=QY1EV7d1hIk>

42 Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGCOM-UERJ. Professor Adjunto do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat, Câmpus de Tangará da Serra. Editor-executivo da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade – RCCS. Diretor Científico da Regional Centro-Oeste da Rede Brasileira de Estudos de Folkcomunicação – REDE FOLKCOM. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade – CAC/UERJ e líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade – CCS/Unemat. E-mail: lawrenberg@unemat.br

**Resumo:** O presente texto consiste na adaptação de um breve ensaio que foi apresentado durante o I Ciclo de Palestras: Perspectivas no estudo em periódicos, que foi realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso – PPGEL/Unemat, no ano de 2021. O objetivo é apresentar outras possibilidades jornalísticas para a cobertura especializada de acontecimentos, personagens e lugares da Cultura Popular, a partir do método cartográfico. As constatações e análises devem apontar para a urgência de roteiros mais alternativos para jornalistas culturais no contexto geográfico do interior de Mato Grosso. Trata-se de um trabalho interdisciplinar, com ênfase nas intersecções possíveis entre os Estudos de Jornalismo e do Cotidiano, cujas ressonâncias nos permitem traçar algumas aproximações com a tradição dos estudos literários sobre periódicos de Mato Grosso.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Cartografia do cotidiano; Cobertura Jornalística; Cultura.

**Abstract:** This text consists of the adaptation of a brief essay that was presented during the I Cycle of Lectures: Perspectives on the study in periodicals, which was carried out by the Postgraduate Program in Literary Studies at the State University of Mato Grosso – PPGEL/Unemat, in 2021. The objective is to present other journalistic possibilities for specialized coverage of events, characters and places in Popular Culture, using the cartographic method. The findings and analyzes should point to the urgency of more alternative itineraries for cultural journalists in the geographic context of the interior of Mato Grosso. This is an interdisciplinary work, with an emphasis on the possible intersections between Journalism and Daily Life Studies, whose resonances allow us to draw some approximations with the tradition of literary studies on periodicals in Mato Grosso.

**Keyword:** Journalism; Cartography of Everyday life; Journalistic Coverage; Culture.

## Um ponto de partida...

Li Carolina antes de ler Audálio. E li sem saber que Audálio tivera um papel tão importante na publicação da obra dela. De diversas maneiras, eu era ignorante por chegar tão tarde tanto ao livro de Carolina quanto ao

entendimento do papel de Audálio na obra de Carolina. A branquitude não é apenas violenta, mas também emburrecedora. Isso descubro e redescubro a cada vez que leio um livro de autoras como Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves, assim como de todos os escritores negros das muitas Áfricas, que só agora estão chegando às livrarias do Brasil. Percebo o tanto de essencial que perdi, limitada aos clássicos da literatura europeia, maravilhosos mas brancos, e dos consagrados autores brancos no Brasil e brancos também no pouco das Áfricas que chegava até nós até bem pouco tempo mesmo. A maioria muito bons, mas inscritos em uma experiência de se encarnar neste mundo assinalado pelo racismo e pelo colonialismo. Existem outras experiências. Muitas outras. De certo modo, os movimentos literários das periferias, assim como o hip-hop dos Racionais MC e outros, também para mim, uma branca de classe média, escancarou universos.  
(BRUM, Eliane, [www.brasil.elpais.com](http://www.brasil.elpais.com), 29/11/2021)

Em artigo publicado em sua coluna semanal no site jornalístico *El País Brasil*, a jornalista e escritora Eliane Brum foi enfática em nos apontar o quanto muitos jornalistas e muitas jornalistas comprometidos com a boa memória jornalística igual o grande Audálio Dantas não estão livres de cometer injustiças semânticas. Sobretudo quando abrangemos enquanto recorte analítico modos de contar e fazer histórias atravessados do que os imaginários eurocêntricos e a cartilha da branquitude possuem de mais sofisticados nas práticas sistematizadas de discriminação, negação e apagamento das diferenças de um país tão plural quanto o Brasil.

Na ocasião, Eliane Brum resgatou talvez uma das histórias mais icônicas quando o assunto é o poder de transformação social do Jornalismo e mais especificamente de uma reportagem, notícia.

Ela trouxe a verdadeira versão da história sobre a reportagem do jornalista Audálio Dantas com uma das mais importantes escritoras negras do Brasil, Maria Carolina de Jesus, autora do livro *Quarto do Despejo*, que naquela época era moradora da favela Canindé, em São Paulo. Ainda que estivesse investido da maior boa-vontade possível quando produziu a reportagem com esta importante escritora negra, na década de 1950, pelo jornal *Folha da Noite*, a verdade é que Audálio acabou tratando todo o enredo apurado dentro daquele olhar típico de um país racista, em sua forma mais estrutural. Isto é, com um olhar e uma escuta social que invisibilizam e diminuem o protagonismo de pessoas não-brancas e historicamente sempre esquecidas daquelas narrativas políticas consideradas predominantes.

A partir do reconhecimento posterior do equívoco do jornalista Audálio, o que se enfatiza aqui inicialmente são para as múltiplas tramas assumidas por um acontecimento no universo ordinário da cultura popular. Trata-se de mais uma provocação ao positivismo, o cientificismo e a falsa imparcialidade jornalística, dos quais acometem o campo profissional e muitas relações enquanto rubrica de uma visão de mundo social cartesiana. Num exame sobre a capacidade das nossas práticas em apresentar versões mais fidedignas dos acontecimentos diante da crise das grandes narrativas seculares e da Modernidade. Senão numa autoavaliação pontual sobre o próprio lugar do Jornalismo diante de outras formas de narrar os acontecimentos, entre elas, a História em sua perspectiva mais clássica, para não dizer hegemônica.

O equívoco de Audálio Dantas constitui um pretexto retórico a fim de problematizarmos o quanto o Jornalismo como

cronismo do cotidiano popular ainda carece de mais reflexões e perguntas mais reflexivas, no que podemos denominar de um novo estatuto ontológico que não dialogue somente com a Filosofia de matriz europeia e a Sociologia Funcionalista Norte-Americana. Bem como, mais especificamente: deve permitir verificar o quanto a relação entre Jornalismo e História requer construções e proposições epistêmicas menos lineares, quando, ao invés de acontecimentos e fatos desencadeados a partir de uma versão e fio únicos de narração, estejamos diante de uma infinidade de modos de narração/narratividade. Sobretudo quando o acontecimento se transforma não somente pelo tempo, mas com o espaço como dimensão presente.

Considerada referência nos estudos contemporâneos de História da Mídia – e da imprensa –, a professora Marialva Barboza (2010) observa a necessidade de uma abordagem mais plural dos acontecimentos e fatos históricos. Ela sugere que a narrativa dos jornais deve incorrer na apresentação de diversos atores sociais, lugares, técnicas e maneiras. Essa narrativa se desenvolve e se modifica conforme os diferentes momentos assumidos pela transmissão desses fatos.

Na narrativa jornalística analisada aqui como ponto de partida de debate, o que se nota e é mister analisar trata-se de uma construção estereotipada da história Maria Carolina de Jesus por parte de um jornalista com longa trajetória dedicada aos movimentos sociais e à categoria (Audálio foi presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo), quando a escritora é apresentada como favelada, no título de sua reportagem *O drama da favela escrito por uma favelada*. A designação estigmatizada acaba sobressaindo à pluralidade do acontecimento que

apresentava diversos enredos simultaneamente no corpo do texto da reportagem, desde aquele que valorizava a superação de Maria Carolina diante das condições desumanas enfrentadas pelos moradores nas regiões periféricas da cidade de São Paulo neste período histórico até a constatação que o jornalista estava diante de uma escritora autodidata. Ao invés de nomeá-la e reconhecer o protagonismo da escritora, com um título *O drama da favela escrito por Maria Carolina de Jesus*, pareceu supostamente mais “conveniente” atribuir uma designação geográfica discriminatória. Com a sugestão do título, Audálio, além de escrever mais uma página da história do racismo estrutural do Brasil, vai evidenciar que por mais nobre que seja a intenção do conteúdo publicado no que tange a afirmação de determinadas lutas históricas, isso não impede ou isenta o jornalista, historiador e cidadão do perigo de cometer injustiça e de repetir erros cometidos ironicamente por aqueles que criticamos na denúncia social. A atenção recai mais sobre os modos, maneiras e formas de produzir história, observando o quanto o Jornalismo como atividade atrelada à manutenção das memórias sociais de uma dada comunidade requer mais autorreflexividade sobretudo diante da identificação de mecanismos e situações cotidianas que sugerem a repetição de narrativas preconceituosas, racistas.

Muito mais do que redobrar o cuidado na formação de uma consciência social e histórica mais aguçada no currículo das mais diversas escolas de Jornalismo do Brasil, julga-se pertinente sublinhar que a vigilância epistêmica sobre o lugar da práxis (jornalística, historiadora) é constante quando envolve a narração e/ou o relato das minorias. Afinal, assim como a ideia de democracia racial perdura como uma grande falácia no âmbito

da opinião pública brasileira na contemporaneidade, também precisa ser interpretado como análogo a relação histórica entre Casa Grande e Senzala, à medida que a violência, o genocídio e toda forma de terrorismo geralmente são invisibilizados ou não devidamente abordados quando envolvem os grupos mais marginalizados da população. É algo presente na agenda das escolas mais decoloniais do pensamento social na América Latina, em textos de Anibal Quijano ao do professor Walter Mignolo, mas também é tema presente nas chamadas literaturas afro-feministas, quando trazemos para debate a escritora negra e nigeriana Adijie Chimamanda e a necessidade de combater tais injustiças históricas desde as formas mais escancaradas às sutilezas, miudezas do cotidiano – em que a sofisticação de linguagem se faz operar como ferramenta complexa de disseminação de ódio às diferenças/particularidades. Trata-se de questões que exigem de nós um mergulho mais empírico para lugares de fala, mapas de vivência e geografias mais subterrâneas, onde apresentamos como hipótese principal da presente reflexão que é somente possível fazer mudanças significativas nas coberturas jornalísticas a partir da adoção de cartografias mais insurgentes nos processos de apuração e produção de histórias, assim num movimento disruptivo diante da linearidade da história.

### **Tecendo um primeiro panorama: rabiscando mapas e outras possibilidades na cobertura jornalística em cultura**

Diante do caso relatado, parece importante traçarmos outros caminhos epistêmicos no que tange narrativas mais alternativas sobre os acontecimentos no universo do popular.

Principalmente sob o intuito de elucidar indagações como: Afinal, qual o perigo de uma versão e memória únicas em nossos periódicos – jornais, revistas, sites?

Ao fazer indagações do gênero, antes de olhar para o lugar que todo imaginário de diferenças e de alteridades vai ocupar na cobertura de imprensa em geral e em Mato Grosso numa história mais recente, julgo necessário pensarmos em que medida ela se situa mais como pauta de verdadeiras bolhas eruditas do que do povo em sua definição mais generosa. Um argumento aqui que demanda olharmos em outros termos/terminologias para a cobertura de Jornalismo Cultural, uma especialização que requer análises e interpretações sobre a práxis e o relacionamento com as fontes para além do preconizado por aqueles manuais jornalísticos escritos pelo excelente jornalista Daniel Pizza, muito conhecido no meio profissional e acadêmico por seus trabalhos na Folha de São Paulo.

Dito isso, a compreensão é que a identificação de narrativas mais alternativas do popular passe primeiramente pela concepção do Jornalismo e sua interface com cotidiano abranger mais lugares do que um lugar específico, onde o repórter, o historiador ou mesmo o etnógrafo desenvolve sua imersão e observação da realidade social investigada. Ao contrário de percursos programáticos e consagrados, o desafio reside em roteiros mais errantes, quando o contato e a leitura menos enviesados do popular constituem a produção de mapas plurais e de traduções de acontecimentos dinâmicos que sempre estão em processos, em um fazer-com. Seja do trajeto da redação ao evento, seja de toda zona de conforto a todo territorialidade que se insinua movediça, o que se julga proeminente é de uma paisagem em efervescência,

povoada por subjetividades e articulações em constante estágio de emergência, justamente condições de realidade que se opõem ao que se constitui como mapa estável, percepção fixa sobre um fenômeno.

Falamos de um leitor da realidade cultural (evento, festo, intervenção) sempre em trânsito. O leitor-movente, um jornalista-cartógrafo, cujo ofício de apuração se desenvolve justamente a partir do seu movimento em áreas consideradas nomináveis/racionalizáveis/controladas para outras áreas distantes, por vezes excluídas das dinâmicas homogeneizantes e totalizantes do tempo (re)produtivo do trabalho moderno. A atenção é para uma relação dinâmica com o popular, senão mais exposta ao ambíguo entre um acontecimento a outro, quando a leitura cartográfica de fenômenos culturais implica na produção de geografias e paisagens mais difusas, heterogêneas, particulares. Neste sentido, partindo pelo pressuposto metodológico que somente a partir da cartografia seja possível traçar outras narrativas culturais e memórias sociais diante daquilo que se apresenta normatizado pelos saberes hegemônicos em nossas sociedades modernas. A mesma cartografia descrita por Coca e Rosário (2018) como um modelo de pensamento pós-estruturalista.

Mais do que caminhar ou produzir mapas figurativos, cartografar significa fazer leituras por territórios e territorialidades de informação e de conhecimento em constante transformação. O esforço não envolve mais escavar o tempo linear, como apontava os historiadores e os jornalistas mais clássicos, mas visualizar e mapear as conexões do presente, na busca de melhores traduções para os processos culturais em movimento, logo próximo do que Lopes define como método estratégico-rizomático.

Deve-se ainda ter em conta o aspecto subterrâneo de uma formação rizomática, que leva a um problema de visibilidade imediata dessa complexa e intrincada teia de relações. O olhar rizomático traça uma cartografia, desenhando um mapa como diagrama variável. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. (Lopes, 2018, p.46)

Isto, pois, somente nessas condições de leitura estereótipos, rótulos e termos como favelada ocupem menos importância na narrativa em favor das descobertas sobre os processos em andamento. Pegando emprestado a frase do grande filósofo e comunicólogo latino-americano Jesús Martín-Barbero (2002), diria que a adoção da cartografia pressupõe pensar o que implica falar de cultura num movimento de meios e lugares consolidados para as suas mediações e lugares ainda invisibilizados nos principais cadernos/seções de jornais. Assim, num percurso cartográfico que não se basta somente na tarefa de ampliar as pautas e imprimir uma visão menos elitizada sobre a vida urbana, mas de perceber em quais condições as formas de pensar e fazer cultura da chamada margem se tornam referências ativas na cobertura do jornal, mas também na literatura produzida.

Jesús Martín-Barbero é filósofo, semiólogo, comunicador, mas também conhecido como um cartógrafo mestiço. No livro *Ofício do Cartógrafo*, ele é categórico em reconhecer que a cartografia e seus múltiplos mapas cognitivos gerados são capazes de recuperar “a singularidade diversa dos objetos”. (Martín-Barbero, 2004, p. 12). A cartografia iria operar como uma metáfora necessária diante esvaziamento semântico das narrativas mais ortodoxas, ao reconhecer as dobras, as consequências e todas as ramificações

que se desencadeiam em cada processo-acontecimento. Trata-se de uma concepção metodológica de leitura do cotidiano que no âmbito de uma cobertura noticiosa de uma festa tradicional abrange não somente a mudança de agendamento de notícia, mas envolve a natureza ideológica, o sentido, de modo que a diferença, o que foge ao normativo daquela determinada programação de eventos, seja menos tratado como divergente ou como exótico, no âmbito das (versões de) histórias do acontecimento.

Lidar com os processos que escapam dos mapas hegemônicos é uma tarefa hercúlea, pois abrange negociações e superação de modelos e gramáticas de mundo cristalizadas de modo consciente e inconsciente em nosso cotidiano. Sobre isso, é válido reportar as coberturas telejornalísticas sobre as festas de techno brega do Pará ou os bailes de Lambadão da Baixada Cuiabana, pelo prisma de repórteres como Mauricio Kubrusly e Regina Casé, da Rede Globo, profissionais reconhecidos como referências de um Jornalismo popular mais irreverente, espontâneo. Nessas coberturas noticiosas, o que prevalecia era uma visão escrachada do popular, uma visão ridicularizada das pessoas que viviam esse popular. Uma visão, na verdade, oportunista, lembrando uma antiga entrevista de um dos donos da Televisa, o empresário mexicano Emilio Azcarraga, quando vai explicar o sucesso dos seriados Chaves e Chapolin (Rincón, 2015)<sup>1</sup>.

Em todos esses casos, redobra-se o cuidado sobre a adoção do signo da cartografia como instrumento de leitura tanto para a percepção de cultura quanto para o de povo, mas também o de massa e de multidões diante de cenários identitários cada vez

---

<sup>1</sup> Nessa entrevista, o empresário Emilio Azcarraga se refere a cultura popular na televisão como conteúdo feito para gente fodida, de gente fodida.

mais fragmentados, difusos. Deste modo, ocorrendo-me mais uma constatação relevante: em que medida a nossa cobertura em cultura sob a rubrica de defesa do regionalismo cuiabano e mato-grossense produz mapas sinceros sobre as transformações vivenciadas entre as velhas e novas gerações de artistas populares? Em que medida os mapas produzidos por algumas narrativas midiáticas conseguem contemplar o popularesco em seu regionalismo mais localista? Como o escracho pode ser um mapa?

Lembro bem que o termo popularesco vai se tornar conhecido no Brasil a partir da década de 1980, quando as emissoras televisivas SBT e Rede Globo acabaram polarizando a programação, mas, acima de tudo, foram participar mais ativamente na formação cultural das chamadas gerações X e Y. Enquanto a Rede Globo foi apostar numa programação mais neoliberal, com conteúdos mais voltados para a classe média, o SBT investiu em programas populares de auditório, usando uma linguagem mais sensacionalista e explorando a miséria social de um Brasil com os índices mais altos de inflação, então uma das heranças malditas da ditadura civil-militar. Trata-se de cartografias bem distintas, quando analisados as ramificações ideológicas, sociais e culturais de cada uma no recorte da recepção de gêneros como as telenovelas e os programas de auditório. No jornalismo impresso, os mapas produzidos pelo imaginário do popularesco se confundem com os do policialesco em cadernos como *Cidades e Policial*. Por vezes, prevalecendo a impressão em muitos casos de artistas e acontecimentos populares estarem situados em lugares distintos, em universos paralelos.

Por outro lado, é válido destacar que os mesmos mapas e

cartografias que acentuam alguns imaginários em detrimento de outros, também apresentam ausências, exclusões, apagamentos, ao negarem na geografia da cidade a existência de acontecimentos que mexem com toda cadeia subterrânea da vida vivida nos mais diversos lugares. Pelo menos é o que se constata na ausência das coberturas jornalísticas dos bailes de rasqueado e de lambadão na capital Cuiabá. Bem por conta disso, o ativismo de artistas populares como Milton Pinho, conhecido popularmente como “Guapo”, acaba adquirindo uma maior importância, haja vista quando destacado projetos como a Rua do Rasqueado, um evento que promove o encontro de cantores de rasqueado no Centro Histórico de Cuiabá há décadas.

### **Por cartografias e mapas sensíveis da cultura popular**

Se não bastasse a exclusão de muitos acontecimentos populares do que podemos chamar de mapas e cartografias da imprensa “comum” e comercial, também se julga relevante discutir elementos narrativos que precisam ser mais explorados de modo que os mapas e as cartografias se apresentem mais fiéis à dimensão mais sensível do popular. São elementos que buscam transmitir para o leitor em geral qual realmente é a sensação de estar naquela ambiência, naquele ambiente, quais sentimentos se fazem sentidos. Ou seja, num movimento de mergulho cartográfico mais sensível, capaz não somente de descrever a cena como qualquer um pode vê-la do lado de fora, lá na rua em frente à bilheteria da casa noturna de lambadão, mas como uma testemunha daquela experiência, o que perpassa ouvir a voz somente do cantor ou do organizador do evento.

Ainda retomando a lembrança das reportagens feitas

por Maurício Kubrusly no antigo *Brasil Legal*, do Fantástico, e de Regina Casé, nos programas *Central Periferia* e *Muvuca*, a impressão que tenho é desses apresentadores e repórteres do popular realizarem algo mais próximo de uma pseudo-cartografia na ambiência da festa. Isto porque, quantas vezes já deparei com eles analisando ou buscando categorizar determinado acontecimento com *réguinhas* e óculos de eruditos em busca do considerado bizarro. Muito mais do que apresentar as diferenças de um Brasil sociodiverso, o que parece ser uma atenuante é a presença de um olhar de imersão já ultrapassado, um olhar que remonta as primeiras viagens etnográficas de antropólogos britânicos no Oriente, onde o olhar sobre as diferenças culturais tinha como parâmetro um modelo de sociedade hegemônico.

No caso desses repórteres, não havia um cuidado sequer deles em disfarçar a surpresa, o choque cultural (estranhamento), como reflexo de uma clara dificuldade em compreender o sentido mais espontâneo daquela manifestação. Ainda que ambos os repórteres são lembrados pela abordagem mais extrovertida, irreverente, em muitas reportagens prevalecia a impressão de uma dificuldade tátil, sensorial, em relação ao ambiente de uma festa, de um evento comunitário, em que, ao invés de divulgar em caráter afirmativo, o que se discute está mais próximo de uma prática sutil de marginalização.

É preciso frisar: não basta ir ao encontro do popular, a fim de reportar, noticiar, é preciso saber senti-lo, cartografar o acontecimento em sua essência do “vivido”. Enfatiza-se uma tomada de postura mais no campo do afeto, desafiando o antigo logos grego de razão lógica. Trata-se de exercer uma sensibilidade mais relativista durante o cartografar por pautas,

notícias, histórias, no sentido de quebrar antigos paradigmas e preconceitos e construir novas alianças, por mais emergentes que elas possam aparecer. Neste trabalho de realocação do olhar, quase sempre lembro das minhas orientações para alunos que pretendiam fazer trabalhos de documentários de material reciclado ou com garotas de programa. Era enfático em apontar a necessidade de exorcizar as leituras velhas e antagônicas de mundo, a fim de poder conhecer, cartografar e produzir outros mapas diante das experiências proporcionadas pelos novos mundos, pelas alteridades culturais. No fundo, o que queria dizer para aqueles alunos era sobre um mundo contemporâneo em constante transformação que necessitava olhares e diagramas mais amplos, de modo a não cair nas ciladas dos pensamentos dogmáticos e opressores.

Da mesma forma, creio ser muito útil essas lições para a cobertura em cultura na imprensa de Mato Grosso. Afinal, quantas vezes os jornalistas especializados em cultura, escritores, cronistas, articulistas, mas também agentes culturais, não se perguntaram se estão realmente preparados para lidar com o novo e o diferente? Ou aquilo que está mais fora da sua ideia de margem? Imaginemos, neste sentido, num exercício de imaginação cartográfica, uma cobertura de um festival de inverno em Chapada de Guimarães onde a pauta das entrevistas não sejam as atrações artísticas, mas justamente o que a mística e a sensação proporcionada por esse evento podem gerar como transformação em determinados ambientes dessa cidade turística.

Sei que muitos vão dizer que fazer isso vai fugir da pauta em si, não tenho dúvidas. Mas também parece pertinente

ressaltar o quanto a relação entre o experimentalismo e os processos cartográficos mais errantes, além de estar cada vez mais massacrado aos determinismos estéticos e éticos do mercado de imprensa, também vem morrendo na própria constituição do repórter enquanto cidadão vivente, cidadão-sensível. Observando mais atentamente, diria que a maioria dos repórteres acabou desaprendendo a trabalhar em seu exercício com outras faculdades sensoriais nas investidas de campo. No fundo, ao aguçarem mais o olhar hermético, a percepção visual mais objetivada para os fatos, assim como tornarem o ouvido mais mecânico, deixaram de lado o olfato, o paladar e principalmente o tato. Cada vez mais parecem se dirigirem para suas coberturas in loco mais como corpos programados, enviesados pelas camisas de força da rotina produtiva e do tempo cada vez mais curto, do que corpos com percepções emancipadas, capazes de capturar os mais variados detalhes e registrar em seus textos as mais variadas territorialidades, temporalidades da existência coletiva.

### **Tecendo um segundo panorama: imaginando cartografias e outros dilemas na cobertura jornalística em cultura**

Distante de generalizar, o que é muito perigoso, mas não muito distante de chegar num ponto comum, pode-se dizer que boa parte dos jornalistas culturais, além de se mostrarem cada vez mais reféns das chamadas culturas midiáticas de espetáculo, também vem revelando uma certa atrofia intelectual, que abrange o exercício mais intenso e versátil de suas sensorialidades como canais de captura de informação, afeto, sentido. Trata-se de uma preocupação que não se dirige somente à figura do jornalista, do escritor e do “historiador de WhatsApp”, que de forma presunçosa

atualiza todo dia o mito platônico do homem da caverna, mas a todos aqueles que, para mais para menos, tem abdicado de usar mais inteiramente suas capacidades mais natas, mais naturais, mais espontâneas.

Sob essa preocupação, reside outro ponto pertinente da necessidade de mapas e cartografias mais alternativas nos processos de leitura da realidade cotidiana: o grau de fidedignidade dos relatos com o acontecimento cultural pautado. Isto pois, será que estamos conseguindo captar a essência de alguns eventos culturais ou somente reproduzir o obvio, assim com adjetivos-clichês e abordagens cada vez mais pasteurizadas? Em um estado como Mato Grosso, pensar num jornalismo cultural mais sensível implica fazer abordagens das mais variadas manifestações de cultura como um repórter-cartógrafo, imerso não somente simbolicamente, mas em carne e espírito no acontecimento cultural. Vamos aqui supor uma pauta de cobertura de um evento na aldeia Wazare, em Campo Novo do Parecis. Vamos imaginar um evento celebrativo, considerado um dos mais importantes do calendário religioso daquela comunidade. Vamos imaginar a chegada do repórter, orientado geralmente por uma pauta clássica em que predomina uma visão de homem branco das práticas indígenas. Enfim, até aí algo que tem sido muito previsível, quando se nota iniciativa jornalística como essa. Lembrando que geralmente jornalista mato-grossense entra numa aldeia indígena mais para fazer cobertura de caderno Policial ou Economia, haja vista as reportagens sobre a relação de alguns indígenas Parecis com a produção de soja.

Contudo, o que parece ser uma questão diferencial é o modo como esse repórter pode em sua ambientação comunitária

situar os relatos, os acontecimentos, logo numa narrativa que busca expressar o que é sentir aquela experiência, o que significa partilhar aquela experiência aos olhos de quem está naquele local. Deste modo, num processo de imersão no qual o olhar do leitor é chamado a se deslocar subjetivamente do lugar dele de homem branco para o de homem indígena, isto é, um processo de formação de identificação para além do campo da informação racional, pois envolve a disseminação de informações sensoriais.

Na contramão das práticas convencionais de atribuir imagens-sínteses de expressões do imaginário coletivo regional, de produzir arquivos e arquivologias em cultura em Mato Grosso, o foco aqui está mais para práticas cartográficas e mapas alternativos que buscam outras formas de inteligibilidade do fenômeno cultural. Práticas de fomento de outras arqueologias simbólicas que estão mais próximas de verdadeiras astúcias do cotidiano, compreendidas pelo filósofo do cotidiano Michel de Certeau (1994) como uma forma de criatividade diante de formas dominantes e hegemônicas. É de se dizer que o cartógrafo-jornalista-historiador-escritor na cultura seja um verdadeiro artista do cotidiano, um artesão do acontecimento, em sua capacidade de forjar as mais diversas artes-de-registrar, artes-de-relatar. Artes que evidenciam o senso mais orgânico para as relações sociais, em suas tramas mais subterrâneas. Artes que permitem ampliar o seu olhar para o anedódino, desta maneira, possibilitando desenvolver memórias mais atentas ao detalhe, ao banal. Num movimento de percepção do estruturalmente imposto para o naturalmente revelado, como já apontado por Michel Maffesoli em sua sociologia do cotidiano e diante da necessidade de um olhar mais compreensivo ante dos fenômenos da cultura.

Discute-se aqui abordagens mais dissensuais, resgatando o que pensador francês Ranciere (2005) sobre o caráter mais conflituoso e necessário das diferenças, das controvérsias. A partir dessas abordagens e modos de leitura mais dissensuais de cultura, enfatiza uma cobertura do popular que possa produzir arquivos e quadros de referência mais próximos do que é a cultura nos nossos dias. Abordagens e práticas de “decifrar” o invisível mais identificadas com as formas coletivas, tribais, com as manifestações do popular e do folclórico em sua tradução mais espontânea e menos contratual. Abordagens que nem sempre se revelam comprometidas em atender o espetáculo, tampouco as marcas mais remotas da tradição religiosa. Abordagens que vão exigir conciliar, juntamente com celulares, câmeras fotográficas, filmadoras, gravadores e demais equipamentos tecnológicos, o aguçamento dos sentidos do olfato, da audição, do tato, de modo a ampliar a dimensão do acontecimento. Portanto, passando a valorizar mais profissionais hiper e multissensoriais (Silva, Oliveira, Aguiar, Araújo, [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br), 23/05/2024).

### **Algumas considerações parciais**

Como se pode notar, aqui foi traçado um interessante percurso. Primeiro, destacando o perigo de uma memória única em cultura, assim também num esforço de problematizar os males da enculturação, da marginalização de outras formas de cultura, senão a valorização de um certo etnocentrismo cultural na cobertura jornalística, produção literária e nos modos dos mais diversos atores culturais se organizarem como campo político. O que permite a gente imaginar o peso semântico e paradigmático

de algumas palavras, representações, colocações jornalísticas, espaço de fala / voz, tanto no sentido de manterem vivas e mais cristalizadas antigas práticas de opressão cultural, quanto no sentido de reafirmarem outras, mais afirmativas às diferenças. Ou seja: aqui se exige uma consciência mais relativista em relação à cultura popular, tanto para profissionais do campo do jornalismo quanto da literatura.

O segundo ponto levantado traz uma crítica à cobertura do popular na cultura. Uma questão que busca evidenciar o quanto uma herança etnocentrista contribui para o fomento de memórias mais escrachadas da cultura, nas quais o humor, o escárnio, acabam operando como ferramentas de degradação e de apagamento cultural. Ao mesmo tempo, parece importante destacar o caráter potente da cultura considerada vulgar de se reinventar e se relacionar com as mais variadas dinâmicas contemporâneas, sobretudo a do consumo. Neste sentido, parece conveniente trazer a noção de culturas bastardas do pensador colombiano Omar Rincón. Para ele (2015), as culturas populares desenvolvem como característica a capacidade de se atualizar e se misturar com outras formas de cultura, desde a erudita à pop. Trata-se de uma questão que deve sugerir outros mapas e quadros de referência, sobretudo quando alertam sobre os riscos de se buscar categorizar, de demarcar, ou de nomear o que se apresenta sempre em movimento, em mistura, em remix, em hibridação, lembrando outro estudioso de cultura, Nestor Garcia Canclini.

O terceiro ponto levantado abrange a necessidade de abandonarmos antigas posturas e velhos mapas, sobretudo fundados no racionalismo moderno, e adotarmos cartografias

que vão revelar uma atitude mais conectada com o modo como a cultura se transforma nas relações do vivido. Ou seja, a atenção é para o exercício cartográfico e uma maior sensibilidade diante do acontecimento cultural, o que, por sua vez, demanda o emprego de outras capacidades além do olho e dos ouvidos nos processos de registro de histórias e de fatos. Assim, diante da hipótese que a partir das formas mais sensíveis e sensoriais de ler o cotidiano seja possível identificar leituras e quadros de referência mais densos sobre a manifestação da cultura. O que na prática deve sugerir para a imprensa e o campo literário de Mato Grosso uma aproximação maior ao campo da fenomenologia e da tradição naturalista brasileira. Que possamos além de descrever acontecimentos, também expressar o espírito desses acontecimentos.

O quarto ponto tem relação com os procedimentos para quem se coloca como um cartógrafo do acontecimento/ do popular, assim numa argumentação mais didática do que demanda pensar na produção de abordagens mais sensíveis e dissensuais na cultura. A ênfase está na prática cartográfica, então como um modo tático de falar de cultura em tempos cada vez mais movediços, sem cometer o perigo de fazer constatações contraditórias. Trata-se de procedimentos mais próximos de uma noção de cultura mais global e menos hegemônica. Procedimentos de interlocução com a realidade mais diversos, que são colocados justamente para desafiar a nossa capacidade empírica de produzir registros mais criativos, inovadores. Mais do que a produção de arquivos, histórias e memórias que buscam atender às chamadas grandes narrativas, busca-se os microrelatos, as microhistórias, de modo a expressar as manifestações da cultura em suas facetas

mais complexas e dinâmicas. Assim num movimento já esboçado quando imprensa mergulha no universo *underground* das tribos urbanas, sim, mas cada vez mais necessário para ampliarmos as referências para o universo das tribos rurbanas, em seu caráter mais informal e subterrâneo.

Isto exposto, a reunião desses quatro pontos deve ser compreendida como mapas possíveis para formas de cultura cada vez mais situadas em mares enigmáticos. Parafraseando a frase imortalizada por Fernando Pessoa, “Navegar é preciso, viver não é preciso”. Diria que o mapear/cartografar está para o navegar na imprecisão, reconhecendo na ambivalência sucesso – fracasso da vida outras modulações de existência, outras formas de expressão da vida, que em seus transbordamentos sejam capazes de produzir as mais variadas histórias e fabulações de mundo, ao invés de só uma versão jornalística e de história de cultura.

## Referências

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BRUM, Eliane. *O que Audálio fez com Maria Carolina de Jesus?* El País Brasil, 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-11-30/o-que-audalio-dantas-fez-com-carolina-maria-de-jesus.html> Acessado em: 29/11/2021.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Edusp, São Paulo, 1998, pgs. 304-305. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1995.

COCA, A.P.; ROSÁRIO, N.M. (2018). A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação. *Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS*, v.19, n.41, pp.34-48, set-dez, 2018.

LOPES, Maria Immacolatta Vassalo. A teoria barberiana da comunicação. Revista Matrizes, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-63, jan./abr. 2018

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Editora Forense Universitária. 3. ed. Rio de Janeiro, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Dos Meios às Mediações – Comunicação, cultura e hegemonia*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 1997, p. 259.

MARTIN-BARBERO, Jesus. *Ofício de Cartógrafo: Travessias latino-americanas da Comunicação na Cultura*. Edições Loyola: São Paulo, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed 34, 2005.

RINCÓN, Omar. Lo popular en la comunicación: culturas bastardas + ciudadanías celebrities. In: AMADO, Adriana e RINCÓN, Omar. *La comunicación en mutación*. Bogotá: Fundación Friedrich Ebert (FES), 2015.

SILVA, Lawrenberg Advíncula, OLIVEIRA, Débora Camila; AGUIAR, Elismácia, ARAÚJO, Marilene Gomes. Por jornalistas mais multi e hipersensoriais. Portal Observatório da Imprensa: Edição 1289, 23/05/2024. Disponível em: [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br).



***A REVISTA  
LITERÁRIA  
PIXÉ NO  
PANORAMA DE  
PERIÓDICOS  
MATO-  
GROSSENSES***

***THE REVISTA  
LITERÁRIA PIXÉ IN  
THE CONTEXT OF  
PERIODICALS FROM  
MATO GROSSO***

Igor Paulo Rodrigues Pereira (UNEMAT)  
Helvio Moraes (UNEMAT)

*Revista Literária Pixé* – Edição Especial publicada em novembro de 2022

**Resumo:** *A Revista Literária Pixé* é um periódico eletrônico com sede na capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá e teve sua primeira edição publicada em março de 2019 e a última em maio de 2023, totalizando cinquenta e três edições publicadas ao longo de, aproximadamente, cinco anos. Este artigo, resultado da dissertação de mestrado sobre os editoriais da *Pixé*, tem como intuito apresentar o panorama de alguns

periódicos literários mato-grossenses, partindo do século XX até chegarmos no final da primeira década do século XXI, com a publicação da *Revista Literária Pixé*. Após este movimento elucidaremos alguns pontos relevantes sobre este periódico, como sua diagramação e projeto visual, o fato de ser uma revista independente, seu suporte digital, sua periodicidade e ser um espaço para difusão da produção artístico-literária contemporânea, enquanto órgão de publicação coletiva.

**Palavras-chave:** Revista Literária Pixé; Periódico Literário Mato-grossense; Literatura Contemporânea.

**Abstract:** The Pixé Literary Magazine is an electronic journal based in the capital of the State of Mato Grosso, Cuiabá and had its first edition published in March 2019 and the last in May 2023, totaling fifty-three editions published over approximately five Years. This research, the result of the master's thesis on the editorials of Pixé, aims to present the panorama of some Mato Grosso literary journals, from the 20th century to the end of the first decade of the 21st century, with the publication of the Pixé Literary Magazine. After this movement we will elucidate some relevant points about Pixé, as your diagramming and visual design, the fact that it is an independent magazine, its digital support, its periodicity and the fact that it is a space for diffusion of contemporary artistic-literary production, as a collective publishing body.

**KEYWORDS:** Pixé Literary Magazine; Mato Grosso Literary Periodical; Contemporary Literature.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em março de 2019 a *Revista Literária Pixé* teve sua primeira edição, intitulada “Edição Piloto”, publicada. *Pixé* é uma revista literária, a princípio, digital e que teve a duração de cinco anos de publicações mensais ininterruptas, apresentando poucas variações quanto a periodicidade neste intervalo de tempo. Com sede em Cuiabá-MT, entre março de 2019 a maio de 2023, teve um total de cinquenta e três edições publicadas, sendo estas divididas em trinta e seis edições regulares e dezessete edições especiais.

A fim de localizarmos este periódico no quadro cultural mato-grossense de revistas literárias, arrolaremos os periódicos aos quais tivemos conhecimento durante esta pesquisa, tendo o recorte temporal partindo do início do século XX, até chegarmos no XXI, com o intuito de trazeremos *Pixé* à luz do debate. Durante este processo, que se dará de forma cronológica, abordaremos os periódicos que Hilda Dutra Magalhães cita em *História da Literatura de Mato Grosso: Século XX (2001)*, bem como, teremos como fonte *Revistas e Jornais: Um estudo do Modernismo em Mato Grosso (2012)*, Marinei Almeida, e da pesquisadora Yasmin Nadaf, com os livros *Sob um signo de uma flor (1993)* e *Páginas do passado: ensaios de literatura (2014)*.

Teremos também como fonte de pesquisa a dissertação de mestrado de Eduardo Mahon, denominada *Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso (2020)*, na qual o pesquisador trata sobre o nascimento de uma geração literária – a Geração Coxipó – passando também por alguns periódicos literários importantes, dos quais aqui citamos.

Feita esta trajetória, que nos possibilitará traçarmos algumas relações entre a *Pixé* e os periódicos que a antecedem, abordaremos algumas características deste periódico, como a sua relação com a produção literária contemporânea, com o suporte digital que oferece e impressões iniciais sobre sua diagramação e projeto visual, o fato de ser um periódico independente e a relação do mercado editorial com a sua periodicidade. Para isto, teremos como fonte principal, Leyla Perrone-Moisés, *Mutações da literatura no século XXI (2016)*, Beatriz Resende, *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI (2008)*, entre outros.

## DESENVOLVIMENTO

A história da literatura, no Brasil, é também a história da imprensa brasileira, esta que teve início no país no século XIX, mais especificamente em 1808, com a chegada do rei D. João VI no país. A literatura nesse período teve grande relação com os periódicos da época, pois foi por meio deles que a produção literária foi difundida no país como nos aponta Müller (2011, p. 36): “A literatura no Brasil, principalmente quando se trata do século XIX, sempre teve especial ligação com o jornalismo. Desde o início da imprensa no país, em 1808, a atividade literária sempre encontrou nos jornais e revistas um espaço de difusão e discussão.”

Em Mato Grosso não foi diferente. A literatura produzida no estado também teve grande influência da imprensa, principalmente por conta da dificuldade que havia em se publicar livros de maneira autônoma. A imprensa surgiu na primeira metade do século XIX, em 1839, com o jornal *Themis Mattogrossense*, primeiro jornal efetivamente mato-grossense, escrito e impresso na capital do estado.

Por conta das dificuldades encontradas para se publicar no século XIX, os escritores tinham como opção publicar suas obras em jornais e revistas. Era um dos métodos mais fáceis e baratos para que seus textos fossem publicados e circulassem entre os leitores:

De 1839 a 1939, durante o primeiro século de existência da imprensa no Estado, circularam na província mais de 120 jornais. Embora de vida efêmera, foram jornais bem lançados, com boas equipes de redatores. Numa época em que era praticamente impossível aos

escritores locais a publicação de seus livros, buscava-se o jornal como forma de divulgar esta produção intelectual. Ao lado dos muitos jornais constatou-se, também, a presença de revistas que contribuíram para o movimento intelectual no Estado, a começar pelas clássicas revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a da Academia Mato-grossense de Letras. Também merecem destaque a revista *Violeta*, órgão do Grêmio Literário Júlia Lopes e a revista *Pindorama*. (Mello, 2003, p. 29)

É nesse sentido que a imprensa e a literatura estabeleceram relações. A imprensa brasileira abria mais espaço para escritores e estes produziam para que sua obra pudesse alcançar mais leitores. Neste movimento, foi possível diversos nomes surgirem na literatura brasileira. Autores como Machado de Assis e José de Alencar iniciaram suas carreiras como literatos através de jornais e revistas. Foi a imprensa que forneceu possibilidades para que eles – os escritores – publicassem suas obras, num campo muito específico: os rodapés dos jornais e revistas.

Dito isto, numa das pesquisas sobre literatura produzida em Mato Grosso no século XX, intitulada *História da Literatura de Mato Grosso: Século XX* (2001), Hilda Gomes Dutra Magalhães cita alguns periódicos importantes. As revistas que a pesquisadora comenta são datadas das primeiras décadas do século XX. A autora as considera como algumas das mais relevantes para o início do século passado, como podemos observar:

No que respeita aos jornais e revistas literárias, dentre os vários surgidos nas décadas de 1910 e 1920, destacamos o **Automatismo**; **O Colibri** – órgão noticioso humorístico e literário; **O Cruzeiro** – órgão dedicado às letras, pilhérico e noticioso; **Escola** – folha literária jovial e crítica; **A Juventude** – periódico literário,

crítico, esportivo e noticioso; **A Letra** – órgão da Sociedade Literária Rui Barbosa; **O Mato Grosso** – revista mensal de Ciências, Letras e variedades; **O Pharol** – órgão literário, crítico e noticioso; **A Violeta** – órgão do Grêmio Literário Júlia Lopes; **A Imprensa** – periódico literário, crítico e noticioso; e **O Ferrão** – crítica, dá notícia e faz literatura. (Magalhães, 2001, p. 39-40)

Estes são apenas alguns dos periódicos do início do século passado que Magalhães (2001) apresenta em seu trabalho. Temos outras revistas que exerceram grande influência na difusão literária em Mato Grosso no século XX, que trataremos a seguir.

Nesta sequência, um dos suplementos literários mais importantes e com maior longevidade, que exerceu grande influência na produção artística literária mato-grossense no século passado, servindo como suporte e espaço de divulgação, datando de 1916 até sua última publicação em meados de 1950, foi a revista literária *A Violeta*.

Não se trata apenas da revista mais longa do estado, mas de um periódico voltado para o público feminino. Estes são dois dos vários motivos que fizeram com que ela se tornasse *corpus* de pesquisas acadêmicas, como a de Nadaf (1993), Parolin (2003), Baldissarelli (2018), Arruda (2019) e a pesquisa em andamento de Guedes (2021-), por exemplo.

Ela teve a contribuição apenas de mulheres mato-grossenses e Nadaf (1993, p. 18), em sua pesquisa sobre o periódico, contabilizou um total de 309 edições. Além disto, afirma: “*A Violeta* não falou só de flores às quais nos remete o seu título de batismo: tampouco se ocupou apenas da literatura, o que nos impossibilita enquadrá-la numa linha de periódicos exclusivamente literários.” (Nadaf, 1993, p. 38). À frente do

corpo redatorial do periódico temos os nomes de Maria Dimpina, Bernardina Rich, Mariana Póvoas e Benilde Moura, cada uma das quais assumindo a direção em momentos diferentes ou de forma concomitante, como no caso de Póvoas e Moura, de maio de 1937 a julho de 1938 e Dimpina e Moura, de agosto de 1938 a abril de 1940, de acordo com Nadaf (1993).

Mato Grosso também teve, no dia sete de setembro de 1935, publicada a revista *Cidade Verde*, na capital do Estado. Sua periodicidade era quinzenal e teve como diretor L. Barbosa Garcia. Além disso, como aborda Campos e Mahon (2023, p. 31-32), “teve sua redação e administração situadas na rua Antônio Maria, nº 44, no centro de Cuiabá-MT. A primeira edição foi lançada no dia 7 de setembro de 1935, não por acaso coincidindo com as festividades cívicas relativas à independência do Brasil.” Os pesquisadores tiveram acesso a três edições do periódico por meio da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (BN), sendo as edições nº 1, 2 e 4. Sua periodicidade, inicialmente, foi quinzenal e, como destacam no artigo, tornou-se mensal. Ainda que anunciado enquanto um periódico “modernista” pela BN, Campos e Mahon concluem não ter sido o caso. Como pontuam, não há compromisso com a estética modernista, mas com a manutenção de valores conservadores, com a estética passadista.

Outra revista de grande influência para o cenário matogrossense foi *Pindorama – Revista de Crítica e Literatura* que teve em sua direção Gervásio Leite, Rubens de Mendonça e João Batista Martins de Melo. Magalhães (2001) afirma que se tratava de uma revista que buscou trazer o movimento modernista para Mato Grosso, que vivia um momento de anacronia na sua produção literária, atrasada dezessete anos, quando comparada à

Semana da Arte Moderna, em 1922, marco inicial do movimento modernista no Brasil. Surge, então “(...) um grupo de jovens escritores inconformados com a situação cultural do Estado. Fruto desse inconformismo surge, então, Pindorama – Revista de Crítica e Literatura, lançada em 1939, com o objetivo de propagar o movimento modernista no Estado.” (Almeida, 2012, p. 50)

*Pindorama*, para Magalhães (2001, p. 125), foi uma revista que fracassou na tentativa de concretizar suas ideias. Contudo, ainda que não tenha conseguido que o movimento modernista mato-grossense se instaurasse, trouxe grandes nomes para o cenário cultural. Nomes como Silva Freire e Wladimir Dias-Pino, que contribuíram periodicamente e, hoje, são autores de referência na literatura de vanguarda brasileira.

No entanto, ainda que para alguns críticos ela tenha fracassado enquanto projeto estético, a revista criada pelo grupo de jovens influenciou a criação de outras revistas literárias de grande importância, bem como, antes de sua dissolução, lançou o *Movimento Graça Aranha*, em 1939. “Entretanto, sabemos que este Manifesto foi uma das últimas, ou a última, atividade do grupo Pindorama antes da separação de seus colaboradores, quando, então, cada componente optou por uma caminhada própria.” (Almeida, 2012, p. 80).

Almeida (2012, p. 45) afirma que o periódico teve influência nas próximas gerações, no sentido de criarem outras revistas, como *O Arauto de Juvenília*, *Sarã* e *Ganga*:

Contudo, parece que não erramos ao afirmar que, se houve fracasso enquanto proposta estética de um lado, por outro o grupo Pindorama conseguiu seu intento, fazendo com que o grito em favor de “Novidade e Atualidade” ecoasse nos anos posteriores e chegasse até aos [sic] grupos continuadores,

resultando em: *O Arauto de Juvenília, Sarã e Ganga*, periódicos em que atuaram nomes que hoje são literariamente reconhecidos, como Silva Freire e Wladimir Dias Pino.

Em dezembro de 1945, Raimundo Maranhão Ayres idealizou e dirigiu o jornal *Novo Mundo*. Foi também um periódico de grande importância para Mato Grosso, visto estar engajado em causas sociais e políticas, além de ter oferecido espaço para que, tanto autores conhecidos como em busca de reconhecimento, pudessem publicar seus escritos. Teve a contribuição de escritores hispano-americanos, publicando, assim, textos na língua original destes. Em resumo:

Rompendo em meio a uma realidade, ao mesmo tempo progressista e deficitária, o Novo Mundo aboliu as noções de fronteira, de cânone e de hegemonia. Nivelou a geografia, irmanou territórios e desbancou as diferenças e distâncias geográficas, econômicas, sociais, e culturais. Sem constrangimento, derrubou os muros que dividiam os povos e eliminou conceitos como o de nações mais poderosas ou culturais mais evoluídas. Provou que todos os povos são iguais, com direitos idênticos, e deu o exemplo: um povoado encravado nos sertões de Mato Grosso podia transformar-se em referência para um novo mundo, um mundo melhor. (...) Escritores, jornalistas, fundadores e editores de jornais e revistas, professores de diversas áreas, políticos, acadêmicos, dirigentes de agremiações literárias, americanistas, entre outras de cunho científico, tiveram participação efetiva ou esporádica no jornal e muitos, ainda, fizeram nele a sua estreia nas letras. (Nadaf, 2014, p. 77-79)

Quatro anos após o lançamento de *Novo Mundo*, há o surgimento do jornal literário *O Arauto de Juvenília*, em novembro de 1949:

Dez anos após o aparecimento de Pindorama, foi lançado, a 27 de novembro de 1949, na cidade de Cuiabá, o primeiro número de *O Arauto de Juvenília*, bem mais agressivo e mais consistente que Pindorama. O Arauto teve como diretor o poeta Benedito Santana da Silva Freire e como secretário Wladimir Dias Pino, seu principal participante. A sede da redação instalou-se, a princípio, na rua Ricardo Franco, n. 163; depois, mudou-se para a rua Cândido Mariano, n. 539 – Caixa Postal 95 – “Na Velha Cuiabá – Estado de Mato Grosso”. (Almeida, 2012, p. 36-37)

Silva Freire e Wladimir Dias-Pino, como citado anteriormente, foram dois escritores que participaram não apenas de *Pindorama*, do *Movimento Graça Aranha*, como uma década depois criaram *O Arauto*, buscando contribuir com a literatura produzida no estado em meados do século XX, como argumenta Ramos (2007, p. 42-43): “Os dois autores, Pino e Freire, criaram juntos as revistas *O arauto de juvenília* e *O saci*, importantes publicações que serviram para divulgar novos valores no estado de Mato Grosso”.

Durante esse processo de modernização artística mato-grossense, surgiu em 31 de janeiro de 1951, dois anos após *O Arauto*, o jornal *Ganga – Jornal de Cultura*, sob a direção de João Antônio Neto. “Na verdade, foi a partir das publicações de **Ganga** que os poetas contemporâneos puderam desenvolver as suas novas propostas estéticas, ainda insípidas e embrionárias.” (Magalhães, 2001, p. 156). E paralelamente a *Ganga*, em março de 1951, surge o jornal *Sarã*, tendo como redator Wladimir Dias-Pino.

De acordo com Almeida (2012, p. 122), Dias-Pino teve grande influência neste processo de modernização, pois foi o

precursor de um movimento vanguardista no Estado, chamado *Intensivismo*:

Como um dos fundadores dos periódicos literários mato-grossenses do final da década de 40 e início da década de 50, Wladimir Dias Pino trouxe uma nova movimentação literária para o Estado. Foi através do jornal literário *O Arauto de Juvenília*, de 1949, que definiu a luta em prol da modernização cultural. Esta luta foi definitivamente delineada em *Sarã*, de 1951 a 1952, jornal literário que traz estampado em suas páginas a indignação diante do passadismo em forma de manifesto, de poesia e de xilogravuras – elementos responsáveis pela transmissão do desejo de modernização cultural.

Sobre este movimento, Ramos (2019, p. 282) afirma: “o autor, juntamente com o poeta mato-grossense Silva Freire, fundou o Intensivismo, movimento que precedeu ao Concretismo, no começo da década de 50, em Cuiabá. O manifesto foi publicado nos números 3 e 4 do jornal SARÃ.” (Ramos, 2019, p. 282).

Segundo Almeida (2012, p. 125), Dias-Pino “considera também que, com o Intensivismo, que proclamava a valorização da imagem no poema, a visualidade começava a ter uma grande importância na poesia.” Neste sentido, neste movimento vanguardista há a aproximação da imagem à escrita no poema, criando imagens poéticas.

Ressaltamos ainda a importância que Dias-Pino teve na produção literária deste período, não apenas por intermédio das suas obras, mas também através dos meios que colocou à disposição para que outros escritores também pudessem publicar. Ele foi responsável pela parte gráfica de

*O Arauto* e *Sarã* e, além disso, deu origem ao jornal *Japa*, em 1953, como afirma Almeida (2012, p. 120): “Junto com Silva Freire, também fundou, no Rio de Janeiro, em 1953, *Japa* – jornal responsável pela divulgação e publicação de autores mato-grossenses”. Contudo, o jornal que criou com Freire em 1953, ainda que veiculasse a produção de autores mato-grossenses, não foi um jornal produzido em Mato Grosso.

Cerca de quatro décadas após o lançamento de *Sarã*, Mato Grosso vê surgir uma nova revista literária que buscava insurgir contra o academicismo presente nas letras do estado. Em outubro de 1992, temos a primeira edição da revista *Vôte!*. O academicismo ao qual se opunha foi, em Mato Grosso, como Mahon (2020) aborda, um projeto literário instaurado por José de Mesquita e Dom Aquino, que poetas e escritores mato-grossenses, em muitos casos integrantes da AML, seguiam na produção de suas obras. Como podemos observar, nas suas palavras:

A Academia Mato-grossense de Letras era, portanto, uma projeção cultural desse domínio totalizante (...) A “cultura de academia” – emulativa, passadista e inclinada a receber mais personalidades ilustres da sociedade cuiabana do que escritores – predominou por toda a segunda metade do século XX. Imitando uns aos outros até a atualidade, buscam autorreferentes argumentos de autoridade para validar sua posição desvencilhada da literatura, reivindicando um estatuto mais amplo para a expressão “letras”, o que gera perplexidade ao constatar que vários membros da AML não escreveram um único livro de ficção/poesia, ou simplesmente não publicaram nenhum livro. (Mahon, 2020, p. 58)

Neste sentido, ainda que o movimento fracassado de *Pindorama* e do *Manifesto Graça Aranha* em trazer modernização às letras de Mato Grosso tenha sido alcançado a partir de *O Arauto*, *Ganga e Sarã*, havia outro problema nas letras do Estado: o academicismo, diante do qual a revista *Vôte!* se manifestava na contramão. Ela buscava, antes de tudo, negar a estética tradicionalista que a dupla José de Mesquita e Francisco de Aquino Corrêa implementaram. Ela surgiu como uma revista que buscava outras alternativas de produção literária. “O conteúdo da revista *Vôte!* não reproduziu o tom laudatório da estética tradicionalista da Academia Mato-grossense de Letras, mas posicionou os jovens autores na mesma armadilha autorreferente da cuiabanidade (...)”. (ibid., p. 128)

Apesar disso, *Vôte!* foi um dos periódicos – mais especificamente, o segundo – que serviu como palco para uma nova geração de escritores mato-grossenses: a Geração Coxipó, grupo que Eduardo Mahon (2020) estuda em sua dissertação, analisando o quadro cultural mato-grossense do final do século XX e início deste.

Anterior à revista *Vôte!* foi o periódico *Saco de Gatos* – *uma produção ainda pendente*. Contudo, como aponta Mahon, foi um projeto que surgiu ainda na fase inicial do grupo e, portanto, “Ainda não estava delineada a temática defensivista, predominante da revista *Vôte!* em diante. O *Saco de Gatos* enfatizava mais a estética *beatnik* importada dos grandes centros, que chegava nos livros trazidos por amigos.” (ibid., p. 139).

Outra revista que merece destaque por ter se manifestado esteticamente contra o academicismo e da qual a Geração Coxipó participou ativamente foi *Estação Leitura*, cuja primeira edição

foi publicada entre fevereiro e março de 2004, tendo como diretor Wander Antunes. Contudo, ainda que seu projeto estético fosse divergente do academicismo:

A Estação Leitura não pontificava a cuiabanidade como o fazia *Vôte!*. Ainda que os autores da Geração Coxipó estivessem presentes na publicação, Cuiabá começou a sair lentamente do protagonismo dos textos literários, dando lugar às angústias existenciais e desafios do contemporâneo. (ibid., p. 169)

Aproximadamente dois anos após *Estação* surgiu, em 2006, em Chapada dos Guimarães - MT, a revista *Fagulha*, editada por Juliano Moreno. A revista teve uma edição publicada anualmente, mas não apresentou nenhuma espécie de manifesto, como aconteceu em *Pindorama*, como podemos observar nas palavras de Mahon (2020, p. 175): “A distribuição estava centrada no Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães, ensejando uma única edição por ano. Na publicação, não houve qualquer tipo de manifesto literário, (...) A crítica social, que já se ensaiava noutros periódicos anteriores, ficou mais visível na *Fagulha*.”

Após *Fagulha*, no final de 2017, surge a revista eletrônica *Ruído Manifesto*, abrindo espaço tanto para a Literatura quanto para a Crítica e o Audiovisual, tendo sua produção veiculada em meio digital e com sede na capital do Estado. Idealizado por Rodivaldo Ribeiro, o periódico em 2024 continua sendo suporte para a produção literária brasileira produzida em Mato Grosso.

Dois anos após *Ruído Manifesto*, surge outra revista literária que serviu de suporte para veiculação das publicações de alguns escritores da Geração Coxipó: a *Revista Literária Pixé*,

com sua primeira edição, intitulada Edição Piloto, publicada em março de 2019. Periódico idealizado e dirigido por Eduardo Mahon, surgiu em período coincidente com sua pesquisa de mestrado sobre essa geração.

Ainda que nosso propósito seja tratarmos dos editoriais deste periódico literário, apresentaremos outras revistas que surgem posteriormente e que compõem o quadro de revistas literárias contemporâneas produzidas em Mato Grosso. Nesse sentido, aproximadamente um ano após a primeira edição da *Revista Pixé*, em abril de 2020, foi publicada a primeira edição da *Revista Matapacos, uma revista de experimentalismos*, idealizada pelo Coletivo Coma a Fronteira, tendo sua produção em meio digital. É um periódico que teve até o momento um total de quatro edições publicadas, sendo a primeira e a segunda edições publicadas em abril do mesmo ano, a terceira, em maio, e a última, em julho de 2020.

No ano seguinte, temos a publicação da *Revista Lela - Ensaios e Insights*, organizada pelo Sesc-MT, com o lançamento oficial no dia 10 de novembro de 2021 no Teatro do Sesc Arsenal, localizado em Cuiabá-MT, e teve como editor Caio Augusto Ribeiro.

Vale, ainda, ressaltar que grande parte dos periódicos listados foram veiculados em suporte impresso, com exceção da *Pixé*, *Matapacos* e de *Ruído Manifesto*. Quando nos atemos a *Pixé*, observamos se tratar de um periódico digital, que teve a duração de cinco anos ininterruptos, com publicações, a princípio, mensais, que não se sustentaram nos últimos dois anos, tendo algumas edições descontinuadas. Nos dois primeiros anos, publicou mensalmente e, após a vigésima quarta edição, publicada em março de 2021, teve a primeira lacuna de dois

meses, até a próxima edição regular, foi publicada somente em junho de 2021. Contudo, no mês de abril de 2021, publicou a Edição comemorativa. Houve outra ausência entre junho e agosto de 2021, e mais uma lacuna de dois meses entre a edição de agosto de 2021 (Edição nº 26) e a de novembro do mesmo ano.

Após novembro de 2021, notamos que sua periodicidade se torna irregular, tendo mais algumas lacunas entre uma edição regular e outra e meses em que há apenas uma edição especial publicada, ao contrário do que acontecia anteriormente, em que havia a publicação mensal das edições regulares com a publicação de uma edição especial. Destacamos ainda uma lacuna de três meses entre a edição de setembro de 2022 (Edição nº 32) e a de janeiro de 2023 (Edição nº 33).

Todas suas edições, as trinta e seis edições regulares e as dezessete edições especiais, encontram-se disponíveis em *site* oficial do periódico, organizadas de forma cronológica e disponibilizadas gratuitamente. No *site* oficial, encontramos uma pequena apresentação sobre a revista:

Pixé é uma revista literária criada pelo escritor Eduardo Mahon. Nasceu como periódico eletrônico, assumindo uma versão exclusivamente digital, com objetivo de divulgar a Literatura e a arte contemporânea em Mato Grosso. Em pouco tempo, ganhou as primeiras publicações impressas, além de ser enriquecida por contribuições de artistas nacionais e internacionais. Juntamente com edições mensais, a revista apresenta um considerável número de edições especiais, cujos temas foram escolhidos entre o editor-geral e curadores convidados. A Revista Literária Pixé foi descontinuada após 5 anos de circulação ininterrupta, mas todo o conteúdo produzido está disponível pública e gratuitamente para os leitores e pesquisadores. (Revista Literária Pixé, 2023).

Como apontado na apresentação do *site* oficial, ainda que um periódico literário digital, em pouco tempo teve parte de suas edições impressas. Em seu terceiro ano, ganha a primeira edição especial – mais especificamente em maio de 2021 -, com a tiragem de todas as edições de março de 2019 a março de 2020, e em novembro de 2022, a tiragem das edições de abril de 2020 a março de 2021. Há também uma edição comemorativa, publicada em abril de 2021, dos editoriais do primeiro ao terceiro ano da revista, como podemos observar a seguir:

### Capas das edições impressas da *Revista Literária Pixé*



*Revista Literária Pixé* – Edição Especial publicada em maio de 2021.      *Revista Literária Pixé* – Edição Especial publicada em novembro de 2022.      *Revista Literária Pixé* – Edição Comemorativa publicada em abril de 2021.

Outra característica importante é a de se tratar de um periódico que não se restringe à produção literária, abrindo espaço para outras produções artísticas. É um espaço democrático, aceitando também a crítica literária, assim como pensadores, artistas plásticos, etc., e como disserta Rocha (1985, p. 34): “Seja como for, a revista literária ou de interesse literário

é, por definição, um espaço de afirmação colectiva de criadores – a que podem juntar-se críticos literários, pensadores, homens de cultura ou artistas plásticos.”. Justamente por esta característica, a *Pixé* dá espaço também, não apenas a escritores, mas também artistas plásticos, que contribuem em todas as suas edições.

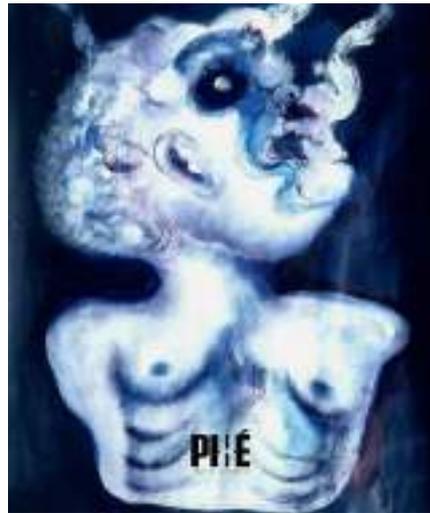
Dito isto, a diagramação e o projeto visual deste periódico são pensados a partir das obras do artista que participa da edição, sendo as obras, por vezes, pinturas e fotografias, entre outros tipos de artes visuais. Esta junção de outras artes e literatura, apostando na apresentação visual da revista não é, contudo, inédita em Mato Grosso, nem algo exclusivo da *Pixé*. A primeira revista em Mato Grosso a integrar em suas páginas fotografias foi *A Violeta*, ainda que isto não tenha se dado de maneira concomitante à sua criação, como foi o caso de *Pixé*:

Contrariamente à publicidade, que surgiu no primeiro número de *A Violeta*, a ilustração só se fez presente a partir do vigésimo quinto número, trazendo foto de um grupo de enfermeiras não identificadas, na casa: a da escritora Júlia Lopes de Almeida, na p. 1; e a de um grupo de sócias do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, na p. 7. (Nadaf, 1993, p. 35)

O primeiro número de *Vôte!* revela duas propostas que não são novas: “resgatar” a memória cuiabana e, de outro lado, “falar de Cuiabá e do cuiabano”. Nesse aspecto, o periódico poderia integrar tantos outros conservadores que visavam à reprodução da cultura erudita e academicista. Ocorre que, mesmo Aclyse de Mattos tendo textualmente se referido ao “resgate”, o que *Vôte!* apontava era para uma nova fórmula de literatura: (a) amplo uso de imagens: desenhos, pinturas e fotografias; (b) sensualidade nas histórias em quadrinhos; (c) valorização de Cuiabá como centro de produção cultural; (d) participação da crítica literária formada por professores da Universidade Federal de Mato Grosso.

Não obstante, o aspecto visual da revista *Pixé* nos parece mais bem elaborado. O projeto gráfico foi desenvolvido por Roseli Mendes Carnaíba em todas as edições. Cada uma possui um artista visual convidado, o qual, em alguns casos, é o mesmo artista que o periódico homenageia na edição. Em consonância a isto, a diagramação é feita de forma a dialogar com as artes visuais. Os tons de cores produzem uma relação harmoniosa com as ilustrações presentes em suas páginas, o que a transforma numa revista cheia de cores vivas, uma de suas características mais marcantes: “Em relação ao aspecto gráfico, a revista iniciou nada pouco tímida quanto ao uso de cores e ilustrações; estas, sempre feitas a partir de trabalhos já produzidos de artista regional, nacional ou internacional.” (Nora; Zortea; Guedes; Gindri, 2023, p. 178). A seguir, apresentamos alguns exemplos:

### Capa e contracapa da terceira edição da *Revista Literária Pixé* com o artista visual convidado Gonçalo Arruda



Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br>

Neste processo, a literatura veiculada ao longo das edições deste periódico, encontra-se em confluência com outras artes, como as ilustrações, fotografias e pinturas, tornando a *Pixé* um periódico não apenas textual, mas também não verbal, que se utiliza de outras formas de linguagem.

Outro ponto a se destacar sobre este periódico é o fato de ser um projeto artístico-literário que, em regra, não possuiu parcerias, apoio institucional e, portanto, não possuiu marcas de patrocinadores em suas páginas, como acontecia com muitos periódicos literários, sendo, portanto, uma revista independente e as produções nele veiculadas cedidas gratuitamente. Contudo, ainda que tenha sido um projeto que se deu através de esforços por parte de seu idealizador, contou com apenas uma edição que resulta de duas parcerias, a edição especial de dezembro de 2022, conexão Conexão China (Fujian) e Brasil (Mato Grosso), que conta com os parceiros O Estado de Mato Grosso e Fujian Foreign Affairs<sup>1</sup>, como podemos ver a seguir:

Ainda que esta edição apresente incentivos externos e parcerias, a *Pixé* foi um projeto artístico literário independente. As mídias eletrônicas, como o computador, a internet, possibilitaram que os escritores e artistas em geral pudessem produzir e divulgar suas obras de maneira mais fácil, sem perder a qualidade e sem a necessidade de patrocínio ou aval da crítica especializada. A internet possibilita aos escritores poderem publicar, divulgar e, o mais importante, serem lidos, sem a necessidade de intermédio de uma editora, como nos aponta Perrone-Moisés (2016, p. 46): “A internet tem permitido a autopublicação de novos escritores, mas não modificou substancialmente seus procedimentos estilísticos.” Há a possibilidade da autopublicação sem a intermediação de

<sup>1</sup> Tradução: Relações Exteriores de Fujian

editoras profissionais ou parcerias.

Entretanto, a edição especial publicada através de parceria entre a *Pixé* e o Governo Estadual demonstra a importância que as entidades governamentais exercem na produção cultural no país. Ainda que a internet facilite a publicação e veiculação, há custos envolvidos no processo de produção, como no caso em discussão. Desde a implementação do mercado editorial no país, os incentivos estatais tiveram grande relevância na consolidação do mercado editorial, o que não foi diferente em Mato Grosso.

João Mützemberg (2006, p. 25) esclarece o papel mediador do Estado neste processo, quando aborda o mercado editorial em Mato Grosso “Sobre o exposto até aqui, gostaria de reiterar a presença do Estado como mediador na esfera cultural.”. Na sequência, destaca ainda a observação de Carlos Gomes, o primeiro presidente da AML, e do historiador Lenine Póvoas sobre a influência do governo:

Tanto o presidente da Academia Mato-grossense de Letras, o poeta Carlos Gomes de Carvalho, quanto o historiador Lenine Póvoas enfatizam a importância da atuação governamental para a consolidação das Letras mato-grossenses. Presença que se traduz como estimulador educacional com a implantação de escolas públicas, como mecenas, como posto de trabalho para intelectuais e, mais recentemente, com a Fundação Cultural, a Casa da Cultura e leis de incentivo à cultura. Esta presença do Estado, antes de ser questionada, é reivindicada pelos intelectuais, haja vista o mercado editorial ainda embrionário em Mato Grosso, cujas vendagens não permitem muitas vezes ao autor pagar os custos de produção da Obra (...) (ibid., p. 25)

Mützemberg salienta também que, em Mato Grosso, a imprensa periódica ainda está em fase de desenvolvimento, quando compara esta atividade a dos grandes centros hegemônicos do país. Grande parte dos incentivos estatais são voltados a editoras que estão no Centro-Sul brasileiro, o que demonstra sua predominância neste mercado. Neste sentido, afirma que “Se esta região conseguiu impor sua hegemonia no mercado editorial brasileiro, Mato Grosso começa, só agora, de forma ainda bastante lenta, a desenvolver uma atividade editorial de forma mais profissional.” (ibid., p. 20). Como consequência, o mercado editorial mato-grossense encontra dificuldade na produção e em sua própria manutenção neste mercado, dado o volume menor de incentivos.

A *Pixé* é uma iniciativa privada sem fins lucrativos e não possui vínculo com uma editora, ainda que de menor porte. Numa entrevista<sup>2</sup> concedida à Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no dia 20 de junho de 2023, organizada pelo professor Isaac Newton<sup>3</sup> e pela mestranda Aline Almeida<sup>4</sup>, o editor, ao argumentar sobre a periodicidade do projeto e sobre os custos, conforme o editor destaca:

É uma periodicidade muito difícil. Foi um custo muito alto e eu dizia à diagramadora: “olha, não vou manter isso pra sempre, porque não é a minha fonte de renda.”. Eu comecei numa visão e acabei indo para lugares completamente diferentes. (Mahon, 2023)

---

2 Entrevista disponível na plataforma do *Youtube*, pela página da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, no seguinte *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=KbGPVHQzuvA>

3 Isaac Newton de Almeida Ramos, docente no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Campus Tangará da Serra - MT e no campus de Alto Araguaia-MT.

4 Aline Almeida da Silva, Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Estudos Literários – Tangará da Serra.

Sua fala nos esclarece sobre as dificuldades encontradas na manutenção das publicações mensais, que envolviam um alto custo na produção do periódico, como também as dificuldades encontradas pelo editor ao coordenar os processos que envolvem a produção e veiculação de uma obra, ou seja, para adentrar no mercado editorial. Nesta mesma entrevista, deixa claro, mais adiante, o custo envolvido na produção do periódico: “O custo é enorme. Pra vocês terem uma ideia, pra fazer no primeiro ano, nós gastamos 180 mil. Eu gastei 180 mil. No segundo ano, custou gastei 220 mil. É muito. Não é uma brincadeira.” (Mahon, 2023)

Mützemberg (2006) afirma que os escritores mato-grossenses – referindo-se aos primeiros anos do século XXI, momento no qual a pesquisa foi feita – recorriam às leis de incentivo para que pudessem ter suas obras publicadas, principalmente pela justificativa do alto custo envolvido na produção de seus livros:

Aqui em Mato Grosso escritores têm recorrido às leis de incentivo como forma de financiar sob o argumento de que o custo da edição e a pequena circulação de um livro inviabilizam o investimento próprio. E esta defesa não se limita a escritores, mas também editores consideram importante os incentivos públicos ao setor por conta de um mercado que ainda não apresenta a dinâmica de outros centros maiores. (Mützemberg, 2006, p. 128)

O elevado custo na autopublicação ainda é uma realidade, como podemos observar pelas altas cifras que envolveram o processo de produção das edições da *Pixé* e, ainda que uma das características dos periódicos literários seja a possibilidade da veiculação de obras a custo baixo, isto não parece implicar em baixo custo no processo de produção desta revista.

No século passado, os idealizadores dos periódicos enfrentavam problemas de escassez de recursos para suas tiragens e muitas revistas tinham a periodicidade e a vida útil afetada por questões financeiras. A revista *A Violeta*, como outros periódicos, inclusive mato-grossenses, possuiu assinatura mensal. “Segundo se anuncia em sua capa, cobrou-se mensalmente por *A Violeta* a importância de 1\$000 para a Capital mato-grossense, e 1\$200 para outras localidades, e 1\$200 pelo exemplar avulso (...)” (Nadaf, 1993, p. 31).

A *Revista Literária Pixé*, desde a sua primeira edição, circulou de forma gratuita e ampla. A publicação em veículos alternativos, de amplo acesso e de forma gratuita, possibilita aos artistas expandirem suas possibilidades, principalmente quando pensamos nos suportes digitais.

Quase todos os periódicos citados, ainda que partissem de iniciativa privada, como é o caso de alguns, contaram com patrocinadores ou apoio para que pudessem ser impressos. Por um lado, havia o interesse de determinado grupo de escritores na divulgação de suas obras e de outro, a necessidade da divulgação de seus parceiros comerciais. A falta de políticas públicas voltadas à produção cultural e o alto custo na produção dos periódicos foram empecilhos para os idealizadores de tais projetos, mas sempre houve certa participação da iniciativa privada neste processo.

Os esforços que um editor de periódicos ou autor se propõe a enfrentar, encontram-se, como afirma Müttemberg, inseridos em um processo mais complexo da imprensa editorial mato-grossense. O pesquisador afirma que – nos referimos ao ano de sua pesquisa, 2006 – as pequenas editoras do estado na verdade eram pequenas gráficas que apresentam um selo editorial, como a Verde Pantanal e Carline & Carniato e destaca que:

A criação de selo editorial próprio não pode ser vista aqui apenas como uma estratégia para fugir das imposições de grandes editoras dos centros maiores. Reflete, principalmente, um mercado editorial bastante embrionário em que cada autor obriga-se a enfrentar sozinho o desafio de editar um livro. É certo que já existem em Mato Grosso, como visto neste trabalho, editoras em condições técnicas de editarem um livro que nada fica a dever aos grandes centros do país. Entretanto, a dificuldade de distribuição é comum a todas elas, fato que pode motivar, também, a busca por uma aventura editorial própria. (Mützemberg, 2006, p. 132)

Além destes desafios concernentes aos aspectos mais práticos da produção da revista, é possível que o editor da *Pixé* tenha sido motivado à sua criação também pela necessidade da diversidade de espaços para escritores mato-grossenses no século XXI. Não chega a ser uma lacuna, pois percebemos que *Fagulha* surgira em 2006 e, após pouco mais de uma década, em 2017, surgiu o periódico eletrônico *Ruído Manifesto*. De todo modo, o pequeno número de iniciativas parecidas se faz sentir, e pode ter servido de estímulo para a concepção de um projeto como o da revista *Pixé*.

Com relação ao suporte do periódico, Hayles (2009, p. 61) afirma que “A literatura no século XXI é computacional (...), quase todos os livros impressos são arquivos digitais antes de se tornarem livros.” Algo neste sentido pode ser dito em relação às revistas literárias. Como vimos, a *Revista Pixé* a princípio não foi concebida para o formato impresso, sendo seu processo de produção realizado exclusivamente pelo meio digital, pelo que convencionamos chamar de mídias digitais. Seu suporte é, portanto, diferente daqueles convencionais do século passado.

Isto nos remete ao conceito de Arlindo Machado sobre ar-

temídia: a possibilidade de os artistas utilizarem-se dos recursos tecnológicos do seu tempo para a produção artística. Desta forma, subvertem a função original da internet, do computador, da fotografia, dos aplicativos de edição, para a produção de arte. O autor assim define a artemídia:

*Stricto Sensu*, o termo compreende, portanto, as experiências de diálogo, colaboração e intervenção crítica nos meios de comunicação de massa. Mas, por extensão, abrange também quaisquer experiências artísticas que utilizem os recursos tecnológicos recentemente desenvolvidos, sobretudo nos campos da eletrônica, da informática e da engenharia biológica. Incluímos, portanto, no âmbito da artemídia não apenas os trabalhos realizados com mediações tecnológicas em áreas mais consolidadas, como as visuais e audiovisuais, literatura, música e artes performáticas, mas também aqueles que acontecem em campos ainda não inteiramente mapeados – como a criação colaborativa baseada em redes, as intervenções em ambientes virtuais ou semivirtuais, a aplicação de recursos de hardware e software para a geração de obras interativas, probabilísticas, potenciais, acessíveis remotamente etc. (Machado, 2007, p. 7-8)

A *Pixé*, portanto, é uma forma de artemídia. Essencialmente eletrônica, utiliza-se de aparatos tecnológicos e de outros recursos, como computador, internet, literatura e artes visuais para dar vida às suas edições.

Além do mais, este processo se faz na possibilidade de se desmaterializar a arte. Enquanto quase todos os periódicos que a antecedem nascem em suportes físicos, impressos, a *Pixé* foi elaborada desde o princípio para ser um periódico digital, em uma mídia digital. Seu texto é essencialmente eletrônico, em conformidade com grande parte da produção literária e artística do século XXI, como aponta Chartier (1998, p. 67): “Abre-se aqui um caminho para esclarecer a situação contemporânea.

O que produz de fato a revolução do texto eletrônico, senão um passo suplementar no processo de desmaterialização, de descorporalização da obra, que se torna muito difícil de estancar?”

A descorporalização do meio impresso possibilita que os periódicos alcancem espaços maiores do que aqueles com suportes físicos. Podem circular entre os leitores das mais diversas localidades do mundo, estabelecer conexões de autores mato-grossenses com os de outros estados e países, como é o caso do número especial da *Pixé*, com a conexão Brasil e China.

Contudo, há ainda alguns aspectos deste processo de desmaterialização que precisam ser levados em conta, como nos lembra Dalcastagne (2012, p. 06):

(...) é preciso dizer, em primeiro lugar, que o campo literário brasileiro ainda é extremamente homogêneo. Sem dúvida, houve uma ampliação de espaços de publicação, seja nas grandes editoras comerciais, seja a partir de pequenas casas editoriais, em edições pagas, blogs, sites etc. Isso não quer dizer que esses espaços sejam valorados da mesma forma.

Ainda que não sejam valorados da mesma forma, ainda que parte da literatura veiculada pela *Pixé* seja produzida à margem dos grandes centros hegemônicos (e isso vai ao encontro do que Dalcastagne afirma sobre estes espaços, embora aparentemente ser democráticos), bem como ocorreu com vários periódicos produzidos e distribuídos em Mato Grosso, a produção literária na contemporaneidade segue de forma intensa. Nunca antes se produziu literatura como neste século, e isto se dá devido à facilidade que as mídias proporcionam: os *sites*, os *blogs*, as redes sociais são espaços que possibilitam a novos e velhos escritores publicarem gratuitamente. A política editorial da

*Pixé* abre espaço para uma diversidade de autores, de estéticas, de temas, contrastando-se com a homogeneidade apontada por Dalcastagne.

Perrone-Moisés (2016, p. 25) nos lembra algo neste sentido: “Nunca se publicou tanta ficção e tanta poesia quanto agora. Nunca houve tantas feiras de livros, tantos prêmios, tantos eventos literários. Nunca os escritores foram tão mediatizados, tão internacionalmente conhecidos e festejados”. Poderíamos, portanto, concluir que os periódicos poderiam ter perdido sua importância para o cenário cultural. Contudo, o que vemos acontecer é o contrário, ao mesmo tempo em que a crítica pensou a morte da literatura e esta não se concretizou, como Perrone-Moisés (ibid., p. 17) desdobra:

O fim do século XX. Coincidindo com o fim de um milênio, viu o anúncio de muitos “fins”: fim do Homem, fim da história, fim dos grandes relatos, fim das utopias, fim da cultura ocidental, fim dos intelectuais, fim da arte... Felizmente, nenhum desses “fins”, até agora, se concretizou. Mas é evidente que essas mortes anunciadas eram índices de mutações. A literatura não escapou às mutações da virada, e muitos anunciaram seu fim, cujos principais sintomas seriam o desaparecimento da espécie “grande escritor” (detectada e lamentada em todos os países ocidentais) e o encolhimento do público leitor de “literatura séria”.

A morte anunciada à qual a teórica se refere foi o anúncio de mutações que a literatura sofreu na virada do século, e elas – as mutações – trouxeram também um alargamento nas possibilidades de suportes para a literatura, principalmente com os avanços tecnológicos ocorridos neste século.

Ao contrário da extinção, do fim das revistas literárias, o que vimos ocorrer e a crítica, aparentemente, não esperava,

foram atualizações nos suportes. Enquanto no século passado eles eram impressos, físicos e palpáveis, o alargamento no início do século XX possibilitou a existência de suportes que são mídias, que nascem a partir de tecnologias existentes para outras finalidades, de recursos da comunicação em massa, como a internet e o computador.

Por que, então, o artista de nosso tempo recusaria o vídeo, o computador, a Internet, os programas de modelação, processamento e edição de imagem? Se toda arte é feita com os meios de seu tempo, as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual e aquela que melhor exprime sensibilidades e saberes do homem do início do terceiro milênio. (Machado, 2007, p. 10)

Esta descorporalização do suporte, junto ao uso dos recursos tecnológicos disponíveis nas produções artísticas, possibilita que os artistas não necessitem da valoração dos centros hegemônicos, da crítica especializada e das editoras para que publiquem suas obras. “A verdade é que os jovens escritores não esperam mais a consagração pela ‘academia’ ou pelo mercado. Publicam como possível, inclusive usando as oportunidades oferecidas pela internet.” (Resende, 2008, p. 17).

Desta maneira, a produção artística sofre um *boom*, uma enxurrada de novos escritores, novos artistas plásticos que produzem a partir das alternativas de que dispõem; variedade esta que vemos ocorrer com a grande quantidade de artistas que contribuíram mensalmente com a *Pixé*, demonstrando como a produção no estado de Mato Grosso, desde o final do século passado, é vasta. Resende (2008, p. 17-18) argumenta, neste sentido, sobre a produção artística contemporânea:

(...) talvez mais importante para esta reflexão, é consequência da fertilidade, da juventude e das novas possibilidades editoriais: a *multiplicidade*. Multiplicidade é a heterogeneidade em convívio, não excludente. Esta característica se revela na linguagem, nos formatos, na relação que se busca com o leitor e – eis aí algo novo – no suporte, que, na era da comunicação informatizada, não se limita mais ao papel ou à declamação. São múltiplos tons e temas e, sobretudo, múltiplas convicções sobre o que é literatura, postura que me parece a mais interessante e provocativa nos debates que vêm sendo travados.

A multiplicidade é característica da literatura contemporânea, a quantidade de escritores que produzem ficção neste século demonstra não apenas que a literatura é um campo longe de se encontrar próximo ao fim, mas que continua bem fecunda. E é neste panorama de produção artístico-literário que a *Pixé* nasce: na multiplicidade de tendências, de escritores, de leitores, de acessos à literatura e outras artes, na dissolução das fronteiras e na proximidade de escritores.

Na *Pixé* publicaram escritores consolidados, escritores iniciantes, escritores de outros estados, de outros países. Há o encontro dos grupos mais diversos, como o da Geração Coxipó, que produz literatura desde a década de 1980, com autores nascidos neste século, demarcando, inclusive, uma diferença de idade e de formas de se expressar literariamente. Como observamos no editorial da nona edição, “Aqui na *Pixé* todos falam e falam de tudo.” (Revista Literária *Pixé*, edição n. 9, dezembro de 2019, p. 03).

No decorrer das edições, o periódico disponibiliza espaço para a diversidade, para manifestações literárias, para um fazer artístico diverso e plural, que não se restringe a uma estética,

a uma temática. A produção contemporânea é marcada pela diversidade, por uma pluralidade estética facilmente perceptível:

Por tudo isso, a literatura contemporânea não reza no catecismo de nenhuma igreja, os movimentos viraram movimentações, os manifestos converteram-se em manifestações. Não queiram que os escritores prossigam com rituais do beija-mão ou gastem os joelhos nos antigos altares a flagelar o próprio estilo para alcançar a canonização depois da morte. O que não falta é santo com pé de barro. O grande lance é dar trabalho ao leitor e aos estudiosos. Enquanto eles vão com o caju, nós voltamos com a castanha. (Revista Literária Pixé, edição n. 1, abril 2019, p. 03)

A *Pixé*, neste ponto, está alinhada a novas tendências da contemporaneidade, oferecendo espaço para que os escritores publiquem, sem a necessidade de filiarem-se a um movimento literário, de seguirem uma determinada tendência ou de submeterem-se a regras impostas pelo mercado editorial, como Scholhammer (2009, p. 13) afirma: “As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os *blogs*, que facilitam a divulgação de textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro, bem como o escrutínio e o processo seletivo das editoras”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo discutimos algumas das características da *Revista Literária Pixé*. Dentre o que fora discutido, salientamos como as revistas literárias ainda exercem uma grande influência no fomento da produção artístico-literária, bem como sua difusão, mesmo que, no século XXI, haja

uma maior facilidade de autopublicação, por meio de *blogs* e em outros meios que a *internet* promove. A revista ainda é um local onde os escritores de diferentes idades e gerações reúnem-se, partilhando de um espaço e objetivo em comum: terem suas obras publicadas e lidas.

Há várias motivações para a organização de um periódico literário, como há também diversos processos envolvidos, que podem influenciar sua periodicidade, seu projeto visual e, conseqüentemente, sua existência material, por exemplo. A existência de revistas literárias, neste século, no entanto, não é sinônimo de tiragens impressas, como vimos.

O suporte digital, como o caso de *Pixé*, garante uma flexibilidade para o periódico, como a possibilidade da reprodução, pela mídia digital, do aspecto visual dos periódicos impressos. A revista *Ruído Manifesto*, único periódico digital do qual tivemos conhecimento e que é anterior a *Pixé*, não mimetiza os parâmetros de uma revista impressa, como acontece em *Matapacos* e na revista analisada. Dito isto, *Pixé* é a primeira, em Mato Grosso, que simula uma revista com suporte impresso, ainda que seu suporte seja uma mídia digital.

Sobre a periodicidade de *Pixé*, os empecilhos encontrados para as publicações, inicialmente mensais, dizem mais respeito a fatores que envolvem a disponibilidade que o editor tinha para organizar edições e questões de incentivo, mais do que, propriamente, questões relacionadas a falta de interesse de escritores e artistas. O Editor Geral detalha sobre isto na entrevista concedida à UNEMAT, ao afirmar que após a Edição Piloto, primeira edição em que houve o convite de escritores e artistas plásticos, mas que depois de um tempo, nas suas palavras, o projeto tomou grandes proporções, não necessitando

pedir para que os artistas o enviassem suas obras.

Por fim, fica nítido como os periódicos não apenas fazem parte da história e memória cultural do estado, e consequentemente do país, como criam laços, abrem horizontes para os escritores e para existência de novas revistas literárias, oferecendo espaço para novas gerações e novos escritores, como foi com *Pixé*.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, M. *Revistas e Jornais: Um estudo do Modernismo em Mato Grosso*. Cuiabá: Unemat / Fapemat / Carlini & Carniato Editorial, 2012.

CAMPOS, C.; MAHON, E. Considerações preliminares sobre a Revista Mato-grossense Cidade Verde (1935). *Revista Ecos*, Cáceres-MT, v. 34, n. 1, p. 29 – 44, 2023.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun / Roger Chartier*. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Editora UNESP, 1998.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

HAYLES, N. K. *Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário*. Tradução: Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. 1. ed. São Paulo: Global: Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

MACHADO, A. *Arte e mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MAGALHÃES, H. G. D. *História da literatura de Mato Grosso: século XIX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MAHON, E. M. L. *Geração Coxipó: o nascimento de uma nova geração literária em Mato Grosso*. Tangará da Serra - MT, 2020. Dissertação (mestrado), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

MELLO, F. A. S. Elementos para uma história da literatura em Mato Grosso. *Polifonia*, v. 6, n. 06, p. 19-31, 2003.

MÜLLER, A. C. P. Imprensa e Leitura de Romances no Brasil Oitocentista. *Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos (Leopoldianum)*, ano 37, nº 101/102/103, p. 33 – 44, 2011.

MÜTZENBERG, João. *Livros a mãos-cheias: uma contribuição para a história da produção editorial em Mato Grosso (1970 – 2003)*. Cuiabá-MT, 2006. Dissertação (mestrado), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

NADAF, Y. J. *Sob um signo de uma flor: estudo da revista A Violeta, publicação do grêmio literário “Júlia Lopes”, 1916 a 1950*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

NADAF, Y. J. *Páginas do passado: ensaios de literatura*. Cuiabá: Carlini & Carniato Editorial, 2014.

NADAF, Y. J. *Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

NORA, G. D.; ZORTEA, C. E.; GUEDES, T. C. S.; GINDRI, E. Entre a feitura e a literatura: Pixé sobe ao palco Matogrossense. In: *Poética da crise: a obra literária de Eduardo Mahon*. Walnice Vilalva (Organizadora). Cuiabá – MT: Carlini & Carniato Editorial, 2023.

PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RAMOS, I. N. A. Silva Freire e Wladimir Dias Pino: Poéticas de Vanguarda em Mato Grosso. *Revista Ecos*, n. 005, jul. 2007.

RESENDE, B. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

REVISTA LITERÁRIA PIXÉ. Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

REVISTA LITERÁRIA PIXÉ. Cuiabá-MT, ed. n. 1, ano 1, abr. 2019. Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br/>. Acesso em: 5 jun. 2023

REVISTA LITERÁRIA PIXÉ. Cuiabá-MT, ed. n. 9, ano 1, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistapixe.com.br/>. Acesso em: 5 jun. 2023

ROCHA, C. *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985.

SCHOLLHAMMER, K. E. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

*XXV Semana de Letras - UNEMAT Alto Araguaia - 2º dia.*  
Organizadores: Profº Dr.º Isaac Newton de Almeida Ramos e Aline Almeida. Entrevistado: Profº Dr.º Eduardo Mahon. [Local]: Alto Araguaia – MT. Curso de Letras Campus de Alto Araguaia, 20 jun. 2023. 1 vídeo (2:03:00 min.) Publicado pelo canal Curso de Letras Campus de Alto Araguaia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KbGPVHQuzvA>>. Acesso em: 20 mar. 2024.



# PERCEPÇÕES DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS E DE HERCULE FLORENCE SOBRE OS HABITANTES DE MATO GROSSO

## *CLAUDE LÉVI- STRAUSS AND HERCULE FLORENCE'S PERCEPTIONS ABOUT THE INHABITANTS OF MATO GROSSO*

**Déborah Pimenta Martins (UFMT)<sup>1</sup>  
Renilson Rosa Ribeiro (UFMT).<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras – Francês, com mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, Mato Grosso. Atualmente realiza o curso de doutorado em Estudos da Linguagem, na área de Estudos Literários no Programa PPGEL (UFMT), sob a orientação do professor doutor Renilson Rosa Ribeiro. Bolsista Capes. E-mail: portuguescompimenta@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-3767-1372>

<sup>2</sup> Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio pós-doutoral em Educação pela Universidade de São Paulo (Usp). É professor associado IV do Departamento de Ciências Sociais, vinculado ao Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mails: renilson.ribeiro@ufmt.br e [rrrenilson@yahoo.com](mailto:rrrenilson@yahoo.com). <https://orcid.org/0000-0002-2809-1376>

**Resumo:** O presente artigo retrata a ótica dos viajantes pelo novo mundo, Claude Lévi-Strauss e Hercule Florence, dois europeus passantes por Mato Grosso que vivenciam situações similares ao encontrarem com os indígenas e transitarem pela cidade de Cuiabá. Logo, eles observam os costumes da região, registram e lançam seus olhares detalhando cada situação, episódio, espaço, formato físico, gosto e impressão. Com a finalidade de construir no imaginário daqueles a quem destinava seus relatos, para Hercule Florence o império Russo, e para Lévi-Strauss o mundo europeu, a ideia mais próxima do que se encontraria no “pitoresco” e “desconhecido” interior do Brasil.

**Palavras-chave:** Lévi-Strauss, Florence, viajantes, Mato Grosso, percepções.

**Abstract:** Travelers through the new world, Claude Lévi-Strauss and Hercule Florence, two Europeans passing through Mato Grosso who experienced similar situations, meet the indigenous people, travel through the city of Cuiabá, observe the customs of the region, record and cast their views detailing each situation, episode, space, physical format, taste, impression, in order to construct in the imagination of those to whom he intended his reports (Russian Empire, in the case of Hercule Florence, and the European world, in the case of Lévi-Strauss) the closest idea of what found in the “picturesque” and “unknown” interior of Brazil.

**Keywords:** Lévi-Strauss, Florence, travelers, Mato Grosso, perception.

Neste artigo, a partir de leitura da obra *Tristes Trópicos*, do relato *Viagem Fluvial do Tietê à Amazônia- 1825 a 1829* e do manuscrito *L'Ami des Arts livré à lui-même*, apresentaremos as percepções sobre os habitantes de Mato Grosso, mais especificamente na cidade de Cuiabá e proximidades, de dois viajantes franceses: Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Hercule Florence (1804-1879). Nesse sentido, investiremos na análise dos textos mencionados a fim de ampliar e criar deslocamentos de sentidos, possibilitando a compreensão sobre os fatos narrados pelas respectivas autorias.

As escritas entrelaçam-se como se ambos os viajantes tivessem vivenciado situações parecidas em lugares de Mato Grosso, de forma que encontrar a diversidade no olhar de cada um contribuirá para outra maneira de compreender a literatura sobre a região. Todavia, antes de relacionar as percepções escreveremos um pouco sobre quem são os dois viajantes.

O viajante franco-monegasco Hercule Florence participou da Expedição Langsdorff, uma viagem feita no século XIX que partiu do rio Tietê e chegou até a Amazônia, capitaneada pelo barão Georg Heinrich von Langsdorff, médico alemão naturalizado russo, e patrocinada pelo Czar Alexandre I, por D. Pedro I e José Bonifácio. (Costa, 2014, p. 65).

Dessa expedição, que era científica e que também visava estreitar relações comerciais com a Rússia, resultaram vários documentos, dentre eles o manuscrito *L'Ami des Arts livré à lui-même*, escrito em francês pelo Hercule Florence, o segundo desenhista da caravana. Nesse documento há traços dos espaços e costumes da cidade de Cuiabá, possibilitando identificar e analisar o olhar do viajante sobre os indígenas que habitavam a região.

De outro lado, Claude Lévi-Strauss, um antropólogo, filósofo e sociólogo francês, do século XX, conhecido por ser o mentor da antropologia estruturalista, em meados da década de 1950. Viveu 100 anos e parte de sua vida dedicou-se a estudar o Brasil. O interesse pelo país surgiu quando, a partir de 1934, foi convidado a integrar a missão universitária francesa no Brasil como professor de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP). (Descola, 2009, p. 159).

Também era um viajante, expedicionário, observador

e escritor, cujas experiências resultaram na obra conhecida como *Tristes Trópicos*, publicada em 1955. E, nessa obra, relata expedições pelo interior do Brasil, sendo uma feita por trem, de 1934 até 1936, de São Paulo até Mato Grosso do Sul e outra de Cuiabá até o norte de Mato Grosso, guiado pelas linhas Teleféricas de Cândido Rondon, nos anos de 1938 até 1939. (Lévi-Strauss, 1957, p. 263).

Essa segunda expedição é que será abordada e comparada com as experiências vividas por Hercule Florence em Mato Grosso.

Importa contextualizar que entre os séculos XVI e XIX o ser humano expandiu seus caminhos pelo mundo, em especial nos continentes americano, africano e asiático. Dessas incursões, em busca de domínio coloniais pelos impérios europeus, nasceram as narrativas dos viajantes, sendo muitas dedicadas as terras do Brasil. Muitos desses relatos foram compilados em livros e, por vezes, até traduzidos em outras línguas, conquistando um público que se interessava por descrições de paisagens, povos e costumes entendidos pela perspectiva europeia como exóticos.

Nomes como John Mawe, Luccock, Rugendas, Saint-Hilaire, Spix e Martius – viajantes, letrados e autoridades políticas, ao longo do século XIX, escreveram suas impressões sobre o Brasil. Havia por toda a Europa, nessa época, o desejo de conhecer o país “exótico” de dimensões territoriais continentais desconhecidas. (Lima, 2010, p. 23).

Assim, jovens viajantes lançaram-se em expedições rumo a terras longínquas e se propuseram a viver experiências, ainda que perigosas, inéditas e registrá-las por meio de pinturas, desenhos e escritas. Os interesses que condicionavam a escrita

dos viajantes eram os mais diversos possíveis, pois variavam de questões pessoais à institucionais, escrevendo conforme suas vivências, formação e interesses.

Os viajantes estrangeiros transitaram por parte do território brasileiro e produziram relatos que são valiosos para a produção histórica e literária contemporânea. Muitas das escritas de viagem, cuja natureza científica não era consenso para academia da época, foram editadas e bem recepcionadas pelo público letrado europeu.

Claude Lévi-Strauss, antes de vir ao Brasil, pensava ser um país sem importância, com a seguinte afirmação: “os países exóticos me apareciam como o contrário dos nossos, o termo de “antípodas” encontrava em meu pensamento um sentido mais rico e mais ingênuo que o seu conteúdo literal”. (Lévi-Strauss, 1957, p. 44).

No entanto, Lévi-Strauss percebeu a importância de ir ao lugar e vivenciar a cultura antes de escrever a respeito, tanto que fazia críticas as percepções de escritores, sociólogos e filósofos de gabinete, a exemplo de Celestine Bouglé. Esse acadêmico escreveu, segundo Lévi-Strauss, sobre São Paulo ser uma terra indígena sem ao menos ter visitado a cidade. De igual modo discorreu sobre as castas das Índias sem ao menos ter ido ao lugar. (Lévi-Strauss, 1957, p. 44).

Cabe ressaltar que durante um período foram, portanto, os viajantes os principais cronistas da vida brasileira, descrevendo em suas obras aspectos da terra, da gente, dos usos e costumes do país. Merece destaque, por exemplo, a relevância dos relatos de viajantes para a vasta obra do antropólogo pernambucano Gilberto Freyre e do historiador paulista Sérgio Buarque

do Holanda, servido de subsídio para a formulação de suas interpretações sobre o Brasil nas intersecções entre espaço e tempo.

### **As tristes impressões**

O viajante estrangeiro expedicionário em Mato Grosso precisava detalhar cada situação, episódio, espaço, formato físico, gosto, impressão etc., a fim de construir no imaginário daqueles a quem destinava seus relatos (império Russo, no caso de Hercule Florence, e o mundo europeu, no caso de Lévi-Strauss) a ideia mais próxima do que se encontraria no “pitoresco” e “desconhecido” interior do Brasil.

Ao relatar os eventos sobre o Brasil nas obras *Viagem Fluvial do Tietê à Amazônia- 1825 a 1829* e *L’Ami des Arts livré à lui-même*, Hercule Florence não se afastou de si mesmo, sua fala situa seu lugar social, ancorada em seu tempo histórico e cultural, com seus valores, ideias, significações e regimes de verdade. No seu relato é possível identificar algumas perspectivas próprias do viajante, cuja personalidade, assim como a de qualquer outro, era formada por múltiplos papéis sociais do mundo ilustrado francês a partir das experiências do pensamento iluminista.

Da mesma forma, Lévi-Strauss expôs suas impressões em *Tristes Trópicos* sobre a sociedade brasileira que visitaria na década de 1930. Desde o início demonstrou-se surpreso com a possível ideia de não haver mais indígenas no país, principalmente após o embaixador do Brasil em Paris tê-lo desacreditado:

Fiquei, pois, muito surpreendido quando, durante um almoço a que Víctor Margueritte me havia levado, ouvi, da boca do embaixador

do Brasil em Paris, a “nota” oficial: “índios? Ai! meu caro senhor, já desapareceram há muitos lustros! Oh! é uma página bem triste, bem vergonhosa, da história do meu país. Mas os colonos portugueses do século XVI eram homens ávidos e brutais. Como censurar-lhes ter participado da rudeza geral dos costumes? Eles agarravam os índios, amarravam-nos às bocas dos canhões e estraçalhavam-nos vivos, a tiros. Foi assim que os destruíram, até ao último. O senhor, como sociólogo, vai descobrir coisas apaixonantes no Brasil, mas deixe de pensar em índios, pois não mais encontrará nenhum [...]”. (Lévi-Strauss, 1957, p. 44).

Talvez essa conversa tenha instigado mais ainda o seu desejo de verificar *in loco* a existência de indígenas no Brasil.

A quantidade de grupos étnicos que habitavam a região do Mato Grosso foi reduzida e alguns até extintos, mas não a ponto de serem deixados de lado como sugeriu o embaixador do Brasil em Paris. Lévi-Strauss, contrariando a tese do colega diplomata, observou, escreveu e produziu uma reflexão crítica sobre as condições em que esses grupos se encontravam.

Dos grupos étnicos que habitavam Mato Grosso, os Bororo, antes do contato com o branco, eram os que ocupavam um largo território brasileiro que se estendia da divisa com a Bolívia (oeste) até o rio Araguaia (leste), do rio da Mortes (norte) até o rio Taquari (sul).

Os Bororo eram conhecidos, também, como Cuiabá, Coxiponés, Bororo-Ararivá, Coroados e Porrudos. Os Bororo Ocidentais, conhecidos como Bororo de Campanha e Cabaçal, viviam às margens leste do rio Paraguai e foram extintos ainda no século XIX, por conta de epidemias oriundas do contato com os brancos. Eles eram os que guiavam os bandeirantes pelo território e serviam de mão-de-obra para os donos de fazendas da região.

Considerados “bárbaros de vida errante” e “indomáveis”, de acordo com relatórios dos presidentes da província de Mato Grosso, esse povo vivia em guerra com os brancos, pois representava sempre ameaças constantes na condição de defensores ferrenhos dos seus territórios entre Mato Grosso e Goiás. Os capturados, geralmente as mulheres e crianças, eram distribuídos entre as famílias cuiabanas para se tornarem escravizados. (Dossie, 1987, p. 57).

Havia por Mato Grosso mais de 2000 mil pessoas indígenas Tupi do Ji-Paraná, no entanto, quando Lévi-Strauss visitou a região, em 1938, existiam apenas 150 e, desde 1987, já eram considerados extintos. (Dossie, 1987, p. 103).

Na região de Cuiabá podia-se encontrar os Bakairi, indígenas que vinham de aldeias que ocupavam duas reservas denominadas Santana (35.470,7443 ha) e Pakueran (61.405,4605 ha), situadas nos municípios de Nobres e Paranatinga, respectivamente. Havia nesse período cerca de 520 deles pelo Mato Grosso.

Portanto, a presença da população indígena, no século XIX, era maior na região de Mato Grosso durante a expedição de Hercule Florence do que quando Lévi-Strauss visitou a região um século depois. Isso porque desde as grandes navegações, os “chegantes” (europeus), ao entrarem em contato com os povos das terras desconhecidas (indígenas), tomados pelas suas cobiças e crenças, além de “acharem feio o que não lhes era espelho”, tentavam impor seus modos de governar e viver, retirando a condição natural em que aqueles grupos viviam por meio da cruz e da espada.

As opressões aos indígenas se mantiveram ao longo da história. Para ilustrar, em Mato Grosso, no século XIX, os Bororo

foram considerados obstáculos à expansão capitalista (pastoris, extrativistas e agrícolas), constantemente perseguidos pelos militares do Império brasileiro. As mulheres Bororo foram aprisionadas, na cidade de Cuiabá, e levadas até o local onde os grupos indígenas viviam para tentar uma pacificação, enquanto os filhos dessas mulheres eram mantidos reféns. Elas, sem uma alternativa, tiveram de convencer seu povo a deixar as armas e fazer alianças com os brancos. E para moralizar os costumes dos Bororo e torná-los instrumento do capitalismo foram chamados salesianos a fim de aplicar ditas “técnicas civilizatórias”. (Dossie, 1987, p. 58).

O diferente, desde o período moderno, não era bem-visto, o homem deveria distanciar-se da aparência e dos gestos animais, pois havia normas de composturas e boas maneiras para controlar impulsos naturais. Os indígenas tinham hábitos diferentes dos europeus, comiam carnes cruas, não vestiam roupas, tomavam banho em rios, amamentavam seus filhos, eram povos interpretados como “primitivos”, que de alguma forma, no pensamento etnocêntrico eurocentrado, lembravam animais.

Nos séculos XVII e XVIII, os negros foram rotulados como semianimais, porque se afirmava ter uma sexualidade bestial e viver em condições brutais e detestáveis para os “chegantes”. Os teólogos, por exemplo, questionavam se existia ou não alma nas mulheres, porque tinham partos iguais aos de animais. Eram comparadas a porcas e gansos por “procriarem” (termo animalesco atribuído às mulheres mães). O ato de amamentar, até o século XVIII, era degradante e deveria ser evitado ou transferido às amas-de-leite. Os pobres eram considerados os mais animais no século XVIII, explica Keith Thomas (1988, p. 26):

Ainda mais bestiais eram os pobres – ignorantes, sem religião, esqueléticos em suas condições de existência e, mais importante, não tendo os elementos que se supunha caracterizarem o ser humano: alfabetização, cálculo numérico, boas maneiras e apurado senso de tempo. Os intelectuais desde muito costumavam encarar as pessoas não letradas como sub-humanas.

Para os pensadores daquele século os pobres moravam em condições lastimáveis, trabalhavam parecendo cavalos. Eram tidos por rudes, brutos e animais. Os loucos e indígenas eram comparados a bichos selvagens possuídos, pensamento que se estenderam ao longo dos séculos.

## **A chegada dos viajantes e os habitantes cuiabanos**

Na chegada, a cidade de Cuiabá parecia deserta aos olhos do viajante Hercule Florence. As primeiras edificações que viu foram um hangar, uma rampa e vinte a trinta cabanas de Guaná. Assim relatou: “Cependant, quand nous sommes débarqués, et que nous avons monté la rampe, nous sommes nous trouvons sur une place bordée de 20 ou 30 maisons, et de quelques cabanes de Guanás.”<sup>3</sup> (Florence, 2017, p. 290).

Os relatos são extraídos de *Viagem Fluvial do Tietê à Amazônia- 1825 a 1829* e *L'Ami des Arts livré à lui-même*, de Florence, que, ao chegar à cidade de Cuiabá, registrou também a passagem pela igreja São Gonçalo e pelo quartel. O viajante, de longe, avistou um morro corado pela igreja Senhor dos Passos. Relatou que a rua por onde cavalgava era larga, bem pavimentada com pedras, e havia casas térreas cercadas de pés de tamarindos e de laranja.

---

<sup>3</sup> *L'Ami des arts livré à lui-même*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 290.

## Figura 1. Vue de Cuyabá.



Fonte: Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará. (1825-1829).

Claude Lévi-Strauss, como narrado em *Tristes Trópicos*, chegou à Cuiabá navegando pelo rio São Lourenço, e por terra adentrou a cidade a fim de encontrar os povos Bororo. No percurso, assim como Hercule Florence, percebeu uma cidade de poucas edificações:

[...] uma rampa calçada, banhada pelo rio, e no alto da qual se adivinha a silhueta do velho arsenal. De lá, uma rua com 2 quilômetros de comprimento e ladeada de casas rústicas conduz até à praça da/ catedral, branca e rosa, que se ergue entre duas alas de palmeiras imperiais. À esquerda, o bispado; à direita, o palácio do govêrno, e, no canto da rua principal, o albergue — único naquela época — mantido por um gordo libanês. (Lévi-Strauss, 1957, p. 213).

Ambos os viajantes relataram a fundação de Cuiabá por perspectivas que se aproximam. Segundo a versão de Lévi-Strauss,

A fundação de Cuiabá data dos meados do século XVIII. Por volta de 1720, os bandeirantes chegavam pela primeira vez à região; a alguns quilômetros do sítio atual, estabeleceram um pequeno pòsto e colonos. O lugar era habitado pelos índios cuxipó, dos quais alguns concordaram em trabalhar na derrubada. Um dia, um colono — Miguel Sutil, o bem chamado — enviou alguns indígenas à procura de mel selvagem. Eles voltaram, na mesma tarde, com as mãos cheias de pepitas de ouro, colhidas na superfície. Sem esperar mais, Sutil e um companheiro chamado Barbudo seguiram os indígenas ao lugar da sua colheita: o ouro lá estava, por tóda a parte. Em um mês, juntaram 5 toneladas de pepitas. (Lévi-Strauss, 1957, p. 213).

A geografia e a riqueza de Cuiabá são retratadas por Lévi-Strauss, evidenciando a existência de muito ouro, pois mesmo depois da fundação da cidade ainda poderia ser encontrado facilmente, em forma de pepitas, quando hortas eram cultivadas e andava-se às margens dos córregos:

Não deve, pois, espantar que os campos que circundam Cuiabá pareçam, aqui e ali, um campo de batalha; colinas cobertas de capim e de capoeira atestam a antiga febre. Ainda hoje, acontece que um cuiabano encontre uma pepita, ao cultivar a sua horta. E, sob a forma de palhetas, o ouro está sempre presente. (Lévi-Strauss, 1957, p. 213).

O ouro, além de ser o objeto de diversão das crianças, também garantia a alimentação dos mendigos cuiabanos, pois eles trocavam o metal por carne ou arroz, conforme registrou Lévi-Strauss:

Em Cuiabá, os mendigos são mineradores: podem ser vistos trabalhando no leito do riacho que atravessa a cidade baixa. Um dia de esforços proporciona o suficiente para comer, e muitos

comerciantes ainda empregam a pequena balança que permite a troca de uma pitada de pó por carne ou arroz. Imediatamente depois de uma grande chuva, quando a água escorre pelas ravinas, as crianças se precipitam, cada uma munida de uma bolota de cêra virgem que mergulham na corrente, esperando que as miúdas parcelas brilhantes aí se venham a colar. Os cuiabanos, de resto, dizem que um filão passa sob a cidade, a muitos metros de profundidade; êle jaz, segundo se diz, sob a modesta agência do Banco do Brasil, mais rica dêsse tesouro do que das importâncias depositadas no seu cofre-forte fora de moda. (Lévi-Strauss, 1957, p. 214).

Outra história sobre a fundação da cidade encontramos no manuscrito *L'Ami des arts livré à lui-memê*, de Florence. O viajante escreve que uma expedição paulista, por volta de 1707, procurava ouro na região onde está localizada Cuiabá, mas não encontrava e, preste a desistir, um caçador, subindo o córrego da Prainha, perseguindo um cervo, nas proximidades do morro do Rosário, viu o ouro brilhar nos pés do animal fugitivo. Naquele local, então, foram encontrados grandes flocos de ouro e, ali, os expedicionários ficaram, conforme relato do viajante:

Des Paulistes, avides d'or, s'embarquaient à Porto Feliz [sic.], et pénétraient par les rivières, dans les déserts, n'emportant que des armes, de la poudre, du plomb, du sel et des hameçons. Une de leurs expéditions, étant arrivée en 1707, à l'emplacement où est maintenant la ville, et n'ayant pas trouvé de l'or, songeait déjà à continuer plus loin ses recherches vagabondes, lorsque quelques uns chasseurs ayant remonté le ribeirão da Prainha, qui était alors navigable, et poursuivant un cerf sur le monticule où est à présent l'église du Rozario, virent soudainement briller de l'or que les pieds de l'animal fugitif avaient mis à découvert. Ils trouvèrent de grosses paillettes

de ce métal, et toute l'expédition s'arrêta dans ce lieu.<sup>4</sup> (Florence, 2017, p. 298).

Os primeiros cuiabanos que Hercule Florence encontrou foram os indígenas Guaná, habitando a margem do rio Cuiabá. Havia visto esses indígenas pela primeira vez no trajeto da Expedição Langsdorff, quando os viajantes da expedição estavam posando em Alburqueque. Os indígenas iam da aldeia, que se localizava às margens do rio Paraguai, para a cidade de Cuiabá, e com isso acabaram acompanhando os viajantes até a embarcadura do rio São Lourenço.

Claude Lévi-Strauss também observou a presença dos Guaná e os Terenos (que seriam últimos representantes dos Guaná) quando visitou a cidade de Miranda, e sobre eles registrou que falavam o dialeto Aruák, cultivavam a terra e pagavam um tributo de produtos agrícolas aos senhores do grupo étnico Mbayá-Guaikurú em troca de proteção, não deixando que os cavaleiros armados depredassem suas benfeitorias. Os Guaná eram indígenas que se vestiam, tinha habilidades com agricultura e eram encontrados em maior quantidade.

Tanto no relato de Hercule Florence quanto no de Lévi-Strauss há a informação de uma possível submissão interétnica, já que muitos dos Guaná serviam aos Guaicurus (Mbayá-Guaikurú), que eram os indígenas que dominavam um vasto território. Eram cavaleiros e guerreiros os quais se dividiam

---

4 Transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence - IHF. p. 298. Traduzimos: Os paulistas, sedentos pelo ouro, embarcaram em Porto Feliz [sic.], E embrenharam-se pelos rios, nos desertos, carregando apenas armas, pó, chumbo, sal e ganchos. Uma de suas expedições, chegando em 1707, no local onde a cidade está agora, e não tendo encontrado ouro, já estava pensando ter ido longe com suas buscas errantes, quando alguns caçadores subiram o ribeirão da Prainha, que era então navegável, e perseguindo um cervo no montículo onde é agora a igreja de Rozario, de repente viu ouro brilhante que os pés do animal fugitivo tinham exposto. Eles encontraram grande brilho deste metal, e toda a expedição parou neste lugar.

em classes parecidas com as dos brancos, isso porque existia: a nobreza formada pela casta dos indivíduos que já eram nobres por questões hereditárias ou endogâmicas, depois, em um nível hierárquico menor, a casta dos guerreiros que passavam pela iniciação e, por último, a plebe formada pelos servos Guaná e escravos Chamacocos. (Lévi-Strauss, 1957, p. 188).

Escreve o antropólogo, em *Tristes Trópicos*, que os Guaná do Paraguai e os Bororo do Mato Grosso central também se organizavam de forma hierarquizada parecidas com a dos Guaicurus e pautada em hereditariedade, dividiam-se em três classes sendo proibido a membros de classes diferentes casarem-se entre si. (Lévi-Strauss, 1957, p. 205).

A imagem que Florence construiu sobre os índios Guaná estava relacionada aos chineses. Para o desenhista-viajante, os traços, as vestimentas, a língua e os modos dos índios cuiabanos eram os mesmos dos orientais. Esses indígenas vestiam-se com panos grossos, uns amarrados à cintura, outros como blusões que desciam dos ombros aos quadris. Alguns usavam o Panão por dentro dos calções, deixavam o cabelo crescer e amarravam com uma extensa calda, usavam chapéu de junco de abas largas. As mulheres, segundo o viajante, eram morenas mais claras.

Florence explica que os Panões eram fabricados pelos próprios Guaná. Para criá-los, as mulheres usavam moldes quadrados e trançavam fios de algodões coloridos; essa técnica era a mesma utilizada por outras mulheres cuiabanas na confecção das redes locais.

## Figura 2. Indiens Guanás, Cuiabá, 1827.



Fonte: Instituto Hercule Florence – IHF.

Outra percepção do viajante era a de que as vestimentas das mulheres Guaná lembrariam as da Albânia, vistas pelo poeta Lord Byron, percebe-se aqui um traço europeu e da influência da literatura inglesa no discurso do viajante.

O viajante pensa exceder-se quando fala das vestimentas das mulheres selvagens, cujas decorações tornavam os movimentos graciosos: “Je ne pense pas exagérer en parlant de la grâce de ces deux femmes sauvages: c’est dans les statuaire draperies que la statuaire emprunte un de ses plus beaux ornements; elle leur doit même de belles attitudes et de gracieux mouvements.”<sup>5</sup>. (Florence, 2017, p. 278).

Por outro lado, para Florence, era apenas as vestimentas que despertavam beleza nessas Guaná, conforme o relato: “C’est sous ce rapport que je trouve de la grâce chez ces femmes Guanás:

---

<sup>5</sup> *L’Ami des arts livré à lui-même*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 278. Traduzimos: *Eu não penso exagerar quando falo da graça dessas mulheres selvagens: é do modo de vestir que a estatuária retira um de seus mais nobres ornamentos, que lhe inspiram encantadoras posturas e movimentos realmente graciosos.*

je les aurai tout au plus observées en artiste.”<sup>6</sup> (Florence, 2017, p. 278).

Florence escreve, em seu diário de viagem, que os Guaná eram grupos que falavam lentamente, conviviam, em Cuiabá, entre os brancos, cultivavam plantas como a cana de açúcar, vendiam seus Panões para o branco que comprava e usava como cobertura de barracas, participavam da milícia cuiabana, exerciam atividades de tripulação de canoas, lavoura, descarregamento de navios, dentre outros.

Outros povos indígenas, como Guatós e Guaicurus, eram mencionados pelo viajante durante todo o trajeto da Expedição Langsdorff, no entanto, no relato de Florence está explícito apenas que os Guaná moravam nas proximidades de Cuiabá.

Na percepção do viajante, os Guatós eram indígenas de pele mais escurecida, falavam rápido e monossilabicamente, habitavam às margens dos rios Paraguai e São Lourenço, viviam da caça e da pesca, as mulheres auxiliavam seus maridos a governar as embarcações e a cuidar das crianças. Os homens eram ciumentos de suas mulheres e amavam os filhos. Os Guaicurus agiam de forma belicosa e habitavam rio Paraguai adentro.

De todos, Florence se afeiçoava com o comportamento dos Guatós e chegou a compará-los aos modos dos Guaná: “Les Guanás se sont mis sous la protection des Brésiliens, pour se soustraire à la servitude. Les Guatós se font respecter par leur bravoure et leur fierté.”<sup>7</sup> (Florence, 2017, p. 268).

Por outro lado, Lévi-Strauss quando chega ao Mato

---

6 *L'Ami des arts livré à lui-même*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence-IHF. p. 278. Traduzimos: *Apenas quanto a isso, vejo graça nessas guanás: eu as vi como artista.*

7 *L'Ami des arts livré à lui-même*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 268. Traduzimos: *Os guanás, para fugirem da escravidão, aceitam a proteção dos brancos. Os guatós impõem respeito, por sua altivez e bravura.*

Grosso já encontra os últimos sobreviventes dos Guaicurus, que eram os Caduveo (ou Kadiwéu, os únicos remanescentes indígenas das populações Guarani e Mbayá-Guaikurú). Eram indígenas cavaleiros que habitavam o Mato Grosso do Sul, Goiás e o Paraguai, na região do Chaco. (Lévi-Strauss, 1957, p. 172). Lévi-Strauss nota a identificação dos indígenas com os caboclos em alguns locais, conforme a descrição a seguir:

A um olhar desatento, êsses lugarejos mal diferiam dos povoados caboclos mais próximos, aos quais os indígenas se identificavam pela roupa e muitas vêzes pelo tipo físico, tão grande a proporção de mestiços. Quanto à língua, era outra coisa: a fonética guaicuru produz ao ouvido uma sensação engraçada: uma dicção precipitada e palavras longas, feitas inteiramente de vogais claras alternando com dentais, guturais e uma abundância de fonemas molhados ou líquidos, dão a impressão de um riacho pulando sôbre os seixos. (Lévi-Strauss, 1957, p. 179).

Da mesma forma, Hercule Florence notou a aproximação de povoados distintos em Cuiabá, retratando um caburé, pessoa mestiça descendente de índio e negro, que seria o cafuzo. Sobre esse tipo escreveu o viajante: “Beaucoup de ces noirs ou cabourés (mélange de noirs et indiens), vont nus jusqu’à la ceinture, hommes et femmes. Le climat les absout, comme aussi leur isolement, absout leur paresse.”<sup>8</sup> (Florence, 2017, p. 258).

No desenho abaixo é possível evidenciar os traços do cuiabano, o cabouré, a partir da perspectiva do Florence:

---

8 *L'Ami des arts livré à lui-même*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 258. Traduzimos: *Muitos desses negros ou Cabourés (uma mistura de negros e índios),vão para a cintura, homens e mulheres. O clima os absolve, como também o isolamento, justifica sua preguiça.*

**Figura 3. Cabouré, Cuiabá, 1827.**



Fonte: Instituto Hercule Florence – IHF.

Também circulavam pela região as indígenas Guatós, que auxiliavam seus maridos a governar as embarcações e a cuidar das crianças. Diferentemente dos Guaná, os homens Guatós não gostavam de trocar suas mulheres, além de que viviam com mais de uma. As mulheres Guatós, citadas por Hercule, apareciam como propriedades dos maridos aos quais cabia a decisão de trocá-las ou não:

Dizem que os guatós vivem com mais de uma mulher; a maior parte dos que vi levavam uma única. Lembro-me, porém, que numa ocasião troquei algumas palavras com um deles que tinha na sua canoa três mulheres. Perguntei-lhe se todas eram suas; respondeu-me que sim. Pedi-lhe então por gracejo uma e ele retorquiu-me zangado que eu deveria ter trazido comigo a minha. Repliquei-lhe que não fora isso possível. “Pois bem”, disse-me ele, “se

youê tivesse aqui sua mulher, eu a trocava por uma destas. (Florence, 2007, p. 105).

Nos relatos do viajante, as mulheres Guaná chamavam a atenção pelos traços afilados, corpo bem-feito, lábios grossos e dentes brancos. Ao que parece, não eram as indígenas de Cuiabá que incomodavam Florence – as quais parecia admirar pela beleza física, por ajudarem os maridos, por cuidarem dos filhos e por trabalharem no campo – mas sim aquelas mulheres de todas as classes que se sujeitavam às intrigas românticas.

O viajante explica que muitos sacerdotes tinham esposas e filhos, muitos homens cuiabanos possuíam concubinas, o que seria uma corrupção geral. Parecia sentir-se incomodado com o grande número de mulheres públicas em Cuiabá.

Sobre os habitantes da região, Lévi-Strauss notou que a casta nobre dos Guaicurús (Mbayá-Guaikurú) era diferenciada por pinturas corporais, andava pela cidade em bando com escravo e clientes, era arrogante e não se unia às mulheres brancas para não misturar o sangue. As mulheres Mbayá, segundo o antropólogo, recusavam-se a encontrar “com a espôsa do vice-rei pela razão de que sômente a rainha de Portugal seria digna do seu comércio”. (Lévi-Strauss, 1957, p. 190), ou seja, era um grupo que não se submetia a quaisquer situações.

No tocante às relações dos indígenas que circulavam por Cuiabá e região, Lévi-Strauss observou que eram monogâmicos, no entanto, havia situações de infidelidades:

Nossos índios eram monógamos; mas as adolescentes preferiam às vêzes seguir os guerreiros nas suas aventuras; elas lhes serviam de escudeiros, de pagens e de amantes. Quanto às senhoras nobres, mantinham

chiehisbéus, que, frequentemente, eram também seus amantes sem que os maridos se dignassem manifestar um ciúme que lhes faria perder a dignidade. Essa sociedade se mostrava muito avessa aos sentimentos que consideramos naturais; assim, experimentava uma viva repugnância pela procriação. O aborto e o infanticídio eram praticados de maneira quase normal, a tal ponto que a perpetuação do grupo se efetuava por adoção mais do que por geração, um dos principais objetivos das expedições guerreiras sendo o de obter crianças. Assim, calculava-se, no início do século XIX, que 10% apenas dos membros de um grupo guaicuru lhe pertencessem pelo sangue. (Florence, 2017, p. 278).

Nota-se nesse trecho a aversão à infidelidade por Lévi-Strauss, ele deixa explícito que não se tratava de um sentimento natural, mas uma situação desgostosa que contribuía para o enfraquecimento da linhagem dos indígenas.

Essas situações não passaram despercebidas pelo olhar do viajante Florence, que ao escrever sobre os costumes dos cuiabanos, entendeu não destoar daqueles de todos os brasileiros, ou seja, o cuiabano era um povo dado a licenças e à luxúria em seus modos, sendo uma das razões para tal conduta, supõe o viajante, a influência de “um climat ardent”.

O modo de agir do cuiabano do século XIX, com desrespeito às regras morais, na percepção do viajante Hercule, também, estaria relacionado, de forma geral, a uma Cuiabá isolada no meio de sertão, cuja religião estava enfraquecida pela distância dos outros centros, um povo que se contentava com a facilidade de ter pouco trabalho e era vizinho de selvagens. Para Florence, o cuiabano era um povo que disfarçava a civilização e que precisava ser alimentado por normas morais.

A vida mais calma de Cuiabá foi percebida por Lévi-

Strauss, que chamou de “estilo de vida lento e cerimonioso”, uma vez que a cidade simplesmente parava para a sesta, que acontecia do meio-dia às quatro horas. Lévi-Strauss fez críticas ao governador, que, em tese, não estaria satisfeito pela presença de um etnólogo já que a figura do indígena era relacionada ao atraso político na região:

De sua glória antiga, Cuiabá conserva um estilo de vida lento e cerimonioso. Para o estranho, o primeiro dia se passa em idas e vindas na praça que separa o albergue do palácio do governo; entrega dum cartão de visita na chegada; uma hora mais tarde, o ajudante de ordens, policial bigodudo, paga a gentileza; depois da sesta, que imobiliza a cidade inteira numa morte cotidiana, do meio-dia às 4 horas, apresentam-se as homenagens ao governador (então “interventor”) que reserva ao etnógrafo uma acolhida cortês e entediada; índios, êle preferiria certamente que não existissem; que são, para êle, senão a lembrança irritante de sua desgraça política, o testemunho de seu afastamento numa circunscrição atrasada? (Lévi-Strauss, 1957, p. 214).

Para Florence, o brasileiro desfruta da imagem de povo hospitaleiro, conforme se verifica a seguir: “ L’hospitalité est une vertu générale au Brésil, qui commence à diminuer dans les principales villes, parce qu’il s’y forme des hôtelleries, mais qui se conserve pure dans les campagnes.”<sup>9</sup>

Na visão do viajante, as hospitalidades eram mais fortes e puras nos campos do que nas grandes cidades. Sobre os habitantes de Cuiabá e redondezas, Florence afirma ter sido bem acolhido. Em relação ao bom acolhimento pelo Presidente da Província

---

9 *L’Ami des arts livré à lui-memê*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 199 Traduzimos: *A hospitalidade é uma virtude geral no Brasil, que está começando a diminuir nas principais cidades, porque há alojamentos formados, mas que são mantidos puros no campo.*

José Saturnino da Costa Pereira, registra: “Le Président, Mr. Jozé Saturnino da Costa Pereira, exerce envers nous la plus exquise hospitalité, pendant 10 jours que nous restons chez lui [...]”.<sup>10</sup> (Florence, 2017, p. 291).

## Considerações finais

O interesse pelo “diferente” de qualquer realidade sociocultural e o fato de os viajantes serem sujeitos das próprias formações culturais no exterior, inseridos no meio brasileiro, enriquecem registros de viagens. O viajante se apresenta enquanto explorador do desconhecido, sujeitos estranhos ao meio que interpreta sempre atentos a detalhes que eram menos perceptíveis aos moradores do território brasileiro.

Assim, os relatos dos viajantes estrangeiros possuem a vantagem de, entre outras coisas, poder abordar aspectos que passam de maneira involuntária ou, até mesmo, se fazem ausentes em outros tipos de fontes. Quanto à percepção dos espaços visitados, os viajantes deixaram em suas escritas as impressões a partir da sua cultura, por mais que tivessem informações anteriores sobre tais lugares.

Ao aproximar as percepções de Hercule Florence e Lévi-Strauss sobre o Mato Grosso foi possível observar que ambos trazem versões sobre a fundação da cidade de Cuiabá bem similares, contudo, a contada por Florence parece ser mais fantasiosa.

Florence e Lévi-Strauss também chegaram à Cuiabá

---

10 *L'Ami des arts livré à lui-memê*, transcrição do historiador Thierry Thomas do Instituto Hercule Florence -IHF. p. 291. Traduzimos: *O presidente, o Senhor José Saturnino da Costa Pereira, nos exerce a hospitalidade mais requintada, durante 10 dias em que ficamos em sua casa.*

tomados pelo sentimento de escassez e nostalgia, com um discurso de vazio, de sertão, de solidão, e aos poucos foi preenchendo a cidade com os panões dos Guanás, a irresignação dos Guaicurus, a admiração pelas mulheres indígenas, a aversão ao concubinato em que viviam os sacerdotes, os desgostos das mulheres públicas e as críticas aos governantes.

A impressão que os viajantes tiveram dos Guaná, mesmo depois de um século, foi a de que mantiveram as características de servidão aos Guaicurus, de adaptação aos brancos e cultivo da terra, o que garantiu a existência do grupo por mais tempo e circulação pela cidade de Cuiabá.

A diversidade dos cuiabanos foi marcada pela presença dos povos mestiços, que se identificavam muitas vezes pela roupa ou pelo porte físico, geralmente, pessoa a mestiça era descendente de índio e negro.

Quanto aos Guaicurus ambos os viajantes apenas reafirmaram as características de serem grupos dominadores e guerreiros e assim se mantiveram mesmo um século depois.

As intrigas na região foram evidenciadas pelos viajantes, Hercule revelando a poligamia dos Guatós, enquanto Lévi-Strauss apontou as infidelidades, abortos e infanticídios entre os Guaicurus.

Nesse ensaio observou-se, nas percepções dos viajantes, diversos sentidos e leituras de mundo, ora o do viajante europeu civilizador, ora o do cientista observador, ora o do homem cheio de sensibilidades. O discurso e o sujeito se confundiram para evidenciar o movimento, a intriga e o diferente da vida em Mato Grosso, sempre na perspectiva de um lugar social de enunciação.

A partir das múltiplas possibilidades de análise dos

sentidos expressos no interior da formação discursiva do viajante, pensamos ter contribuído para compreender as formas de decifração da identidade dos cuiabanos.

## Documentos

Hercule Florence, *L'ami des arts livré à lui-même ou Recherches et découvertes sur différents sujets nouveaux*, São Paulo, Instituto Hercule Florence (IHF), 2017, 424 páginas numeradas por Thierry Thomas e publicado em dois volumes acompanhados de comentários da edição.

Annaes do Senado da Camara do Cuyabá 1719-1830. Transcrição e organização de Yumiko Takamoto Suzuki. Cuiabá: Entrelinhas; Arquivo Público de Mato Grosso, 2007.

## Referências Bibliográficas

COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. *Bastidores da Expedição Langsdorff*. Cuiabá: Entrelinhas, 2014.

COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. *Viajando nos Bastidores: Documentos de Viagem da Expedição Langsdorff*. Cuiabá: Edições UFMT, 1995.

DESCOLA, Philippe. *Claude Lévi-Strauss, uma apresentação*. Estudos Avançados. São Paulo, v. 23, n. 67, p. 148-160, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10386>. Acesso em: 25 fev. 2024.

DÔSSIE, INDIOS EM MATO GROSSO. Cuiabá, OPAN/CIMI, 1987.

DESCOLA, Philippe. *Claude Lévi-Strauss, uma apresentação*. Estudos Avançados. São Paulo, v. 23, n. 67, p. 148-160, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10386>. Acesso em: 25 fev. 2024.

DÔSSIE, INDIOS EM MATO GROSSO. Cuiabá, OPAN/CIMI, 1987.

FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas pelas Províncias Brasileiras de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará*.

(1825-1829). São Paulo: MASP / Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1977.

FLORENCE, Hercules. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829, Esboço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829*. Brasília: Senado Federal, 2007.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Ed. Anhembi, 1957.

LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. *Os viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista. Franca, 2010.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação as plantas e animais 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

# *OS SUBSTITUTOS E O DISCURSO MILITAR SOBRE A SELVA AMAZÔNIA*

## *OS SUBSTITU- TOS AND MILI- TARY DISCOURSE ABOUT THE AMA- ZON FOREST*

Adriane R. Menegaz Veronese (UNEMAT)<sup>1</sup>  
Edson Flávio Santos (UNEMAT)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo desenvolver uma análise da obra literária contemporânea *Os Substitutos* (2023), de Bernardo Carvalho, visando à relação entre literatura, imprensa e vida social. Analisaremos, especificamente, a reprodução do discurso colonialista, no enredo do romance, e sua relação com a campanha de divulgação do projeto de urbanização e ocupação da Amazônia, veiculada pela imprensa, entre o período de 1964 a 1985, em revistas e jornais. O estudo se dará por meio da pesquisa bibliográfica baseada em teóricos e críticos como: Bhabha (1998), Bakhtin (2016), Bosi

---

1 Doutoranda em Estudos Literários, pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários - PPGEL/Tangará da Serra-MT [adriane.veronese@unemat.br](mailto:adriane.veronese@unemat.br).

2 Doutor em Estudos Literários (UNEMAT) / Docente do PPGEL/UNEMAT. E-mail: [edsonflavioimt@gmail.com](mailto:edsonflavioimt@gmail.com)

(2017), Candido (2006), Fanon (2008), Memmi (1977), Coutinho (2011), Watt (2010), Perrone-Moises (2016), Melo (2003), dentre outros.

**Palavras-chave:** Amazônia, literatura contemporânea, ditadura militar, imprensa, Bernardo Carvalho.

**Abstract:** This paper aims to develop an analysis of the contemporary literary narrative *Os Substitutos* (2023), by Bernardo Carvalho, and the focus is on the relationship between literature, the press and social life. We will specifically analyze the reproduction of colonialist discourse in the novel's plot and its relationship with the publicity campaign for the Amazon urbanization and occupation project carried by the press between 1964 and 1985 in magazines and newspapers. It is a bibliographical research based on theorists and critics such as: Bhabha (1998), Bakhtin (2016), Bosi (2017), Candido (2006), Fanon (2008), Memmi (1977), Coutinho (2011), Watt (2010), Perrone-Moises (2016), Melo (2003), among others.

**Keywords:** Amazon, contemporary literature, military dictatorship, press, Bernardo Carvalho.

## Reflexões iniciais

*O mundo da cultura e da literatura é, em essência, tão ilimitado quanto o universo.*  
(Mikhail Bakhtin)

A literatura dá expressão à condição humana, com suas relações turbulentas com o outro e com a natureza. Cada texto constitui um objeto passível de ser estudado, analisado, compreendido (Candido, 2004). Sendo um objeto, um texto literário pode ser pesquisado, em sua constituição, pela teoria literária; ou, por seu diálogo com o mundo exterior, pela crítica literária. As obras literárias aproximam culturas, eliminam as fronteiras e o tempo, tornam-se intensas e carregadas de significado, (re) produzindo histórias que tratam da vida social de várias épocas.

Bakhtin (2017), em sua obra, *Notas sobre literatura*,

*cultura e ciências humanas*, esclarece que a criação literária não deve ser analisada isoladamente, sem considerar os fatores sociais, econômicos e culturais da época para que não se promova uma leitura sensacionalista. Na visão desse autor, a ficção literária representa o desnudamento das mazelas da vida pública e privada, dando espaço, na obra, para que este seja refletido na composição das personagens; e o cotidiano puro é ficção e invenção para o romancista, que se apoia na imagem e na memória

Para este estudo, tomamos como objeto a obra *Os Substitutos* (2023), de Bernardo Carvalho, escritor e jornalista brasileiro, nascido em 1960. Bernardo de Carvalho obteve reconhecimento da crítica nacional e internacional por abordar em suas narrativas ficcionais temas urgentes e universais. Em cada obra publicada, se mostra um autor artificioso que utiliza e manipula as palavras como sua principal ferramenta de trabalho, a partir das quais expõe os desconfortos e as angústias do mundo real. Com base no que afirma o pensador russo, é possível perceber que Carvalho consegue aprofundar sua narrativa, explorando e dissecando temáticas, que compõem a vida social e cultural, reproduzindo os comportamentos da sociedade.

*Os Substitutos* apresenta um plurilinguismo de vozes, que ecoam pela palavra, ainda latente, e (re)trata uma cratera nacional, social e histórica, deixada como herança pelos tempos da ditadura militar brasileira, e unida à ocupação e ao desmatamento da Amazônia. Na ficção, o escritor dá espaço para a representação dessa ação histórica, conhecida como os anos de chumbo, quando o governo militar empenhou recursos para que o progresso chegasse até a selva Amazônica, impulsionando a substituição da floresta em pé, pelo plantio de capim-colonião, extração e comercialização da madeira e a produção de gado de corte.

Dito isso, este estudo tem como objetivo investigar

a relação entre a obra literária *Os Substitutos* (2023), de Carvalho, e o projeto de colonização da Amazônia, por meio da análise do discurso militar, veiculado pela imprensa brasileira, nos tempos da ditadura militar, em manchetes de jornais e revistas selecionadas. Esta será uma pesquisa bibliográfica, embasada em conhecimentos teóricos e críticos, e enriquecida por artigos publicados e disponibilizados na rede de internet, visando promover um diálogo entre o romance contemporâneo e a história nacional. Para tanto, este artigo seguirá a seguinte organização: Introdução; 1. Entre o factual e a ficção: a ponte que liga o jornalismo e a obra literária *Os Substitutos* (2023); 2. Considerações.

## **1 Entre o factual e a ficção: a ponte que liga o jornalismo e o romance *Os Substitutos* (2023)**

*O brasileiro não tem direção nem disciplina. Nós vamos domar este país, vamos lhe dar um norte.*  
(Bernardo Carvalho)

De acordo com Melo (2003), o jornalismo é um fenômeno universal, com raízes europeias. O jornalismo brasileiro buscou inspiração no modelo português, mas carrega outras influências, tais como a francesa, a britânica e a norte-americana, contudo segue com características próprias.

O foco do jornalismo é a informação, a qual se constitui como uma necessidade do ser humano, sendo esta um ato político e social que reduz fronteiras. O homem contemporâneo necessita manter-se atualizado dos fatos e acontecimentos que o cercam. O ato de informar-se, ao tempo que informa, fortalece laços

comunitários e amplia o sentimento de pertença.

A informação, proveniente dos meios de comunicação, tornou-se, ao longo das décadas, requisito muito valorado no sistema capitalista, que movimenta o mundo e as relações comerciais. A imprensa viabilizou o jornalismo para o meio tecnológico, por exigência comercial e social, para compor a engrenagem burocrática, suprimindo a necessidade de circulação rápida de fatos, ideias e operações financeiras que movimentavam o mundo.

A literatura contemporânea, ao seu modo, também documenta eventos históricos, culturais e sociais. Como afirma Coutinho (2011, p. 345), “a literatura é um reservatório para a preservação, e um veículo para a transmissão de valores intelectuais, e ocupa por esse motivo um espaço central em toda a cultura”. Partindo desta função social, comum entre literatura e imprensa, tomamos para a análise a obra *Os Substitutos* (2023) e o recorte do fato histórico. Iniciaremos com uma reportagem, divulgada na imprensa, que retoma a discussão sobre o fato da época, disponível no jornal eletrônico, intitulado *Página22*.

Com a manchete: “Como a imprensa glorificou a destruição da floresta na ditadura militar”, a reportagem, publicada em 2020, apresenta a opinião do estudioso, historiador, botânico, dentista e paisagista Ricardo Cardim, que reflete acerca da devastação da floresta, como sendo uma ação politizada, e afirma que, até o final da década de 1960 e início de 1970, a Amazônia estava praticamente intocada, ou seja, não estava sob grave ameaça. A invasão na Amazônia decorreu de um projeto muito bem planejado, com total incentivo do governo e aliado aos interesses da iniciativa privada.

O artigo publicado por Kruguer (2022), intitulado *O discurso do governo militar: dispositivos mobilizados na colonização da Transamazônica*, apresenta um estudo sobre o fato histórico, relacionado ao Programa de Integração Nacional (PIN), instituído pelo Decreto-Lei nº 1.106, de 16 de junho de 1970, e assinado pelo então presidente Emílio Garrastazu Médici, que foi uma das peças-chave do projeto militar para a Amazônia. Ainda segundo a autora, o PIN tinha como objetivo principal preencher os “vazios” na Amazônia diante de seu vazio demográfico, sua falta de integração à nação brasileira e suposto risco de invasões internacionais.

A segunda reportagem jornalística selecionada foi divulgada em 2019, pelo jornal eletrônico *Brasil de Fato*, e divulga a seguinte manchete: “Ditadura e Volkswagen promoveram ‘maior incêndio da história’ na Amazônia: Montadora ganhou terras e isenção de impostos para desmatar a floresta nos anos 1970”.

A referida manchete chama a atenção pelo destaque dado a esse importante fato da época, pois se tratava de uma parceria entre a montadora de carros alemã Volkswagen e o governo militar de Geisel. O anúncio tornava público esse acontecimento e demonstrava grande satisfação pelo feito histórico de que, “[...] Em 1974, a Volkswagen veio a público para dizer que ‘orgulhosamente’ havia queimado 4.000 hectares de floresta amazônica em poucos meses, ‘um recorde nunca igualado até agora por nenhum outro projeto similar implantado na região’” (Monteleone, 2019). Este foi considerado um grande passo na execução do projeto de desmatamento da Amazônia, sendo repercutido e difundido por diversas formas, visando à propagação e veiculação da notícia,

por meio do rádio e dos jornais impressos e televisionados, com a finalidade de incentivar outras parcerias.

Entre o fato real, reportado e veiculado pela imprensa jornalística da época da ditadura militar, e a sua representação ficcional na obra literária, aliado ao pensamento teórico de Watt (2010, p.11), que afirma: “O romance coloca de modo mais agudo que qualquer outra forma literária o problema entre a obra literária e a realidade que ela imita”, passamos a observar a obra ficcional de Carvalho com um novo olhar. Isso porque a narrativa desse autor nos remete ao regime militar brasileiro e ao fato histórico do desmatamento da Amazônia.

Observa-se, na obra literária, a reprodução do fato de histórico, com o seguinte trecho:

[...] Os militares estavam rifando a floresta. A única contrapartida (ou melhor, o único bônus) era que os contemplados com a pechincha ocupassem as terras em princípio devolutas, sendo que ocupar significa devastar enormes áreas de mata para plantar capim-colônião e criar e criar gado, tudo fartamente financiado pelo Estado. E como não estava em seus planos perder nenhuma chance, viajara para os Estados Unidos para negociar de antemão a madeira do desmatamento (Carvalho, 2023 p.12).

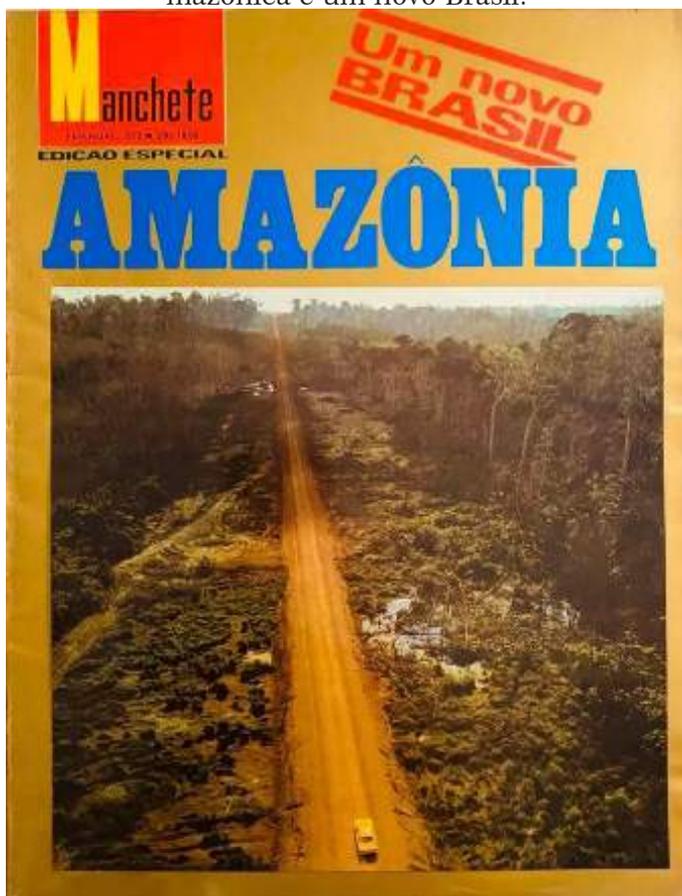
É possível verificar, nessa passagem, o conceito de Bakhtin (2015, p.164), sobre o falante no romance, ao tratar da exposição e da experimentação da palavra, quando o escritor dá espaço no enredo para a “exposição do ambiente dos universos e microuniversos sociais, históricos e nacionais [...] ou dos universos socioideológicos das épocas [...] ou das idades e gerações em relação com as épocas e os universos socioideológicos”. O

escritor Carvalho (2023) utiliza a ironia como recurso para trazer a temática do desmatamento, reproduzindo a forma como os militares fizeram uso da máquina governamental para fomentar, financiar e incitar uma parcela da sociedade conhecida, à época, como sulistas, pioneiros, ou mesmo, colonizadores a se aventurar em uma vantajosa oportunidade. Para isso, os candidatos a tal empreitada teriam que se submeterem a uma nova vida, “na direção do inferno” (Carvalho, 2023, p. 13).

Em outro trecho do romance, observa-se o chamamento do governo da época: “Precisamos de homens como você. Pioneiros dispostos a assumir a parte heroica, viril, da nossa história. Desbravar esta terra antes que ela passe de virgem a puta. Vamos deflorar o que é nosso antes que nos roubem nossas riquezas” (Carvalho, 2023, p. 25). A utilização da máxima, que fazia parte do discurso dos militares à época, foi observado por Kruguer (2022), em seu artigo, quando menciona os lemas conhecidos e utilizados, nesse período, tais como “terra sem homens para homens sem-terra” e “integrar para não entregar”. Essa era uma das formas utilizadas pelos militares para impulsionar e encorajar os aspirantes a pioneiros.

Na figura, a seguir, vê-se a divulgação da Amazônia, na capa da Revista *Manchete* (1973), com a imagem da famosa construção da Transamazônica, promovendo um novo Brasil e indicando um novo caminho para a “Amazônia”.

Figura 01: Capa da revista *Manchete* com a construção da Transamazônica e um novo Brasil.



**Fonte:** Acervo de Ricardo Cardim. Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/br/galerias/aofensiva-da-ditadura-militar-contra-a-amazonia>.

A ação, divulgada pela Revista *Manchete* (Fig. 01), demonstrava que o governo garantia os meios necessários para que o desenvolvimento chegasse a passos largos nas terras inexploradas da Amazônia. A revista seria um canal de influência e divulgação dos grandes feitos do governo, e promoveria o despertar da população para a busca de uma vida nova, longe

dos grandes centros comerciais do país. Para Malheiro (2020), as políticas nacionais para a Amazônia desejavam aproximá-la, geograficamente, da nação.

Em *Os Substitutos*, de Carvalho (2023, p. 14), é possível observar a reprodução do despertar desse desejo e da vontade de vencer na Amazônia com o personagem “pai”, quando este é encorajado e financiado pelo sistema governamental a seguir em “uma aventura no inferno”.

Memmi (1977), em sua obra, “Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador”, define a representação do colonizador como aquele que obtém um duplo privilégio, no momento em que ele descobre a existência do colonizado; e, ao mesmo tempo, seu próprio privilégio.

Retomando a obra literária de Carvalho, ela reproduz o discurso da época, com o personagem “pai”, que representa um pioneiro disposto a encarar a missão, recebendo total apoio e financiamento para iniciar os trabalhos, garantidos pelo do governo da época. A principal característica que importava seria a disposição do personagem para mudar a realidade financeira pessoal e a coragem de alterar a paisagem de mata fechada, transformando-a em vasta plantação de capim-colonião. E, para assegurar o acordo com o governo, bastava-lhe possuir espírito de luta para enfrentar os nativos, e manter o compromisso político e patriótico, como se observa no relato extraído do romance:

[...] o homem de farda prometeu ao pai o paraíso. Já adulto manteria por anos, na escrivania de trabalho, o registro informal daquele dia, uma foto esmaecida na qual o pai exultante com o desfecho da reunião, o terno amarfanhado como o de mendigo, posava ao lado dele pequeno, os dois encostados na carroceria de um DKW solitário, parado

junto do meio-fio, o gramado ralo sob o sol do Planalto Central, deixando exposta a terra vermelha até a miragem do Congresso ao fundo. O militar deve ter tirado a foto à saída do hotel (Carvalho, 2023, p.10).

Na cena descrita, no excerto anterior, temos o pai e o filho, no momento do fechamento do acordo de uma vantajosa proposta feita por militares influentes, ligados ao governo militar brasileiro, na sede do Distrito Federal. O realismo da passagem constitui um recurso muito presente na escrita de Carvalho, sendo que, no trecho em destaque, o escritor descreve, minuciosamente, o movimento que transformou a vida do personagem principal, o pai.

A partir da descrição dos elementos que remetem à ditadura militar, a princípio, temos a reprodução da negociação entre um civil e um militar; o homem mal vestido, comparado a um mendigo, recebendo uma proposta de outro homem, vestido com sua farda, negociando o paraíso. Nesse contexto, o homem de farda pode ser considerado um militar de alta patente, e o lugar, denominado Paraíso, as terras devolutas na Amazônia.

Outro recurso que compõe a cena é a fotografia. Isso porque o local e o momento exato da concretização da negociação ficam registrados na imagem de uma fotografia, que imortaliza a transformação da vida dos personagens. Nela, visualiza-se pai e filho encostados em DKW, um automóvel jipe muito utilizado pelos militares da época. A riqueza dos detalhes na descrição do espaço da narrativa remete tanto à capital do Distrito Federal, Brasília, quanto ao Planalto Central e ao Congresso, ambos os espaços que compõem a sede do governo brasileiro. Para Watt (2010), esse tipo de acordo que o romance suscita dá a sensação

de que estamos em contato não com a obra literária, mas com a própria vida, momentaneamente refletida pela lente dos protagonistas.

Consoante Melo (2003), a propaganda e as relações públicas processam mensagens que pretendem persuadir e levar os cidadãos à ação. É possível confirmar o conceito desse autor refletido na Figura 02, a seguir, que trata de um anúncio republicado pelo jornal eletrônico *Observatório 3 Setor*, em 2021.

**Figura 02:** Reprodução do anúncio: Toque sua boiada para o maior pasto do mundo.

**Toque sua boiada para o maior pasto do mundo.**

Na Amazônia a terra é barata, e sua fazenda pode ter todo o pasto que os bois precisam. Seu feno ou estagem queimando o capim, o gado fica bonito de janeiro a dezembro. É para ir para a Amazônia, você escolhe a ajuda que quiser. Com um projeto aprovado pela

Sudam, sua empresa recebe os incentivos fiscais de milhares de empresas de todo o país. É com o financiamento agrpecuário do Banco de Amazônia, você tem todo o apoio de que precisa. Quando chegar a hora de vender o gado, as notícias serão ótimas.

É que a produção atual da região Norte é muito menor que seu consumo. E, quando essa produção alcançar 1 milhão de cabeças por ano, em 1975, você terá o mercado nordestino ali pertinho, à sua espera. E também os portos que embarcam carne para a Europa e EUA. Por falar nisso, a carne sem

gordura do zebu é a mais procurada no mercado internacional. É por isso tudo que mais de 30 empresas agropecuárias já estão se instalando na Amazônia. Essa gente foi para lá movida por um forte impulso pioneiro, patriótico e empresarial.

INSTITUTO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA - SUDAM

SUDAM  
SISTEMA  
DE  
DESENVOLVIMENTO  
DA  
AMAZÔNIA

**Fonte:** Observatorio3setor. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/ditadura-militar-no-brasil-queria-transformar-amazonia-em-pasto/>.

O anúncio publicitário (Figura 2) foi elaborado pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), veiculado em jornal, e trazia a imagem de fundo de uma boiada, com a seguinte manchete: “Toque sua boiada para o maior pasto do mundo”, e incentivava uma propaganda de 1972, com

o discurso governamental que dizia, à época: “Na Amazônia a terra é barata e sua fazenda pode ter todo o pasto que os bois precisam” (Garcia, 2021).

*É válido destacar que* o referido anúncio, por ter sido patrocinado pela SUDAM, cujo objetivo era o de planejar, coordenar, promover a execução e controlar o desenvolvimento regional na Amazônia Legal, trazia em seu bojo um discurso nacionalista. Nessa direção, chamamos a atenção para o destaque dado à boiada (Fig. 2), como símbolo de desenvolvimento e riqueza para a época.

À época, o anúncio, publicado pelo Governo Federal, fazia referência à Amazônia como o maior pasto do mundo, afirmando tratar-se de terra barata, na qual o pioneiro poderia ter todo o pasto necessário para criar a sua boiada. E a proposta poderia ser ainda mais vantajosa pelos recursos financeiros oferecidos àqueles que, eventualmente, se aventurassem à empreitada de promover o desenvolvimento naquela região. Para além dos incentivos financeiros, estes teriam também a possibilidade de escolher a ajuda que mais lhes fosse vantajosa, tais como a dedução no imposto de renda e o incentivo ao financiamento para o desmatamento e a plantação de capim.

A obra literária de Carvalho reproduz o fato, no trecho, a seguir:

[...] a sede da fazenda. O que o pai chamava de vila era uma sequência de cinco casas simples e idênticas, brancas, caiadas, alinhadas num descampado ao longo da pista de pouso de terra. Os telhados de zinco refletiam o sol, à passagem do avião. A mata tinha sido derrubada num raio de algumas centenas de metros. As casas, a pista e uma sequência de currais comunicantes ocupavam uma clareira num mar de capim (Carvalho, 2023, p.100).

Na obra, o personagem pai cumpre o compromisso firmado com os militares, e avança com o desenvolvimento nas terras

adquiridas. Seu objetivo específico era o de garantir a extração da matéria-prima, no caso, a madeira, cujo destino era comércio exterior, abrindo espaço para a criação de gado de corte. Todo esse trabalho, com a garantia governamental de que não teria problemas e nenhum empecilho ao seu negócio, pois estaria levando o desenvolvimento para aquela área inóspita.

As principais características fundantes, que movem o colonizador, de acordo com Memmi (1997), são o tripé lucro, privilégio e usurpação. A consciência do colonizador, segundo o autor, é moldada por esses três elementos. É possível verificar, na obra de Carvalho, que a consciência do personagem “pai” também era moldada por esse tripé, uma vez que seu principal objetivo era o de obter lucro em suas negociações.

## **Considerações**

Considerando as reflexões acerca da literatura, imprensa e vida social, é possível aferir que a obra literária *Os Substitutos* (2023), de Bernardo Carvalho, aborda várias temáticas contemporâneas, que refletem as mazelas da sociedade brasileira e mundial. Logo, verifica-se a forte relação entre obra literária e imprensa, pela reprodução do fato histórico do período militar, vivenciado entre os anos de 1964 a 1985, tomado pelo enredo da narrativa ficcional.

Foi possível observar, ainda, a reprodução da ação panfletária do período e do discurso militar, empenhado na divulgação do projeto militar, refletidos na obra, fatos ilustrados com recortes de jornal e revista, que se propunham a divulgar esse discurso, e impulsionar a devastação na Amazônia da época.

A obra utiliza-se do realismo, como recurso empregado pelo autor, para desenvolver o enredo e reproduzir temáticas de origem social. É importante registrar que essa é uma obra da literatura contemporânea brasileira, escrita por um autor

brasileiro, jornalista de formação, que acessa o repertório cultural de seu próprio país, e o tematiza, dando vida aos seus personagens no romance.

Os grandes avanços nos diversos setores da sociedade, que abarcam a vida social, política, econômica e ambiental, e promovem discussões, repercutem nos escritos do tempo, dentre os quais os da literatura e do jornal (ou revista). Esses fatos históricos e sociais podem ser acessados e revisitados, devido à função social da literatura e da imprensa jornalística, que se ocupam de capturar retratos no instante do acontecimento, fomentando relações sociais, imortalizando-os nas obras literárias.

## Referências

BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Editora 34, 2015.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.

CARDIN, R. A ofensiva da ditadura militar contra a Amazônia. *UOL*. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/galeria/a-ofensiva-da-ditadura-militar-contra-a-amazonia/> Acesso em: 20 jun. 2024.

CARVALHO, B. *Os Substitutos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. (Org.). *Literatura Comparada: textos fundadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco. 2011.

DAMASIO, K. Ditadura militar quase dizimou os Waimiri Atroari – e indígenas temem novo massacre. *National Geographic*. História. Publicado em 01 de abr. de 2019 e Atualizado em: 5 de nov. de 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2019/04/ditadura-militar-waimiri-atroari-massacre-genocidio-aldeia-tribo-amazonia-indigena-indio-governo>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GARCIA, M. F. Ditadura Militar no Brasil queria transformar Amazônia em pasto. *Observatório 3 Setor*. História. Portal de notícias. Publicado em 23 de abr. de 2021 Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/ditadura-militar-no-brasil-queria-transformar-amazonia-em-pasto/> Acesso em: 20 jun. 2024.

GLOBO. Ditadura militar incentivava a agropecuária na Amazônia. *G1*. Portal de notícias, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/estudio-i/video/ditadura-militar-incentivava-a-agropecuaria-na-amazonia-7875477.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

KRUGER, R. B. O discurso do governo militar: dispositivos mobilizados na colonização da Transamazônica. *Revista de História da UEG*, Morrinhos, v.11, n.2, e-12220 jul./dez.2022. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/12968>. Acesso em: 09 jun. 2024.

MALHEIRO, B. C. P. Colonialismo Interno e Estado de Exceção: a “emergência” da Amazônia dos Grandes Projetos. *Caderno de Geografia*, v. 30, n. 60, p. 74-98, 2020. ISSN 2318-2962. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/20906/16395>. Acesso em: 07 jun. 2024.

MELO, J. M. de. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. Disponível em: <https://pagina22.com.br/2020/11/19/como-a-imprensa-glorificou-a-destruicao-da-floresta-na-ditadura-militar/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

MEMMI, A. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

MONTELEONE, J.; SEREZA, H. C. Ditadura e Volkswagen promoveram “maior incêndio da história” na Amazônia. *Brasil de Fato*. Política/Memória. Publicado em 21 ago. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/08/21/ditadura-e-volkswagen-promoveram-o-maior-incendio-da-historia-nos-anos-1970/> Acesso em: 20 junho 2024.

PERRONE-MOISÉS, L. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WATT, I. *A ascensão do romance*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WENZEL, F. A Amazônia já era!: como a imprensa glorificou a destruição da floresta na ditadura militar. *O Eco*. Portal de notícias. Publicado em 04 de out. de 2020 Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603474-a-amazonia-ja-era-como-a-imprensa-glorificou-a-destruicao-da-floresta-na-ditadura-militar>. Acesso em: 20 jun. 2024.

**O IMPACTO DAS  
LITERATURAS  
DE MARGENS  
CENSURADAS, A  
PARTIR DA ÓTICA  
DA IMPRENSA  
BRASILEIRA**

*THE IMPACT  
OF CENSORED  
MARGINS  
LITERATURE  
FROM THE  
PERSPECTIVE OF  
THE BRAZILIAN  
PRESS*

**Francisco Welison Fontenele de Abreu (UNEMAT)<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Doutorando em estudos literários na Universidade Estadual do Mato Grosso, Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e Graduado em Letras Inglês Pela UESPI. E-mail: welisonphbw@hotmail.com

Resumo: A discussão sobre a conexão entre literatura e imprensa tem cada vez mais ganhado espaço nos estudos acadêmicos. Na presente pesquisa, objetivamos investigar de que forma a imprensa brasileira abordou as literaturas de margens censuradas entre os anos de 2019 e 2024. Assim, relacionamos as discussões em torno das literaturas de margens e o modo como a imprensa brasileira propõe diálogos sobre a censura dessas obras. Este estudo é uma revisão bibliográfica de artigos publicados em jornais eletrônicos brasileiros – tais como *G1*, *Folha de São Paulo*, *IstoÉ*, *O Globo*, *Ecoa Uol* e *Porvir* – que noticiaram a censura de obras literárias. Para tanto, foram utilizadas autorias que abordaram temas que circulam literaturas de margens, imprensa e vida social, como por exemplo, Terry Eagleton (2006), Regina Dalcastagnè (2012), Ronaldo Soares Farias (2019) e Michel Foucault (1988), dentre outras. A partir dos dados coletados, foi constatado que a imprensa brasileira aborda de formas diferentes as notícias acerca das censuras, podendo ter tanto abordagens pedagógicas, quanto imparciais, críticas e formadoras de opinião.

Palavras-chave: Literatura de margem; Imprensa; Censura.

Abstract: The discussion about the connection between literature and the press has increasingly gained space in academic studies. Therefore, in this research we aim to investigate how the Brazilian press approaches marginal literature that was censored between 2019 and 2024. Thus, we relate the discussions around marginal literature and how the Brazilian press proposes dialogues about the censorship of these narratives. This study is a bibliographic review of articles published in Brazilian electronic newspapers that reported the censorship of literary works such as: *G1*, *Folha de São Paulo*, *IstoÉ*, *O Globo*, *Ecoa Uol* and *Porvir*. To explore themes circulating in marginal literature, the press, and social life, we consulted authors including Terry Eagleton (2006), Regina Dalcastagnè (2012), Ronaldo Soares Farias (2019), and Michel Foucault (1988). Based on the collected data, it was found that the Brazilian press addresses news about censorship in different ways, and they may have pedagogical, impartial, critical and opinion-forming approaches.

Keywords: Marginal literature; Press; Censorship.

## Pensamentos iniciais

*Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.*

*Candido (2004, p. 191)*

A censura pode constituir um mecanismo de apagamento da democracia vivenciada pelos brasileiros, seja antes, durante ou depois da ditadura. Trata-se de uma prática recorrente empregada quando indivíduos ou instituições que detêm o poder desejam suprimir ideias, posicionamentos, fatos e expressões culturais. Deste modo, considerando a literatura uma expressão cultural, a censura entra nesse campo ao impactar não só o leitor, mas também as discussões que podem, a partir dela, ser pautadas.

Uma das formas de se propagar as informações acerca da censura literária é utilizando a imprensa, seja esta eletrônica ou impressa, a fim de disseminar as razões para tal desaprovação. Os motivos dessa censura podem ser compreendidos a partir dos apontamentos propostos pelo filósofo Michel Foucault (1988), que pontua que os indivíduos ou instituições que detêm o poder são os que propagam as regras sociais que devem ser seguidas socialmente.

Foucault (1988) utiliza-se das questões que envolvem o sexo para difundir seu raciocínio de que a sociedade, com efeito, é controlada e censurada por indivíduos e/ou instituições que ditam aquilo que pode ou não ser aceito socialmente. Propomos aqui que esse pensamento não diz respeito apenas a questões sobre sexo, mas também se dá em outros cenários da vida social.

Neste sentido, a censura está vinculada à imprensa

literária há muito tempo, podendo ocorrer por motivos ideológicos, religiosos e/ou econômicos, tal como aponta a pesquisa de Farias (2019). Consoante Farias, revistas como *O Malho* (1902) e *Rio Nu* (1898) poderiam ter sido censuradas devido ao seu conteúdo; outra forma pela qual a imprensa e a literatura se interligam é a transmissão da notícia sobre a censura de obras. É possível citar um exemplo que se tornou popular: o momento em que a jornalista Caroline Besse (2015) escreve para revista francesa *Télérama* acerca da censura do romance gráfico intitulado *Le bleu est une couleur chaude*, de autoria de Jul Marroh. De acordo com Besse (2015), tal obra foi banida no Irã sob a alegação de abordar lesbianidades, tendo a tradutora sido proibida de publicar naquele país qualquer outro material. Além disso, a jornalista denuncia que a autora dos quadrinhos considera a imprensa iraniana uma instituição conservadora e que infringe a liberdade cultural.

Trazendo tal questão para a realidade brasileira (especificamente em relação ao período de 2019 a 2024), a literatura tem sido alvo de conservadores que tentam censurar obras que discutem temas como raça, gênero e sexualidade. Essas literaturas são conhecidas como literaturas de margens. As tentativas de censura se deram nos anos especificados (2019-2024) devido ao fato de o poder político estar concentrado em bases conservadoras, as quais, mesmo fora do poder atualmente, reverberam até os dias atuais. E é precisamente por meio da imprensa que são disseminadas essas notícias, elencando, assim, as justificativas para uma eventual censura. Dito isso, o objetivo deste trabalho é investigar de que forma a imprensa brasileira aborda as literaturas de margens que foram censuradas entre os

anos de 2019 e 2024.

A presente pesquisa é uma revisão bibliográfica de artigos publicados em jornais eletrônicos brasileiros – como G1, Folha de São Paulo, IstoÉ, O Globo, Ecoa Uol e Porvir – que noticiaram a censura de obras literárias. A pesquisa acerca desses canais foi realizada por meio de *sites* de busca, utilizando os seguintes descritores: censura, literatura, imprensa, jornais, raça, indígenas, gênero, sexualidade, feminismo e proibição.

Além disso, para nos auxiliar a refletir sobre as questões que envolvem literatura, imprensa e censura, utilizamos as autorias de Terry Eagleton (2006), Regina Dalcastagnè (2012), Ronaldo Soares Farias (2019) e Foucault (1988), dentre outras.

## **As literaturas de margens e sua abordagem pela imprensa brasileira**

As literaturas de margens vêm impactando ultimamente o cenário literário e social por meio de suas narrativas que tratam, de forma nítida, temas sociais. Assim, quando tais obras são censuradas, elas ganham, por intermédio da imprensa, um foco maior no âmbito dos canais de divulgação. A fim de entendermos melhor como a imprensa brasileira aborda essas obras, acreditamos ser necessário discutirmos nos próximos parágrafos tanto o que estamos denominando de literaturas de margens, como seu impacto na vida social.

A raiz das literaturas de margens nos leva ao que chamamos de pós-estruturalismo. Este não só moldou os estudos literários, como também afetou a sociedade de forma geral, tendo sido conceituado pelo crítico literário Terry Eagleton (2006). Para o autor, o princípio do pós-estruturalismo se dá a

partir dos movimentos políticos que se sucederam à década de 1960. Eagleton (2006) pontua que, se anteriormente o foco dos estudos literários eram os textos, posteriormente, teve início um movimento que expandiu os horizontes para além deles (textos).

Logo, seguindo os apontamentos de Eagleton (2006), temos que as bases da literatura estão conectadas com valores tradicionais europeus que se solidificaram em razão do poder. O crítico exemplifica seu ponto de vista a partir da vida social, relacionando questões de binarismo e de gênero. Ademais, Eagleton (2006, p. 200) salienta que a partir de tais questões é que foram formuladas “fronteiras rígidas entre o que é aceitável e o que não é, entre o eu e o não eu, a verdade e a falsidade, o sentido e o absurdo, a razão e a loucura, o central e o marginal, a superfície e a profundidade”.

Apropriamo-nos desse pensamento de Eagleton (2006) para explorar o que por ele é apontado como aceitável e o que não é, ou do que é visto como central ou marginal. Assim, aceitáveis seriam todas as regras sociais propagadas por indivíduos e/ou instituições de poder, de modo a centralizar valores que são socialmente julgados como corretos. Por sua vez, marginal seria tudo aquilo que foge aos padrões centralizados por esses detentores do poder. Ao se utilizar a literatura para explicar, estão presentes na margem obras ou autorias que, de alguma forma, subvertem as diretrizes sociais previamente estabelecidas.

O pós-estruturalismo, na perspectiva de Eagleton (2006), acentua os olhares para obras que discutem questões políticas e sociais e que tentam, de algum modo, desconstruir o pensamento padrão atualmente vigente. Outra autoria que também discute as literaturas de margens e acopla esse sentido de território é

a pesquisadora brasileira Regina Dalcastagnè (2012), por meio de seu livro intitulado *Literatura brasileira contemporânea*. Em suas palavras:

Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para pensar a literatura; ou, ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade (Dalcastagnè, 2012, p. 5).

Dalcastagnè (2012) inicia sua pesquisa a partir da perspectiva de que a literatura brasileira contemporânea vem vivenciando uma inclusão de autorias, temas, discursos e questões estéticas que haviam sido apagados por não estarem seguindo uma forma padrão. Em outros termos, está se dando espaço agora para dialogar com autorias, personagens e narradores que foram postos às margens em decorrência de não seguirem os padrões centrais socialmente impostos.

Na ótica de Dalcastagnè (2012), esses espaços de centro e margens são espaços de hierarquias de quem pode ou não fazer literatura. A pesquisadora salienta que a literatura brasileira ainda é um espaço em que o centro domina, mesmo que atualmente haja grandes autorias, as quais são marginalizadas por subverterem o pensamento tradicional. A autora consolida tal afirmação ao expor dados quantitativos acerca de quantos homens, mulheres, negros, negras têm suas obras publicadas.

No tocante à questão territorial, Dalcastagnè (2012) pontua que as produções literárias brasileiras estão concentradas, em sua maioria, no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, o que faz desse polo o centro das produções literárias. Ela explica que, a partir

dessa polarização, criam-se espaços que acabam por solidificar ideias acerca de quem pode ou não produzir literatura e o que pode ou não ser dito.

Logo, podemos entender as literaturas de margens como todo material literário que é produzido por autorias que quebram as normas-padrão ou que abordam, de forma operante, narrativas presentes na vida social de indivíduos que se encontram às margens da sociedade. Sendo assim, é possível incluir neste rol obras e autorias de/sobre pessoas pretas, pessoas *queer*, nordestinas, indígenas, periféricas, mulheres, pessoas vivendo com HIV e todas que, de alguma forma, são colocadas às margens da sociedade.

Isto posto, partimos, nesse momento, para a discussão que engloba as literaturas de margem censuradas a partir da imprensa brasileira. É importante lembrarmos que, para essa parte da investigação, foram utilizados recortes de meios jornalísticos, tendo sido selecionados 12 (doze) artigos de jornais ou de *blogs*, número este que julgamos ser suficiente para o desenvolvimento do presente estudo.

No âmbito desse *corpus*, duas obras censuradas ganharam destaque na imprensa brasileira nos anos de 2019 a 2024, quais sejam: *O avesso da pele* (2020), de autoria de Jeferson Tenório, e *Vingadores: a cruzada das crianças* (2019), de autoria de Jim Cheung. É importante ressaltar que outras obras também foram censuradas e abordadas na imprensa, tal como é o caso do livro de poesias intitulado *Beirage* (2019), de George Furlan, e *O menino marrom* (1986), de Ziraldo. Contudo, devido à dimensão deste artigo, serão abordadas aqui apenas as duas primeiras obras supracitadas.

Iniciando cronologicamente a análise, de acordo com

Renan Quinalha (2019), correspondente da Folha de São Paulo, a história em quadrinhos *Vingadores: a cruzada das crianças* (2019) foi censurada e quase recolhida da Bienal do Livro no Rio de Janeiro pelo então prefeito Marcelo Crivella. A administração da Bienal negou a retirada das obras.

Quinalha (2019) aponta que o prefeito Crivella havia considerado o livro impróprio para a leitura de menores de idade devido a uma cena em que dois personagens estão se beijando.

**Imagem 1** - Teddy & Billy.



Fonte: Folha de São Paulo (2020).

A revista *IstoÉ* (2019) também noticiou o ocorrido, acrescentando que o prefeito do Rio de Janeiro havia pedido que esses livros fossem embalados em sacos pretos lacrados e com aviso do lado de fora acerca do conteúdo da obra; por sua vez, o jornal *O Globo* (2019) publica a mesma notícia, acrescentando uma publicação feita no perfil pessoal do quadrinista sobre a censura de sua obra. Ambas as revistas supracitadas partem de

uma abordagem imparcial, apenas apontando os fatos ocorridos, sem que haja qualquer interpretação, deixando, portanto, a audiência tomar suas próprias conclusões.

Quinalha (2019) destaca, ainda, que medidas extrajudiciais foram tomadas em relação ao caso e que a prefeitura ameaçou até mesmo cancelar o evento completo, caso nenhuma atitude fosse adotada. Neste sentido, elencamos alguns pontos interessantes que Quinalha (2019) aborda em sua reportagem, a fim de repudiar a ação do prefeito Crivella. O correspondente do periódico recorre tanto a uma análise imagética sobre como a obra não se enquadra em pornografia, quanto a imagens de outros quadrinhos que abordam a mesma temática, ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), à Constituição Federal de 1988 e também às leis do estado do Rio de Janeiro. Além disso, essa mesma edição do jornal traz uma análise feita por Diogo Bercito (2019), quadrinista e jornalista finalista do Prêmio Jabuti de Literatura. Bercito reitera a informação descrita por Quinalha, empreendendo uma análise temporal acerca de questões sobre sexualidade nos quadrinhos de super-heróis.

Um ano após a censura por parte de Crivella, ou seja, já na Bienal do livro de 2020, uma outra edição da revista em quadrinho *Empyre Aftermath: Avengers* é tema de mais um artigo da Folha de São Paulo (2020). Nessa publicação, o jornal relembra a censura feita por Crivella, abordando a narrativa e mostrando o protesto irônico que o *youtuber* Felipe Neto realizou. Segundo a Folha de São Paulo (2020), o *youtuber* disponibilizou cerca de 14 mil livros LGBTQIAPN+ lacrados com saco preto que advertiam sobre o conteúdo: “Este livro é impróprio para pessoas atrasadas, retrógradas e preconceituosas”.

**Imagem 2** - Protesto literário na Bienal do Livro no Rio de Janeiro (2020).



Fonte: Folha de São Paulo (2020).

A partir do que foi supraexposto, é possível perceber que aqueles que detêm o poder acreditam que o beijo de dois super-heróis *gays* pode causar um estreitamento nas bases heteronormativas na vida social do carioca. Neste sentido, os jornalistas da Folha de São Paulo criticam a censura que a prefeitura do Rio de Janeiro tentou impor à Bienal do Livro de 2019, pautando tanto por meio histórico quanto legislativo. Os jornais *IstoÉ* e *O Globo* preferem mostrar imparcialidade, apenas noticiam o fato ocorrido.

As narrativas LGBTQIAPN+ há muito tempo são alvo de represálias, tal como apontado por Farias (2019) ao pesquisar sobre *O menino do Gouveia*, conto muito famoso da literatura homoerótica. A seu ver, a cultura de julgamento acerca dessas obras está interligada à “obscuridade, ao pecado mortal, o que acabou fomentando o ódio contra os homossexuais, e a palavra de

ordem era proibir e interditar qualquer ato ou discurso que viesse a ‘desmoralizar’ a igreja e a sociedade” (Farias, 2019, p. 459). Desse modo, narrativas que descentralizam ou despadronizam valores heteronormativos socialmente impostos são colocadas na mira por aqueles que detêm o poder, seja este poder envolvendo política, economia ou religião.

A sexualidade masculina na sociedade é colocada em xeque a partir de estruturas apontadas tanto por Michel Foucault (1988) quanto por Pierre Bourdieu (2012). Apesar de os dois autores partirem de *locus* diferentes, ambos propõem refletir acerca do que a sociedade espera do indivíduo homem, seja de sua sexualidade, seja do poder que ela exerce nas camadas sociais. Quando as literaturas de margens começam a surgir e a ganhar espaço – tal como no caso de *Vingadores: a cruzada das crianças* –, essas estruturas heteronormativas restam com fissuras, sendo, portanto, a censura um dos meios empregados pelos detentores de poder para tentar organizá-las.

O último livro censurado e que foi aqui eleito é *O avesso da pele* (2020), de autoria de Jeferson Tenório. A obra foi censurada pelas Secretarias da Educação estaduais em razão de abordar temáticas que englobam raça, branquitude, negritude, colorismo e gênero. Acerca da obra em questão, foram selecionados quatro artigos que a imprensa publicou.

A jornalista Emily Santos (2024) reporta, por meio do portal G1, que a obra *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, foi censurada pelas Secretarias da Educação nas escolas públicas do Mato Grosso do Sul, Goiás e Paraná. Santos (2024) salienta que as secretarias censuraram o livro sob a alegação de inadequação de idade, já que, segundo elas, contém linguagem

imprópria. Além disso, a reportagem não só explora o fato, bem como expõe o ponto de vista de especialistas que argumentam o ato falho dessa censura. Vejamos no trecho a seguir:

Especialistas ouvidas pelo G1 afirmam que a justificativa apresentada pelos governos do Mato Grosso do Sul, de Goiás e do Paraná para recolher os exemplares do livro *O Averso da Pele* das escolas públicas é **falha, fraca e escorada no racismo, repetindo procedimento de censura típico dos anos da Ditadura Militar** (Santos, 2024, grifos da autora).

O referido jornal busca, por meio de opiniões de indivíduos especializados no assunto, traduzir o que a censura sobre essa obra representa para o meio social. A repórter destaca em negrito os termos que deixam óbvio a representação dessa censura. A obra aborda as realidades, as vivências e os percalços de pessoas negras, o que faz com que seus leitores entendam o cenário racista que a sociedade brasileira vem enfrentando desde os tempos coloniais.

O portal *G1* complementa a notícia apresentando uma entrevista de dez minutos com o autor Jeferson Tenório; nela, ele exprime sua opinião sobre a censura e comenta cenas de sua narrativa. Além disso, a reportagem de Santos (2024) explica à audiência acerca do programa governamental do qual o livro faz parte, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), bem como sobre a opinião da editora sobre o caso. Dessa forma, entendemos que esse canal de informação noticiou o fato, não exprimindo opinião; contudo, ofereceu mecanismos para que o público entendesse de forma indireta o modo como a censura age nas instâncias sociais.

Um outro canal de imprensa que noticiou essa censura foi o *Ecoa Uol*, por meio do artigo de opinião do crítico literário Julián Fuks (2024). No texto, o crítico escreve sobre a notícia e expressa sua opinião em relação ao fato. A crítica à censura sobre a obra de Tenório é feita por Fuks levando-se em consideração bases literárias (crítica literária e teoria da literatura) e como essa censura se manifesta socialmente. O crítico afirma que “os acusadores não querem assumir: que no cerne da censura há racismo e homofobia”. Já ao fim do artigo, há uma entrevista de vinte minutos que o Uol realizou com o autor. Neste sentido, a reportagem do crítico se difere das demais, já que ele torna o artigo imparcial, discutindo questões literárias e sociais para acusar questões negativas oriundas da censura.

Por sua vez, Ruam Oliveira (2024) escreve sobre o ocorrido para o portal Porvir, porém, apresenta uma abordagem mais pedagógica. Em sua reportagem, relata a forma como professores utilizam a obra *O avesso da pele* (2020) na sala de aula; e com base em uma entrevista com professores do Ensino Médio, Oliveira comenta a censura e solicita a uma das professoras entrevistadas que pontue sugestões de formas de abordagens da obra. Ademais, Oliveira (2024) informa a audiência que:

O **site da Companhia das Letras**, editora responsável pela publicação, possui uma série de recursos para o uso da obra em sala de aula. Além de **um vídeo**, há um **material digital de apoio** que trata de questões como cidadania, inquietações da juventude, *bullying* e respeito às diferenças. A editora também disponibilizou a versão digital gratuitamente (Oliveira, 2024, grifos do autor).

A reportagem de Oliveira (2024) parte de uma abordagem pedagógica, já que o artigo é focado não só no público em geral,

mas também é escrito para conscientizar e auxiliar docentes que ainda não utilizam – ou que têm medo de utilizar – literaturas de margens no âmbito da sala de aula. Isso porque empregar literaturas que abordam temáticas raciais, principalmente vivência de pessoas pretas, pode causar rupturas nos padrões coloniais que ainda são reproduzidos nos dias de hoje. Teóricos como Homi Bhabha (1998), Kabengele Munanga (2009) e Frantz Fanon (2008) apontam em suas pesquisas o modo como esses padrões coloniais se formaram, bem como suas consequências para as pessoas pretas.

*O avesso da pele* (2020) e *Vingadores: a cruzada das crianças* (2019) constituem apenas dois exemplos de literaturas de margens que foram censuradas e posteriormente abordadas pela imprensa. É importante frisar que tais obras estão sendo comercializadas e configuram tópico de discussões tanto no meio acadêmico quanto no meio social. Logo, encorajar a leitura dessas obras não só nos ajuda a pensar a literatura contemporânea, como também estremece os padrões culturais e valores racistas, LGBTQIAPN+fóbicos e sexistas que estão entremeados à vida social.

## **Pensamentos finais**

Nesta pesquisa, investigamos a abordagem que a imprensa realizou acerca das obras de literatura de margem censuradas entre os anos de 2019 e 2024. Iniciamos pontuando o que se entende por literaturas de margens e como o movimento do pós-estruturalismo intensificou a sua produção e estudo. Posteriormente, foram utilizados os jornais *G1*, *Folha de São Paulo*, *IstoÉ*, *O Globo*, *Ecoa Uol* e *Porvir*, a fim de visualizar a

maneira como a imprensa noticiou os fatos de censura. Para tal, foram selecionadas duas obras, quais sejam, *O avesso da pele* (2020) e *Vingadores: a cruzada das crianças* (2019), além de seis artigos que abordavam o ocorrido.

Discutimos também que as literaturas de margens são classificadas como sendo as produções literárias de autorias que são postas à margem da sociedade, em decorrência de não serem ou não seguirem padrões impostos por aqueles que detêm o poder. Essas autorias abordam ou não em suas obras questões que envolvem problemas sociais, tais como racismo, violência de gênero, questões de sexualidade e outros temas que abrem fissuras nas normas padrões da vida social. Além disso, debatemos sobre o pós-estruturalismo, movimento que auxiliou na disseminação da ideia de pesquisas e teorias que envolvem esse tipo de literatura.

Ao entrelaçarmos questões literárias e de imprensa, destacamos a obra *Vingadores: a cruzada das crianças* (2019), censurada pelo governo do Rio de Janeiro em 2019. Tal censura foi tema para artigos nos seguintes jornais: *Folha de São Paulo*, *IstoÉ* e *O Globo*. A abordagem apresentada pela *IstoÉ* e pelo *O Globo* foi focada na imparcialidade, apenas noticiando o fato, ou seja, não refletindo acerca da censura e não instigando sua audiência a ter pensamentos críticos. Ser imparcial não significa não opinar, mas mascarar possíveis opiniões sobre o fato e não levantar bandeira política para o jornal. Diferentemente da *Folha de São Paulo* que, além de noticiar o fato, criticou a censura e teceu uma análise que aborda questões literárias e sociais. Dessa forma, a audiência pôde debater assuntos que vão além da obra literária, isto é, que permeiam a vida social.

Por sua vez, *O avesso da pele* de Jeferson Tenório (2020) foi obra censurada em três estados brasileiros pelas respectivas Secretarias da Educação, tendo sido tema de artigos nos jornais: *G1*, *Ecoa Uol* e *Porvir*. Essas três mídias optaram por abordagens diferentes: o *G1*, além de informar sobre a censura, realizou uma entrevista com o autor, subdividindo o artigo em tópicos e buscando novas contribuições para o público; o *Ecoa Uol* transmitiu a informação por meio de um artigo de opinião, ao criticar o ato e ao discutir questões das literaturas de margens; já o *Porvir* mostrou em sua reportagem um lado pedagógico de abordar as literaturas de margens, apontando sugestões de como trabalhar em sala de aula a obra de Tenório (2020).

Isso posto, é possível perceber que uma das conexões que a literatura pode ter com a imprensa é a forma pela qual as notícias do ramo literário são veiculadas e abordadas nesse meio, sendo a censura um atrativo para esta circulação e posterior discussão acerca dessas obras. Neste sentido, é fundamental destacarmos a importância que a imprensa tem quando alguma obra literária é censurada, já que pode ser a partir dela que obtemos informações para pensarmos como a literatura pode estar intimamente conectada com questões da vida social.

## Referências

BERCITO, D. Super vilões da vida real é que fazem cara feia aos heróis gays. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p. 18-18. 7 set. 2019.

BESSE, C. *En Iran, le "Bleu" n'est toujours pas une couleur chaude*. 2015. Disponível em: [www.telerama.fr/livre/le-bleu-n-est-toujours-pas-une-couleur-chaude-en-iran,122946.php](http://www.telerama.fr/livre/le-bleu-n-est-toujours-pas-une-couleur-chaude-en-iran,122946.php). Acesso em: 08 jul. 2024.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. 1.ed. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012. v. 1.

EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. 6. ed São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, R.S. Configurações do homoerotismo nas revistas o Malho e Rio nu. *Caderno de Letras (UFPEL)*, v. 34, p. 457-481, 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Super-heróis gays que incomodaram Crivella se casam e se beijam de novo*. 2020. Disponível em: [www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/09/super-herois-gays-que-incomodaram-crivella-se-casam-e-se-beijam-de-novo.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/09/super-herois-gays-que-incomodaram-crivella-se-casam-e-se-beijam-de-novo.shtml). Acesso em: 09 jul. 2024.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições

FUKS, Julián. *Sobre os atos de censura à literatura, expressão da força que ela atinge*. 2024. Disponível em: [www.uol.com.br/ecoal/colunas/julian-fuks/2024/03/09/sobre-os-atos-de-censura-a-literatura-expressao-da-forca-que-ela-atinge.htm](http://www.uol.com.br/ecoal/colunas/julian-fuks/2024/03/09/sobre-os-atos-de-censura-a-literatura-expressao-da-forca-que-ela-atinge.htm). Acesso em: 09 jul. 2024. Graal, 1988.

ISTOÉ. *Crivella manda recolher livro dos Vingadores com beijo gay*. 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/crivella-manda-recolher-da-bienal-hqs-de-vingadores-com-personagens-gays-se-beijando>. Acesso em: 08 jul. 2024.

MUNANGA, K. *Negritude: usos e sentidos*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

O GLOBO. *Crivella manda recolher HQ dos Vingadores com beijo gay; Bienal se recusa*. 2019.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/crivella-manda-recolher-hq-dos-vingadores-com-beijo-gay-bienal-se-recusa-23930534>. Acesso em: 09 jul. 2024.

OLIVEIRA, R. *Na contramão da censura, professores refletem sobre o livro 'O Avesso da Pele'*. 2024. Disponível em: <https://porvir.org/contramao-censura-professores-refletem-avesso-da-pele>. Acesso em: 09 jul. 2024.

QUINALHA, Renan. Recolhimento de HQ viola o Estado de Direito. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p. 18-18. 7 set. 2019.

SANTOS, E. **O avesso da pele**: livro que debate racismo é censurado em escolas de 3 estados por reação equivocada ao conteúdo, alertam especialistas. *G1*. 8 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml>. Acesso em: 09 jul. 2024.



# JOÃO DO RIO ENTRE O RÉS DO CHÃO E O ALTO DA MONTANHA

## *JOÃO DO RIO BETWEEN THE GROUND FLOOR AND THE TOP OF THE MONTANHA*

Fátima do Nascimento Varela (UNEMAT)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo do gênero crônica e a sua relação com a vida e a obra de João do Rio, um dos maiores cronistas do fim do século XIX e início do século XX, e a relação entre literatura e imprensa. Quanto à crônica, realizamos um percurso analítico sobre a gênese desse gênero literário que nasceu com o folhetim, mas sofreu transformações e deixou de ser um texto com a intenção somente de informar para atuar como um agente de sensibilização, de conhecimento e de reflexão de uma sociedade em transformação. A crônica nos possibilita observar como as mudanças sociopolíticas interferem profundamente na vida daqueles passam a ser descartáveis, que já não encontram lugar na nova ordem estabelecida pela “civildade”. A nossa pesquisa está fundamentada nos estudos sobre a crônica e sobre o escritor-jornalista João do Rio realizados por Antonio Candido, Luiz Roncari, Renato Cordeiro Gomes e Brito Broca.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Estadual de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Tangará da Serra. Professora Contato: fatima.varela@unemat.br .

**Palavras-chave:** João do Rio; Crônica; Literatura e Imprensa.

**Abstract:** This work aims to carry out a study of the chronicle genre and its relationship with the life and work of João do Rio, one of the greatest chroniclers of the late 19th century and early 20th century, and the relationship between literature and the press. As for the chronicle, we carried out an analytical journey on the genesis of this literary genre that was born with the serial, but underwent transformations and ceased to be a text with the sole intention of informing to act as a sensitizing agent, knowledge and reflection on a society in transformation. The chronicle allows us to observe how sociopolitical changes profoundly interfere in the lives of those who become disposable, who no longer find a place in the new order established by “civility”. Our research is based on studies on the chronicle and on the writer-journalist João do Rio carried out by Antonio Candido, Luiz Roncari, Renato Cordeiro Gomes and Brito Broca.

**Keywords:** João do Rio; Chronicle; Literature and Press.

## Introdução

*A arquitetura como construir portas,  
de abrir; ou como construir o aberto;  
construir, não como ilhar e prender,  
nem construir como fechar secretos;  
construir portas abertas, em portas;  
casas exclusivamente portas e teto.  
O arquiteto: o que abre para o homem  
(tudo se sanearia desde casas abertas)  
portas por-onde, jamais portas-contra;  
por onde, livres: ar luz razão certa.*

*Até que, tantos livres o amedrontando,  
renegou dar a viver no claro e aberto.  
Onde vãos de abrir, ele foi amurando  
opacos de fechar; onde vidro, concreto;  
até fechar o homem: na capela útero,  
com confortos de matriz, outra vez feto.*

(João Cabral de Melo Neto)

A crônica traz, em si, a tentativa de captar, com profundidade, a essência sublime de um instante fugaz e uma aparente despreensão. Trata-se de um gênero que nasceu com o folhetim, nutre-se do cotidiano; e, de acordo com Candido (2003, p. 89), “a sua perspectiva não é dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”. Em *A vida ao rés-do-chão* (2003), Antonio Candido, sociólogo de formação, que se consolidou como crítico literário, estabelece as semelhanças entre a crônica e a vida, e destaca as nuances que singularizam esse gênero literário e expressam sua grandeza. Nesse sentido, podemos afirmar que a vida e a obra de João do Rio, escritor-jornalista da virada do século XIX para o século XX, dialoga com as reflexões de Antonio Candido sobre a crônica.

Além disso, a obra de João do Rio reflete a ideia, defendida por Candido (2003), a respeito do desejo de representar a formação de uma cultura marcada pela pluralidade. João do Rio “abandonou as reflexões de gabinete, revolucionou o jornalismo carioca, adotando a reportagem, o inquérito e a entrevista, quando ia atrás da notícia, estivesse ela nas ruas, nos morros, no meio político, nos espaços da boemia ou nos salões” (Gomes, 2005, p. 16). Assim ele transita entre o rés do chão e o alto da montanha. Seu olhar capta as contradições da cidade e decifra suas sombras na tessitura das crônicas.

Antonio Candido soube, como nenhum outro, captar as idiosincrasias das primeiras manifestações artísticas literárias brasileiras. Embora, num primeiro momento, estas ainda se mostrassem presas às influências europeias, ele demonstrou sensibilidade ao descrevê-las, e colocou em evidência o valor dessas manifestações e das produções que, mais tarde,

representariam a aurora de uma nação e suas peculiaridades. Ou seja, simbolizariam o caráter genuíno de uma cultura que traz em si a marca da pluralidade, do encontro de diversas culturas. Questões estas que também permeiam a escrita de João do Rio, uma figura que se destaca como cronista no início do século XX.

O texto “João do Rio na vitrina”, de autoria de Carlos Drummond de Andrade, no evento de comemoração ao centenário do nascimento do escritor, é um acontecimento que legitima o valor literário das crônicas de João do Rio. O texto, além de ser uma homenagem a esse escritor-jornalista, “[...] é um convite para a exposição realizada pela Biblioteca Nacional, espaço que cumpre papel importante para o levantamento de imagens sobre a história da literatura brasileira, principalmente pelo seu importante acervo iconográfico”<sup>2</sup>. A obra de João do Rio dialoga com as reflexões de Candido acerca das relações entre literatura, imprensa e vida social, devido ao seu estilo ímpar, primando pela representação estética das relações entre o jornalismo, o social, a política e a cultura.

Luiz Roncari (1985), no seu ensaio *A estampa rotativa na crônica literária*, sobre a relação entre o texto literário e a sua forma de circulação inaugural, no momento da origem de determinada composição textual, apresenta o estudo de três gêneros literários, em períodos distintos da História da Literatura no Brasil: a relação do sermão com o púlpito; a relação do romance com a sua publicação nos folhetins, jornais e revistas do século XIX; e o estudo da crônica literária com os jornais e revistas nos séculos XIX e XX. Neste último, Roncari chama a atenção para a importância do estudo da crônica literária dentro

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://revistatopus.com.br/enviados/201654214657.pdf> . Acesso em: 24/07/2024.

do conjunto de relações que a envolve, desde a sua produção, a relação autor-herói, até a forma específica de circulação. É com base nos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin que ele reconhece a importância desse estudo para o aprofundamento da obra literária. A obra de João do Rio situa-se na senda dessas ideias.

Renato Cordeiro Gomes, professor, intelectual e escritor, desenvolveu pesquisas sobre a cidade, a cultura midiática e outros temas correlatos, entre os quais se insere um livro sobre a vida e a obra de João Paulo Alberto Coelho Barreto, o João do Rio. Considerado um ícone do seu tempo, Gomes tomou consciência da importância do conjunto de relações que envolvem a obra literária, mais especialmente do gênero crônica, e sua forma específica de circulação: a imprensa. Porém, ele não deixou de considerar também a importância das editoras como um espaço de divulgação e fortalecimento da obra literária; e

[...] demonstra uma aguda consciência do papel da imprensa no mundo moderno, tributário do instante (Lembre-se de que “O instante” é o título da coluna que assina com o pseudônimo Joe, na Gazeta de Notícias e depois em O Paiz), e prende-se à matéria (a realidade observada), com que vai construindo uma obra em progresso, aberta e inacabada, esse poema semanal, cuja grandeza, sem a grandiloquência do épico tradicional é feita do instantâneo (como o fixado pelo fotógrafo, como afirma numa crônica de *Pall-Mall Rio*), do flagrante do cotidiano urbano (Gomes, 2005, p. 13).

A cidade do Rio de Janeiro, centro comercial, político e populacional, na virada do século XX, é influenciada fortemente por modos de vida europeus: dominada pelo desejo

de modernização atrelado aos anseios da burguesia, necessita se desvencilhar de todo e qualquer traço colonial e adquirir a feição da modernidade, espelhar “civilidade”, intensificando as contradições existentes na cidade. Essa questão será matéria para a produção de João do Rio, que se interessa “pelo avesso do Rio de Janeiro para decifrá-lo” (Gomes, 2005, p. 23).

Possuidor de uma sensibilidade aguda, João do Rio, ao observar a rua, percebe a animosidade que envolve esse espaço. Para esse autor, a rua vai além dela mesma, é reveladora da alma dos seres que a habitam e da cidade, é o lugar onde a vida acontece coletivamente, “a rua tem alma! [...] a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte” (Barreto, 1995, p. 4).

De acordo com Candido (2003, p. 89), a crônica, “[...] por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural”. E, na visão desse crítico literário, justamente pelo fato de a crônica não ser considerada um gênero maior, é que ela se aproxima mais de nós, além de ter o poder de captar a essência humana nas pequenas cenas do cotidiano, nos pequenos gestos e expressões.

## **João do Rio e a crônica: a simbiose**

João do Rio exala encanto, originalidade e vigor nas suas criações e no seu modo de existir. Enquanto repórter, revelou-

se um artífice das palavras, um cronista que desponta com seu estilo próprio marcado pelo olhar, que transforma o corriqueiro em um evento extraordinário, “retrata o tempo, canta a imagem do turbilhão que remexe a ordem do mundo e não deixa nada fixo no lugar, [...] vê o cotidiano com um olhar estranho, alguém capaz de observar e julgar o movimento, a mudança, e alertar para o que tem de extraordinário, o que parece corriqueiro” (Roncari, 1985, p. 14).

Gomes (2005) nos oferece um estudo crítico acerca das figurações da cidade na obra de João do Rio. Ele destaca o caráter excêntrico e prolífero do trabalho de João do Rio, e caracteriza a obra desse cronista como uma simbiose entre jornalismo e literatura; e, assim, reacende reflexões do jornalista Brito Broca, em *A vida literária no Brasil - 1900* (2005), para quem:

A produção de Paulo Barreto na imprensa nas duas primeiras décadas do século XX foi simplesmente assombrosa. Basta dizer que os quinze ou vinte volumes que deixou não absorveram senão uma pequena parte de centenas de crônicas, reportagens, contos, artigos dos mais diferentes gêneros, muitos firmados com outros pseudônimos. É difícil distinguir nessas páginas escritas quase ao correr da pena, ao trepidar dos linotipos e às fumaçadas de um cigarro, onde termina o jornalismo e começa a literatura. João do Rio conseguia realizar, freqüentemente, um acordo entre as duas formas de atividade intelectual. “Literatura apressadà” diria, talvez, José Veríssimo, aplicando-lhe o mesmo rótulo com que condenara a obra dispersiva de um Valentim Magalhães (Broca, 2005, p. 326).

Diríamos que a simbiose, mencionada por Broca, se dá também entre o próprio escritor João do Rio e a cidade do Rio de Janeiro, entre o escritor-jornalista e o gênero crônica. Vida

e obra se confundem, ambas cintilam um estado de poesia, à medida que buscam exprimir a verdade mais profunda em pequenos gestos do cotidiano. É possível captar não somente em suas crônicas, mas também no seu modo de ser, sentir e agir, a essência da natureza humana, imperfeita, ambígua e bela, e apreender instantes carregados de sentidos, transformando-os em substância perene.

Renato C. Gomes, profissional da imprensa, ressalta que João do Rio “escreve vertiginosamente nos principais jornais e revistas ilustradas do país [...], revelando-se, por excelência, o cronista que registra tanto as transformações e o cotidiano do Rio de Janeiro das reformas urbanas, quanto os acontecimentos do Brasil e do mundo” (Gomes, 2005, p.11). Sua obra evidencia sensibilidade em captar e expressar pela criação estética literária o espírito das coisas. Ele não era apenas repórter, revelou-se um artista das palavras, um cronista exímio, que transitou por diversos espaços da capital do Rio de Janeiro, como um observador distante; e, ao mesmo tempo, partícipe dos acontecimentos.

João do Rio foi um dos responsáveis pela transformação composicional do gênero crônica, descrito por Candido, em *A vida ao rés do chão* (2003). Nas palavras deste autor, a crônica deixou de ser um texto com “a intenção de informar e comentar [...], para ficar sobretudo com a de divertir. A linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro” (Candido, 2003, p. 89). Ainda na trilha do pensamento do autor, antes de ser crônica, ela

[...] foi folhetim, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - política, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção

“Ao correr da pena”, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Aos poucos, o ‘folhetim’ foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância (Candido, 2003, p. 89).

A vida de João do Rio expressa as reflexões de Candido a respeito do gênero crônica, à medida em que se singulariza, faz-se ambíguo, filho da cidade, assim como a crônica é “filha da cidade, presa ao instante e veiculada pela imprensa” (Gomes, 2005, p. 16). Dotado de perspicácia e percepção intensa do seu tempo histórico, político e social, João do Rio cria estratégias para driblar os ditames da modernidade que chega às periferias globais. Para isso, ele cria pseudônimos e

um tipo – o dândi – construção afetada, elegantemente vestido, terno bem talhado, camisa de seda, gravata fina, colete colarinho alto e rígido, *plastron*, chapéu de bico, monóculo, bengala, figurino à moda de Paris ou de Londres, que compunha a figura volumosa, beijuda, muito moreno, lisa de pêlo” (segundo Gilberto Amado), que buscava a sensação de ser diferente: um bombo que quer chamar atenção, tudo fazendo, porém, para não ser um Zé Pereira (Gomes, 2005, 16).

Irônica e paradoxal é a natureza de João do Rio. Ele mimetiza a cidade do Rio de Janeiro. Antelo (1985, p.98), em *As rugas de João do Rio*, afirma que o dandismo “mesmo sendo uma atividade de revolta, não configura uma ideologia. [...] Ele apela ao frívolo para se opor ao sério, luta contra o pragmatismo, defendendo o idealismo”, e busca nos dejetos expelidos pelo sistema da modernidade a matéria viva para a criação das suas crônicas.

Os capítulos que compõem a obra de João do Rio, intitulada *A alma encantadora das ruas* (1995), a saber: “O que se Vê nas Ruas”; “Três aspectos da miséria” e “Onde às vezes termina a rua”, ecoam vozes condenadas ao silenciamento que encontram espaço nas ruas. Para esse autor, a rua é a personagem central, considerada por ele um ser vivo e “o motivo emocional da arte urbana mais forte e mais intenso” (Rio, 1995, p. 19).

Enquanto escritor-jornalista, João do Rio personificou a cidade e a retratou de forma mais próxima possível da realidade que ele observa de perto e da paisagem humana apreendida nas ruas, que constituem espaços díspares da cidade onde a vida acontece, ora revestida pelo trágico e o crime, pela miséria e a fome; ora pela arrogância, a futilidade e a opulência que ofuscam suas contradições. “O Rio de Janeiro vive na obra de Paulo Barreto. A cidade foi variando de alma e de fisionomia, mas o escritor acompanhou-a, a todos os instantes” (Antelo, 1985, p. 19). Portanto, é possível afirmar que a rua é personagem central da produção de João do Rio, criada por ele como “[...] um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis [...]” (Rio, 1995, p. 04).

Na crônica *Pequenas Profissões*, de João do Rio, que inaugura a primeira parte de *A alma encantadora das ruas* (1995), ao deter o olhar no negociante ambulante, o escritor retrata as sutilezas de uma profissão ignorada, que encontra espaço nos recantos da cidade. O narrador-protagonista da crônica, em um passeio, acompanhado do personagem Eduardo, no ex-Largo do Paço, observa e decifra a intenção de um cigano “de *frack* e

chapéu mole” se aproximando de um catraieiro que, “pelos seus gestos duros, pelo brilho do olhar, bem se percebia que o catraieiro seria a vítima definitiva, que ele talvez procurasse desde manhã, como milhafre esfomeado” (Rio, 1995, p. 23). É a rua quem abre espaço para o exercício da profissão do cigano. É nesse espaço que os “desgraçados não se sentem de todo sem auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua se abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte” (Rio, 1995, p. 4).

É admirável a sensibilidade do olhar atento do escritor João do Rio. Ele capta, num instante fugaz, a face oculta da cidade, “a ferida escondida pela ostentação”. Ao invés de se aliar aos discursos produzidos em prol da manutenção e justificação de estruturas que intensificam a desigualdade, a exclusão, a miséria de uma parcela da sociedade, seres embrutecidos que “trabalham confinados numa espécie de campo de concentração” (Gomes, 2005, p. 26), ele detém o olhar em outra parcela da sociedade, sustentada pela força do trabalho desses seres invisíveis. Esse autor esmiúça e desvela as causas que levam pessoas a ocuparem certos espaços e a exercerem determinadas profissões, que são:

[...] produtos da miséria ligada às fábricas importantes, aos adelos, ao baixo comércio; o Rio, como todas as grandes cidades, esmiúça no próprio monturo a vida dos desgraçados. Aquelas calças do cigano, deram-lhas ou apanhou-as ele no monturo, mas como o cigano não faz outra coisa na sua vida senão vender calças velhas e anéis de *plaquet*, aí tens tu uma profissão da miséria, ou se quiseres, da malandrice – que é sempre a piores das misérias. Muito pobre diabo por aí pelas praças parece sem ofício, sem ocupação. Entretanto, coitados! o ofício, as ocupações, não lhes faltam, e honestos, trabalhosos, inglórios, exigindo o faro dos cães e a argúcia dos *repórteres* (Gomes, p. 24, grifos do autor).

A crônica coloca em evidência a relação paradoxal instaurada pela corrida em direção à modernização. A máquina, símbolo do progresso, é a geradora da miséria humana. João do Rio é o artista da palavra, dono de uma percepção profunda da realidade, que toma consciência dessa engrenagem responsável pela mudança; e, simultaneamente, faz tudo permanecer em seu exato lugar, mesmo diante das profundas transformações sociais, políticas e culturais da época. A profissão do cigano é uma profissão da miséria, sustentada pelo lixo – calças velhas, anéis de *plaquet* – produzido pelas classes abastardas habitantes de um outro mundo, distante dos monturos. Lugar este onde parte da sociedade encontra condições para a sobrevivência. Mas o escritor adverte: “[...] Entretanto, coitados! o ofício, as ocupações, não lhes faltam, e honesto, trabalhosos, inglórios, erigindo o faro dos cães e a argúcia dos *repórteres* (Rio, 1995, p. 24, grifo do autor).

Já o narrador da crônica lança um olhar enviesado para a condição existencial daqueles que vivem dos restos, dos escombros fabricados pela “civilidade”. É o olhar de quem experiencia o contato íntimo com essa condição, percebe a mudança contida na frase do personagem Tancredo do romance *O Leopardo* (1958), do romancista Giuseppe Tomasi di Lampedusa. E, a partir dessa visão, João do Rio tece sua obra, criando no texto uma via possível de contato com o mundo interior dos seres que sobrevivem das migalhas jogadas nos monturos das cidades. Esse olhar atua como uma porta, que se abre para uma perspectiva humanizadora sobre os relegados ao abandono e ao exercício de profissões da miséria ou da malandrice, “que é sempre a pior das misérias” (Rio, 1995, p. 24).

O livro *O Leopardo* (1958), do romancista Giuseppe Tomasi di Lampedusa, retrata um momento histórico da sociedade italiana, no final do século XIX e início do século XX, marcado pela decadência daquela aristocracia. O príncipe Dom Fabrício, protagonista do romance, dotado de uma inteligência que o diferencia dos demais personagens da trama, e de uma sensibilidade estética que o faz capaz de distanciar-se de si mesmo, perceber o lugar ocupado pela classe aristocrática, em uma época de transição, e encontrar uma saída para a sua sobrevivência e manutenção do seu *status quo*.

Toda essa trama está inscrita na frase dita pelo sobrinho de Dom Fabrício, o personagem Tancredo: “as coisas precisam mudar para continuar as mesmas”. Dom Fabrício adota um comportamento que o coloca na fronteira entre dois mundos distintos, mas que possuem entre si uma intrínseca relação de interdependência, assim como ocorreu em sociedades subalternas, regidas pelo sistema colonial, e que sofreram mudanças somente na superfície das estruturas sociais e se mantiveram na mesma ordem, que prima pela produção da miséria, atuando como sustentáculo da manutenção da burguesia.

É nessa seara que caminha as produções de João do Rio. Em *Os trabalhadores de Estiva*, o leitor se depara com o reluzir dos primeiros sinais que anunciam o compasso do movimento frenético ao despertar da cidade. O olhar do narrador percorre os recônditos das ruas da cidade do Rio de Janeiro, e transfigura os sons produzidos pela máquina, pelos carregadores, catraieiros:

Às 5 da manhã ouvia-se um grito de máquina rasgando o ar. Já o cais, na claridade pálida da madrugada, regurgitava num vai-e-vem de carregadores, catraieiros, homens de bote e vagabundos maldormidos à beira dos

quiosques. Abriam-se devagar os botequins ainda com os bicos de gás acesos; no interior os caixeiros, preguiçosos, erguiam os braços com bocejos largos. Das ruas que vazavam na calçada rebentada do cais, afluía gente, sem cessar, gente que surgia do nevoeiro, com as mãos nos bolsos, tremendo, gente que se metia pelas bodegas e parava à beira do quiosque numa grande azáfama (Rio, 1995, p. 107).

No excerto acima, o narrador descreve o grito onipotente da máquina rasgando o ar, como uma afirmação de sua força, do seu poder e como símbolo do progresso. Este, por sua vez, desponta no ar em dissonância com a claridade pálida da madrugada sobre o cais que transborda trabalhadores, carregadores, catraieiros, vagabundos *maldormidos*, seres desumanizados, incapazes de se reconhecerem dentro dessa engrenagem que os cerceia, e os oprime. O narrador se impressiona com as fisionomias resignadas, seres que carregam na pele a marca da exploração.

A crônica *Velhos Cocheiros*, que também faz parte de *A alma encantadora das ruas*, suscita reflexões em torno da figura do cocheiro. Esta profissão, que vivenciou seu apogeu no século XIX e começa a sentir os sintomas da modernidade com a chegada do automóvel, é o fio condutor da crônica. Nada escapa às lentes do narrador astuto que, ao se deparar com um velho na boleia de um “*vis-à-vis* pré-histórico”, é movido por uma recordação que, no primeiro momento, surge empoeirada como é possível notar na narrativa: “[...] Seria uma recordação literária ou a memória de uma fisionomia de infância? Seria o cocheiro de *Safo*, o irmão mais velho *Simeon*, ou simplesmente um velho cocheiro que eu tivesse visto na doce idade em que todas as emoções são novas? Era difícil adivinhar” (Rio, 1995, p. 71).

No diálogo seguinte a essa passagem, constata-se: “-

Braga, eu sou o Braga”. A identidade do saudoso cocheiro, que cultua a Monarquia, é revelada e, à medida que a narrativa avança, dá-se o encontro entre o novo e o velho sendo construído pela lente sensível do poeta, que se detém em cada detalhe, sem pressa. Isso fica evidente no modo como esquadrinha as relações e descreve as cenas. O narrador-personagem para e, tomado por imensa tristeza, ouve o cocheiro. Ele é tocado pela condição do cocheiro:

Pobre velho cocheiro a quem se dá como às crianças doces de confeitaria! Eu continuava encostado ao *vis-à-vis*, imensamente triste e com a mesma curiosidade de criança.

– Trabalho neste ofício desde 1870. Tinha vinte anos, quando comecei. Toda a minha mocidade foi acabada aqui.

– E não estás rico?!

– Rico?

Soltou uma gargalhada sonora que lhe balançou o ventre e envermelheceu mais. Os seus olhos pequenos olhavam-me da boléia [sic.] com superioridade compassiva. É difícil encontrar um cocheiro de carro que tenha feito fortuna. Enriquecem os de carroça, os de caminhões. De carro, só citam dois ou três em trinta anos. O ofício, longe de tornar ágeis os corpos, faz lesões cardíacas, atrofia as pernas, hipertrofia os braços, de modo que quinze anos de boléia [sic.], de visão elevada do mundo, ao sol e à chuva, estragam e usam um homem como a ferrugem estraga o aço mais fino. O Braga era um velho trapo encharcado. Tanto ádipo dava-me a impressão de que o pobre velho devia ter água nos tecidos (Rio, 1995, p. 72).

No diálogo acima, o narrador abre um espaço para o personagem Braga, como uma porta que se abre para o eco da consciência de si mesmo pela voz silenciada, por meio da qual ironiza sua própria existência e expõe as cicatrizes de uma

profissão – lesões cardíacas, atrofia das pernas, hipertrofia dos braços – metáfora de um sintoma produzido socialmente. É pela voz do personagem Braga, embora ingênuo, que se estabelece um diálogo entre o presente do enunciado e a velha monarquia, “[...] – A Monarquia tinha suas vantagens. Era mais bonito, era mais solene. Não vá talvez pensar que eu sou inimigo da República” (Rio, 1995, p. 73).

Num tom de denúncia, o olhar do escritor-repórter vai além. Ele capta o extraordinário no corriqueiro e o transforma em arte. Ele conduz o leitor pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro, o espaço democrático por excelência onde todos se igualam, “o espaço público partilhado por todos, o espaço da diversidade, da diferença” (Gomes, 2005, p. 2), que se corporifica no alarido de vozes e seres.

### **Considerações finais:**

A crônica, por ser filha do jornal, traz em sua gênese uma intrínseca relação com a sociedade; e, sendo assim, exerce função social relevante. E, ainda, considerando o deslocamento que ela sofreu, deixando de ser exclusivamente informativa, quando se aproxima da poesia, quando o sublime faz morada em sua composição, ela promove uma experiência que suscita a força humanizadora, “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (Candido, 2002, p.82). Ao alcançar esse nível, ela é capaz de abrir portas de dentro, ou seja, portas da sensibilidade, portas para o encontro com o Outro e tantas outras portas que a arte literária tem o poder de abrir, como sugere o poema da nossa epígrafe, *Fábula de um arquiteto*, de João Cabral, “portas por-onde, jamais portas-contra:/ por

onde, livres: ar luz razão certa.”.

João do Rio personifica a rua da cidade e afirma que ela é o espaço de acolhimento, o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte, é o lugar onde os desgraçados podem sentir o auxílio dos deuses ao verem deslindar à sua frente portas que se abrem, pois “uma rua abre para outra rua”. De certa forma, é possível afirmar que a tônica da obra de João do Rio dialoga com o poema *Fábula de um arquiteto*, no sentido de expressar na configuração da rua reflexões sobre o “aberto”, a rua simboliza “portas por-onde” contrapondo-se ao controle estrutural arquitetado para que a relação de interdependência entre os subalternos e a burguesia permaneça, mantendo a “ordem” estabelecida desde tempos remotos.

A partir do recorte da vida e obra de João do Rio, apresentado neste artigo, percebemos que a relação entre literatura e imprensa atua como um agente de sensibilização, de conhecimento e de reflexão de uma sociedade em transformação; e nos possibilita observar como as mudanças sociopolíticas interferem profundamente na vida daqueles passam a ser descartáveis, que já não encontram lugar na nova ordem estabelecida pela “civildade” que “renegou dar a viver no claro e aberto/ Onde vãos de abrir, ele foi amurando”.

## Referências

- ANTELO, Raúl. As rugas de João do Rio. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v. 5, p. 91-105, jan. - dez. 1985.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005 (Academia Brasileira de Letras).
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Para gostar de ler: crônicas*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2003. v. 5, p. 89-99.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p.77-92.

GOMES, Renato C. *João do Rio*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

LAMPEDUSA, Giusepe T. *O Leopardo*. Tradução de Rui Cabeçadas. Printer Portuguesa, 1974.

MELO NETO, Cabral. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

RIO, João. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.